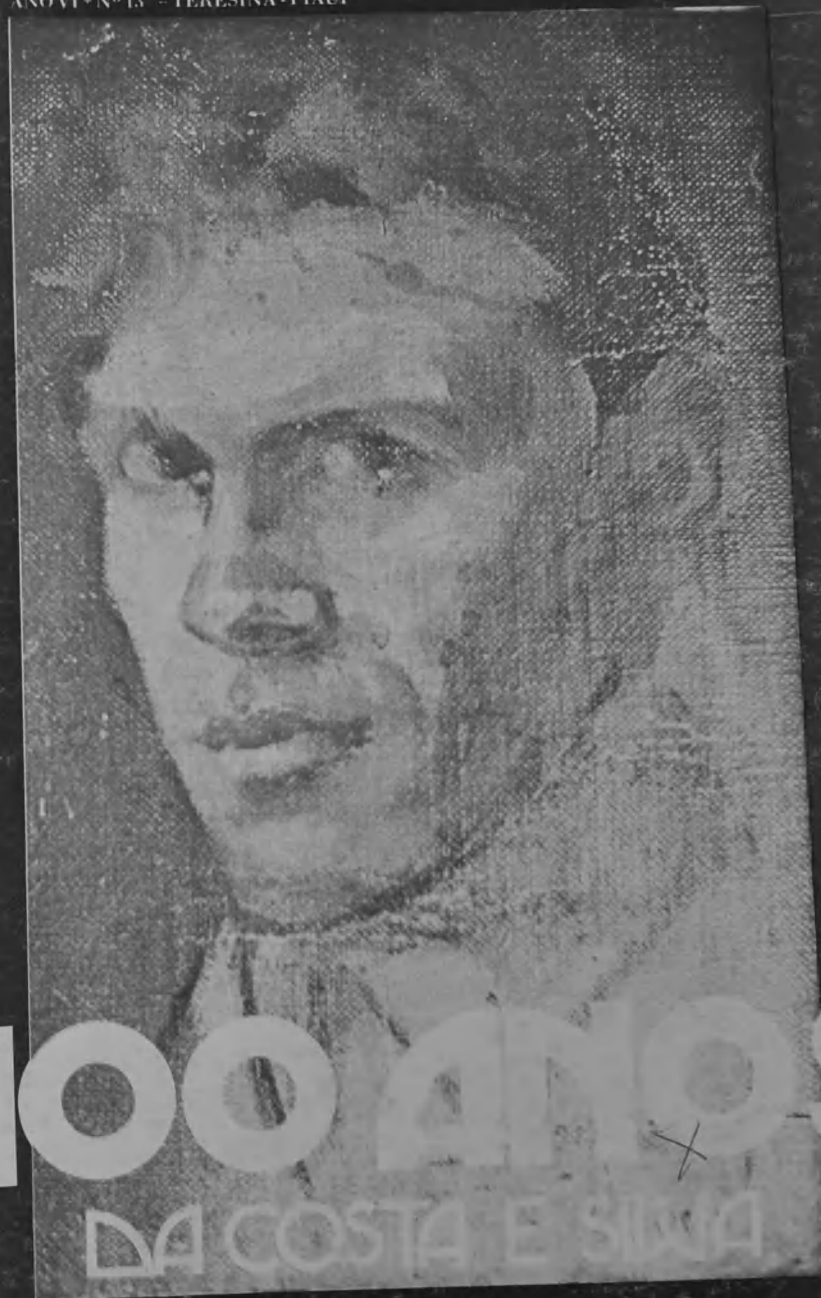


EDIÇÃO ESPECIAL

PRESENÇA

ORGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO VI * Nº 13 - TERESINA - PIAUÍ



100 ANOS

DA COSTA E SILVA

*O homem que deseja crescer
não pode deixar a terra
entregue ao abandono.*

*Cada plano da natureza está
ao dispor do homem para ser
dominado.*

*Amar ao próximo como Deus
deseja é contribuir para
que não falte alimentos a ninguém.*

*Ocupe a terra, plante. Faça
brotar nos quintais, sítios
e fazendas a sua força de
vontade de produzir.*

Crie! Plante!

Orgulhe-se de ser um produtor.



SECRETARIA DE AGRICULTURA



GOVERNO
HUGO NAPOLEÃO

EDITORIAL

Esta edição especial da revista *Presença*, publicação que se impôs pela seriedade do seu conteúdo, é dedicada a um poeta que se tornou o mais rico e expressivo intérprete de nossas emoções: o amarantino Antônio Francisco Da Costa e Silva, cujo centenário de nascimento transcorre este ano.

Nascido em 23 de novembro de 1885, Da Costa e Silva é o autor consagrado de um dos mais belos sonetos da língua portuguesa - *Saudade* - um hino de profunda sensibilidade ao mais grato sentimento da evocação da lembrança.

Resumindo teorias, condensando opiniões as mais diversas, colocando em debate os pontos fundamentais de sua poética, esta edição comemorativa reúne depoimentos lúcidos e importantes, escritos por notáveis intérpretes da poesia do grande vate amarantino.

Da Costa e Silva foi um bravo, um lutador. Espalhou pelos quatro cantos do país o lastro da inteligência piauiense. Lutou com a palavra, porquanto ser a "luta mais vã", na expressão de Drummond, é, entretanto, a forma pela qual os gigantes do pensamento se revelam para o mundo.

Lutou com a palavra, afrontando ventos e tempestades, ruminando estradas tortuosas e moinhos de incompreensões. Mas saiu da lide vitorioso, colocando o nome do Piauí como legenda na história literária do Brasil.

Sua poesia, se traz a vitalidade encantadora das concepções incomparáveis de *Sangue e de Zodíaco*, onde se bifurcam as correntes veneráveis de um simbolismo vigoroso e o parnasianismo

estrutural de uma época exigente, traz também o telurismo das emoções vinculadas à terra; o valor das queimadas e o remanso acalentador; o rio, a cidade de suas nascentes, a vida do nosso povo e os costumes do meio. Ao lado disto, a amarga tristeza da via crucis de *Verônica e Pandora*, onde a poesia de circunstância assume uma fisionomia universal.

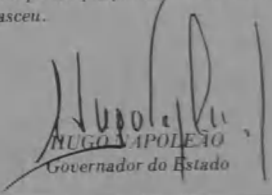
Se foi o mágico da interpretação dos mais subjetivos sentimentos da alma, foi o construtor de uma poesia que percorreu variados patamares de forma. Simbolista e parnasiano nos primeiros livros, no crepúsculo da existência foi o neomodernista que aliou a esta tendência as experiências de uma poesia de configuração plástica.

Este é o poeta que recebe do seu povo a homenagem mais cara - a permanência na memória de cada tempo.

De parabéns o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros pela felicidade de reunir, numa só revista, depoimentos tão importantes para a história literária de nosso Estado.

De parabéns o povo piauiense que começa a conhecer melhor, através do esforço do Governo, aquele que, na vida e na morte tem sido o maior intérprete de nossas emoções.

Este é o poeta que fica, honra e enobrecer a terra onde nasceu.


HUGO NAPOLEÃO
Governador do Estado

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de
Cultura, Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO

Vice-Governador
JOSÉ RAIMUNDO BONA
MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desportos e
Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Estadual de
Cultura
BENJAMIN DO RÉGO MONTEIRO

Editora
LENA MONTEIRO DE CARVALHO

Conselho Editorial
Carlos Evandro Eulálio
Glória Sandes Freitas
Amaury Teixeira Nunes
Diretor Comercial
José Elias Martins Arêa Leão

Redator:
Francisco Leal

Secretária
Sônia M^a. Setúbal Cunha e Silva

Colaboraram nesta Edição Especial:
Guimarães Lima, Cunha e Silva,
Francisco Leal, Clemente Fortes,
Humberto Guimarães, Luis Mendes
Ribeiro, Antonio Carlos Vilaca, M^a
do Socorro Neiva, Da Costa e Silva,
Alberto da Costa e Silva, José
Guilherme Merquior João Emílio
Falcão, Herculano Moraes, M^a. do
Socorro Rios Magalhães.

M^a. Figueiredo dos Reis, Salustiano
O. G. Martins Napoleão
Coelho, Tristão de Athayde, Renato
Travassos, Pompílio Santos, Antônio
Simões dos Reis, Correia Junior, Jose
Oiticica, Helvídio Nunes, Celso Barros,
Coelho, José Luis Maia, Wall Ferraz,
e Cid T. de Abreu

Redação:
Pça. Marechal Deodoro, 816 - Centro -
Fones: 223-4536, 223-4657






Teresina - Piauí - Brasil
Os conceitos e opiniões aqui emitidos,
são de responsabilidade exclusiva de
seus autores.

Montagem - Carlos Alberto e
Deusolito Lopes

Arte-final e ilustrações:

Paulo Moura
Composição, Fotorito e impressão:
Gráfica e Editora Júnior Ltda.

SUMÁRIO

	— <i>Começa o Ano Da Costa e Silva</i>	5
	— <i>Indicações para o estudo de Da Costa e Silva</i> José Guilherme Merquior	40
	— <i>O poeta e sua visão do mundo</i>	22
	— <i>Homenagem do Congresso Nacional a Da Costa e Silva.</i>	30
	— <i>O Aprendizado de Orfeu -</i> Alberto da Costa e Silva	42
	— <i>Da Costa e Silva e a inteligência das mãos.</i>	49
	— <i>A Dívida Resgatada -</i> Herculano Moraes	72
	— <i>João Emilio Falcão no Encontro Nacional de</i> <i>Escritores sobre Da Costa e Silva.</i>	74
	— <i>Itinerário Nostálgico do Poeta.</i>	46
	— <i>A crítica e Da Costa e Silva</i> <i>ontem e hoje</i>	52

Nossa
Capa



Da Costa e Silva -
óleo do artista
plástico Maurício Jubim

NOVEMBRO

Começa o Ano Da Costa e Silva

O "Ano Da Costa e Silva", instituído pelo Governo Hugo Napoleão para assinalar o centenário de

nascimento do poeta amarantino Antônio Francisco da Costa e Silva, foi oficialmente instalado no último dia 23 de novembro, em solenidade

realizada no Theatro 4 de Setembro, com a presença do governador Hugo Napoleão, do secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, e convidados.

A abertura foi feita pelo secretário Jesualdo Cavalcanti, com um discurso que demonstrou a preocupação do Governo do Estado em dar realce especial às comemorações. Após seu pronunciamento, o diplomata e escritor José Guilherme Merquior, que veio de Londres especialmente para este fim, proferiu palestra sobre a obra de Da Costa e Silva.

O MAIS PIAUIENSE

O secretário de Cultura, Desportos e Turismo, em seu pronunciamento, destacou que "para justificar a instituição do Ano que ora se inicia, não direi apenas que Da Costa e Silva é o maior poeta do Piauí, de todos os tempos. Como piauiense preocupado com a afirmação de nossa identidade cultural e, assim, em busca permanente de valores que o caracterizam e enriqueçam, prefiro vê-lo, também, como o mais piauiense de nossos poetas".

Para Jesualdo Cavalcanti, "em verdade, ninguém, como ele, se identificou tão profundamente com a sua terra e soube cantá-la em versos de rara beleza e sensibilidade, e isto sem comprometer a universalidade de sua mensagem poética".

Sob este aspecto - prossegue Jesualdo - estas comemorações assumem caráter também político: O Piauí, orgulhoso, quer nivelar-se à grandeza espiritual de seu poeta maior.

Ao final, o secretário de Cultura, Desportos e Turismo destaca que "se os poetas nos revelam, como ensina Carlyle, o que devemos amar, a obra de Da Costa e Silva é uma permanente e incôntida lição de amor ao Piauí".



Foto: Alcide Filho

Deputado Jesualdo Cavalcanti, na abertura do Centenário Da Costa e Silva

COMEÇA O ANO DA COSTA E SILVA

CONVIDADO

O escritor, ensaísta e crítico literário José Guilherme Merquior - diplomata que serve ao Governo brasileiro em Londres - foi o convidado do Governo Hugo Napoleão para falar sobre a obra de Da Costa e Silva, na abertura das comemorações.

Merquior, durante mais de uma hora, destacou a beleza da poesia do amarantino Da Costa e Silva, comparando-o e igualando-o com os maiores poetas da língua portuguesa.

Também participaram da solenidade de abertura, como convidados, o embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta; jornalista João Emílio Falcão Costa, professor Manoel Paulo Nunes e Ricardo José da Costa Pinto Neto, representante do Ministério da Educação e Cultura.

PROGRAMAÇÃO

No dia 24, a programação comemorativa ao centenário de nascimento do poeta Da Costa e Silva prosseguiu, às 9 horas, no Auditório Herbert Parentes Fortes, com uma conferência do embaixador Alberto da Costa e Silva, sobre a vida de seu pai. A noite, na Praça Da Costa e Silva, foram feitas apresentações musicais e teatrais calcadas na obra do poeta.

No dia 25, também no Auditório Herbert Parentes Fortes, foi realizado um painel de debates sobre o tema "O papel das instituições

culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva", envolvendo representantes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Secretaria da Cultura do MEC,

apresentações folclóricas, musicais e teatrais.

Em Brasília, um dia antes da instalação oficial do "Ano Da Costa e Silva", Câmara Federal e Senado



Flagrante da abertura do Centenário Da Costa e Silva, no Theatro 4 de Setembro

Universidade Federal do Piauí, Secretaria de Educação, Academia Piauiense de Letras, União Piauiense de Escritores, Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Radialistas e estudantes.

No mesmo dia, em Amarante - terra do poeta - foram promovidas

realizaram sessões especiais em homenagem ao maior poeta piauiense. No Senado, falaram os senadores Helvídio Nunes e Nelson Carneiro, enquanto que na Câmara os oradores foram os deputados Celso Barros Coelho e Wall Ferraz.

* Francisco Leal
Jornalista



Prof. Manoel Paulo Nunes, Secretário Jesualdo Cavalcanti e esposa, Governador Hugo Napoleão, Embaixador Alberto Da Costa e Silva e senhora.

RECORTES

Estudantes revivem Da Costa e Silva

O grupo teatral da Escola Técnica Federal do Piauí, dirigido por Paulo de Tarso Libório, vai encenar os poemas "A queimada", "A derrubada" e "As árvores", de Da Costa e Silva, no próximo sábado, a partir das 20 horas, dentro das comemorações pelo centenário de nascimento do poeta amarantino. A informação é da subsecretária de Cultura, Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho.

A encenação será na Praça Da Costa e Silva, dentro do quadro "Revivendo Da Costa e Silva", que também contará com apresentação musical calçada na obra do poeta. Nesta parte serão apresentados os poemas "A moenda" e "Saúde", musicados pelo compositor piauiense Francy Monte.

O "Ano Da Costa e Silva" será instalado oficialmente no próximo dia 23, sexta-feira, às 20 horas, com uma solenidade no Theatro 4 de Setembro, presidida pelo governador Hugo Napoleão.

Após a instalação haverá conferência sobre a vida e a obra do poeta amarantino, a cargo do escritor e diplomata José Guilherme Merquior.

Merquior serve ao Governo do Brasil em Londres e vem ao Piauí especialmente para proferir a palestra. Ele chega a Teresina sexta-feira, ao meio dia, acompanhado do ex-secretário da Cultura, Manoel Paulo Nunes, do embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta; e de Ricardo Costa Pinto, do Ministério da Educação e Cultura.

Journal O DIA

Comissão tem reunião programada

Tendo como presidente o secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, a Comissão Organizadora do Centenário de Vida do Poeta da Costa e Silva, formada pelo embaixador e escritor Alberto da Costa e Silva, Ricardo José da

Costa Pinto Neto, A. Tito Filho, Atília Lira, Benjamim do Rego Monteiro, Manoel Paulo Nunes, João Emílio Falcão Costa Filho, Pompílio, Santos, Francisco Aureliano de Queiroz Câmara e Wilson Fernando, realizarão a sua primeira reunião hoje, às 9 horas, na Secretaria de Cultura Desportos e Turismo.

Na reunião, segundo o secretário Jesualdo Cavalcanti, serão traçados as atividades que deverão ser desenvolvidas de agora até dezembro de 1985, dentro da programação do centenário de Da Costa e Silva.

Journal O ESTADO

Cultura prepara festa de Da Costa e Silva

A Subsecretária de Cultura, Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho, e o Assessor de Planejamento do órgão, João Elias Martins Araújo, encontram-se em Atenas, mantendo reunião com os principais representantes da cidade para a elaboração do programa local para a solenidade de comemoração do Centenário de Nascimento de Da Costa e Silva. O poeta nasceu em Amarante em 23 de novembro de 1885 e faleceu no Rio de Janeiro em 29 de junho de 1950.

Lena Monteiro de Carvalho, antes de ir para Amarante, disse que a programação da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo será desenvolvida no período de 23 a 25 do próximo mês. A abertura oficial do Ano de Da Costa e Silva, será às 20 horas do dia 23, quando haverá, também, assinatura do Decreto instituinte do Ano de Da Costa e Silva. O governador e falarão o governador Hugo Napoleão e o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, apresentação do Coral Nossa Senhora do Amparo, e palestra do Di-

plomata José Guilherme Merquior sobre a vida e a obra do "Príncipe dos Poetas Piauienses".

A programação prosseguirá às 9 horas do dia 24, no Auditório Herbert Parantes Fortes, com uma conferência do Embaixador Alberto da Costa e Silva, filho de Da Costa e Silva, com a participação dos escritores e acadêmicos A. Tito Filho e M. Paulo Nunes, às 13 horas haverá almoço de confraternização no Centro de Convenções e às 20 horas um show intitulado **Revendo Da Costa e Silva**.

No dia 25, às 8 horas, será realizado um painel de debates sobre **O Papel das Instituições Culturais na Divulgação da Obra de Da Costa e Silva**, que contará com a participação da Academia Piauiense de Letras, da União Brasileira de Escritores (UBI), União Piauiense de Escritores, Conselho Estadual de Cultura, Universidade Federal do Piauí, Secretaria de Educação, entre outras. Durante a tarde e a noite serão realizadas atividades em Amarante.

Journal da Manhã

Merquior abre Ano Da Costa e Silva

Uma conferência do diplomata e escritor José Guilherme Merquior, que serve ao Governo do Brasil em Londres, vai marcar, no próximo dia 23, a abertura oficial do "Ano Da Costa e Silva", instituído pelo governador Hugo Napoleão para comemorar o centenário de nascimento do maior poeta piauiense, o amarantino Antonio Francisco da Costa e Silva.

A conferência de José Guilherme Merquior, que também é membro da Academia Brasileira de Letras, será às 20 horas, no Theatro 4 de Setembro. Antes, o governador Hugo Napoleão presidirá a solenidade de instalação do "Ano Da Costa e Silva". A informação é do secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros.

A programação prossegue no dia 24, com uma conferência do embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta, no auditório Herbert Parentes Fortes.

À noite, na Praça Da Costa e Silva, a partir das 20 horas, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo promove "revivendo Da Costa e Silva", com apresentações musicais e teatrais calçadas na obra do poeta.

No dia 25, no auditório Herbert Parentes Fortes, será realizado um painel de debates sob o tema "O papel das instituições culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva". Às 18 horas, em Amarante, serão realizadas apresentações musicais, teatrais e folclóricas.

Transcrito O DIA - 22-11-84 - Pág. 2

O senador Helvídio Nunes e o deputado Celso Barros, ambos do PDS piauiense, prestarão homenagem ao poeta piauiense, Da Costa e Silva, no próximo dia 22, respectivamente nas tribunas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. O "Ano Da Costa e Silva" será instalado oficialmente no próximo dia 23, no Theatro 4 de Setembro, com uma conferência do diplomata José Guilherme Merquior, de acordo com programa divulgado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Transcrito O ESTADO - 19-11-84 - Pág. 6

POETA

A Comissão criada para organizar os 100 anos do poeta Da Costa e Silva esteve reunida ontem de manhã em Karnak. Estavam lá o Presidente, Embaixador Alberto da Silva e Silva (filho do homenageado) jornalista João Emílio Falcão, (vai hoje a Brasília) e o Secretário Jesualdo Cavalcante.

Jornal O DIA

Amarante festeja centenário do poeta Da Costa e Silva

Com apresentações musicais, teatrais e folclóricas, foi encerrada em Amarante, domingo à noite, a primeira etapa das comemorações alusivas ao centenário do poeta Da Costa e Silva. Estiveram presentes o secretário da Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, e o embaixador Alberto da Costa e Silva, filho do poeta.

As comemorações foram iniciadas na última sexta-feira à noite, no Theatro 4 de Setembro, com a presença do governador Hugo Napoleão, quando o secretário Jesualdo Cavalcanti oficializou a instalação do "Ano Da Costa e Silva", que vai até o dia 23 de novembro de 1985. Até lá, serão realizados simpósios, exposições e promovidos debates sobre a obra do maior

poeta piauiense.

Ainda na sexta-feira, no Theatro, o ensaísta, crítico literário e diplomata José Guilherme Merquior fez uma conferência sobre a obra de Da Costa e Silva, comparando-o aos grandes nomes da literatura brasileira. Merquior serve ao Governo do Brasil em Londres e veio ao Piauí a convite da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Sábado pela manhã, no Auditório Herbert Parentes Fortes, com a presença do governador Hugo Napoleão, o filho do poeta, embaixador Alberto da Costa e Silva, falou sobre a vida de seu pai. À noite, na Praça Da Costa e Silva, houve apresentações musicais e teatrais. O coral Nossa Senhora

do Amparo cantou o poema "Saudades", um dos mais famosos de Da Costa e Silva, musicado pelo compositor Francis Monte, que também cantou o poema "Moenda".

Domingo pela manhã, foi realizado no Herbert Parentes Fortes um painel de debates sobre "O papel das instituições culturais na divulgação da obra de Da Costa e Silva", contando com a presença de um grande número de pessoas.

Em Amarante, participaram das comemorações o secretário de Educação, Atila Lira, o representante do MEC, Ricardo Costa Pinto, além dos deputados José Luiz Maia, Homero Castelo Branco e Wilson Brandão.

Transcrito O DIA - 27-11-84 - Pág. 6

Da Costa e Silva

Cunha e Silva

Transcrito do Jornal do Piauí -
12/11/84.



Da
Costa e Silva

Um poeta simbolista

GUIMARÃES LIMA

O Estado do Piauí, a cuja frente há um Governador de alto nível intelectual, que prestigia a cultura, vai comemorar por um ano de solenidades o centenário do seu poeta maior, Antônio Francisco da Costa e Silva, que nasceu na cidade de Amarante, em 1885.

Da Costa e Silva foi, sem dúvida, dos maiores poetas simbolistas, entre nós, que recebeu a influência direta de Antônio Nobre, Antero do Quental e Cesário Verde, portugueses.

Entre os latinos-americanos, Rubén Darío foi igualmente dos poetas que exerceram influência sobre Da Costa e Silva, como dos europeus, o francês Mallarmé e o belga Verhaeren.

Manuel Bandeira chega a dizer da influência de Augusto dos Anjos em Da Costa e Silva, mas Aripino Grieco, e com muita razão, nega essa influência, pois o *Eu*, do poeta paraibano, surgiu sete anos depois de *Sangue*, daquele, já consagrado entre os simbolistas.

Da Costa e Silva serviu em altos postos da administração federal, em vários Estados brasileiros, mas nunca se esqueceu do seu Piauí, de cujos temas é rica a sua poesia.

Dentre esses temas podemos lembrar *Amarante* (sua terra natal), *Parnaíba*, que é o principal rio piauiense, «carpindo as suas mágoas», *Rio das Garças*, «na verde catedral da floresta», *A Balsa*, *A Moenda* e tantos outros.

Aliás, neste último, e a meu ver, está a mais bela onomatopéia de nossa língua, ao imitar a moenda triturando a cana:

«Ringe e range, rouquenha, a
[rígida moenda];
E, ringindo e rangendo, a cana
[a triturar].»

A impressão do triturar da cana é perfeita... ringindo e rangendo.

José Montello, que é um dos estudiosos da obra de Da Costa e Silva, mostra a influência crescente de Antônio Nobre na sua poesia.

Um dos sonhos de Da Costa e Silva era ingressar na carreira diplomática, a que sempre se opôs o nosso Barão do Rio Branco, no seu longo período de chanceler. Perguntando o motivo dessa prevenção, explicou-se o barão: «Na diplomacia não basta a beleza intelectual, que é subjetiva, mas é necessário, e sobretudo, a beleza física».

Convenhamos, porém, entre nós: a prevalecer essa tese, grande parte dos nossos intelectuais seriam, apenas, meros espectadores do nosso Itamarati...

Pedro Nava, em *Balão Cativo*, Memórias, pág. 170/71, descreve o tipo físico de Da Costa e Silva: «... cuja cara amarela parecia um bolo de miolo de pão, com o furo da boca, dos olhos e ventas».

Realmente, feio de espantar.

Não obstante, segundo ainda Pedro Nava, era casado com uma verdadeira «virgem de lábios de mel», do nosso José de Alencar.

A poesia de Da Costa e Silva, que o imortalizou e o tornou idolo de seus coestadianos, me fez lembrar a poesia de Léo Lynce, que também por coincidência, completou o seu centenário de nascimento este ano.

Ambos são poetas maiores, que viverão na memória do povo, enquanto se falar a bela língua que Portugal nos legou.

administrativa. Realmente, Osvaldo da Costa e Silva foi um bom administrador, honesto, voltado, principalmente, para os problemas do ensino. No regresso, convidou-me para entrar num bar da principal rua da cidade. Pediu ao garçon uma garrafa de cerveja para mim e uma garrafa de guaraná para ele. Ao contrário do seu irmão Da Costa e Silva, Osvaldo era abstêmio. Conversamos ali um bom pedaço, e ele contou-me alguns fatos da vida do seu irmão, o poeta, no período da sua juventude, em Amarante. Daí vim a saber que Da Costa e Silva fazia imagens de santos e outros trabalhos esculturais de madeira, sendo apreciador também de serenatas ao luar da noite ao som do violão, com companheiros de boémia, entre os quais a José Maurício da Costa, depois, tabelião público na cidade. Lembro-me também de outro irmão de Da Costa e Silva, de que já falei, o Nica, casado com Dona Luisinha, da família Ribeiro Gonçalves. Nica era comerciante e foi quem primeiro adquiriu uma bicicleta na cidade. O veículo era alvo de admiração do povo. Nica era homem um pouco alto, alourado, forte, bem rosado, tipo de alemão. Disse-me que Rodolfo era o mais inteligente dos irmãos e morreu muito moço ainda. Eupípedes ordenou-se sacerdote e era culto, mas heberão, falecendo também bem moço. Da Costa e Silva, quando jovem, em Amarante, tinha o apelido de Lôla e já cantava os primeiros vóos para o cultivo das musas. Nas suas serenatas noturnas, recitava versos seus e de outros poetas. Luis Mendes Ribeiro Gonçalves - piauiense dos mais cultos e talentosos - ex-senador da República, falecido recentemente, foi um grande admirador da obra poética de Da Costa e Silva, como ele, também amarantino dos mais eminentes. Amarante é mesmo a terra gloriosa de grandes inteligências e de verdadeiros gênios, como Nadir Sobral, Eduardo Neiva, Joca Castro, Winston Roosevelt, escultor, João de Deus do Nascimento, João de Castro Lima (Joca Castro) ficou paralítico aos nove anos de idade - vítima de sífilis - conservando-se preso ao leito desde então, até a morte, mas assim mesmo, resignado e vontadoso tornou-se autodidata, conseguindo bons conhecimentos de Português, de Aritmética, de Geografia, de História do Brasil, de Música. Teve uma Escola em sua residência. Deltado na rede, dava aulas e ensinava música. Foi aluno dele, Joca Castro era exímio compositor e fundou uma banda de música - a Carlos Gomes - rival da Euterpe - outra banda de música da cidade, ambas de facções políticas diferentes, havendo animados duelos entre elas entrando pela noite até ao amanhecer. Bons e alegres tempos aqueles em minha gleba natal! João de Deus do Nascimento era também músico, mecânico, electricista e ferreiro. Em sua tosca oficina de ferreiro, fabricou uma bússola e um candieiro PETROMAX - iguais aos que vêm das fábricas. Ambos morreram na maturidade, deixando fama da sua genialidade.

Costa e Silva, jornalista, escritor, e membro da Academia Piauiense de Letras.

Velho Monge

José Maria Soares Ribeiro

* José Maria Soares, Advogado, Irmão

"Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha...
Nas débeis cordas da lira,
Hei de fazê-la rainha".

(Gonçalves Dias).

Numa manhã de inverno do mês de março, a luz frouxa do sol escoava entre nuvens escuras anunciando, para breve, novas chuvas. O vento fresco do amanhecer suavemente tangia as folhas secas no chão do jardim que ficava no adro da igreja de São Gonçalo, em Amarante. Os pássaros, no topo das árvores, cantavam-se agasalhando, entre os ramos, pipilando, para se protegerem do vendaval que se aproximava.

Estávamos, eu e meu irmão Vicente, passando mais um fim de semana na casa de uma tia-avó, que ficava ao lado da igreja, quando chegaram os nossos primos Fausto e Derval e nos convidaram para passar nas encostas do morro em frente. Atendemos o convite e, como de costume, começamos o passeio subindo à torre da igreja.

Amarante, cidade piauiense, situada à margem direita do Rio Parnaíba, onde nasceu o poeta Antônio Francisco DA COSTA E SILVA, em 23 de novembro de 1.885, é banhada, também, pelo Rio Canindé, que a montante tem sua foz, e pelo Riacho Mulato, que a

jusante tem sua barra; é, em verdade, mais uma península fluvial cercada de água por todos os lados, com exceção de uma estreita faixa de terra (istmo) que a liga ao município. Nessa época do ano costumam acontecer as grandes enchentes dos rios e riachos da região. Crescem as águas do Parnaíba e do Canindé que, na sua foz, quando, de igual volume as águas sobem, elas como que se abraçam, se equilibram e param, momentaneamente... Os flocos de espuma pardas trazidas pelo Rio Parnaíba, aí se aglutinam e se avolumam formando um espesso lençol em torno de um vértice de terra, que penetra na "superfície líquida das águas", na confluência dos dois rios. As espumas vistas à distância, como as velas das jangadas, tornam-se brancas, envolvendo um queixo (o vértice de terra), em forma de um longo cavanhauque que desce e se alonga, sobre o ventre do parnaíba, até perto da pedra-grande, onde, no remanso, se desfaz e desaparece na "superfície trêmula do rio". A figura desenhada no vale, para quem olha do alto, lembra a de um frade deitado, com os braços estendidos, para cima. O braço esquerdo é o Rio Parnaíba; o braço direito é o Rio Canindé; o queixo é o vértice de terra que encima o pescoço; a cabeça é a pequena elevação colocada entre os



Foto: Alcindo Filho

Rio Parnaíba

braços; "a barba branca alongando" é o espesso lençol de espumas que desce, sobre a batina; e a batina, sem cintura, é o próprio leito do rio.

As gargamos o último degrau da escada íngreme, sem corrimão, que nos levava à sala do sino, no alto da terra, assomamos pressurosos às janelas para contemplarmos o vale, para vermos o horizonte. O vento, naquela altura, soprava forte enfundando as blusas de pijama, em que estávamos vestidos; os galhos das árvores estalavam, rangiam e os espíritos rolçãos das palmeiras do adro da igreja encurvados pela ventania, pinçelavam o espaço anunciando a procela, quando exclamem, apontando para baixo, no rumo do rio:

— Olha Derval! o "VELHO MONGE"...

Lá estava ele, desenhado, no fundo do vale, circundando a cidade.

Ainda hoje eu o vejo com os meus olhos de adolescente, como uma visão encantada de minha juventude.

O Velho Monge existe, embora muitos o ignorem; basta que subamos à torre, no período das enchentes (nos meses de fevereiro, março e abril) que ele, todos os anos, aparece majestoso, imponente, lúido, de braços abertos, envolvendo a terra, abençoando a gente.

Voltamos à casa da tia-avó molhados e encolhidos como uns pintos pebreus, em noite de chuva ao pé do muro, e ela, já octogenária, com o passo incerto e a cabeça trêmula, num misto de afeto e de censura, sentenciou:

— "Vocês são uns cabeças de vento, não podem ficar sozinhos, começam a sonhar, perdem o juízo".

A chuva, lá fora, continuou molhando a terra, lavando tudo, e o rio, seguindo o seu destino, em rumo ao oceano...

Gerais Da Costa e Silva

ANTÔNIO CARLOS VILLAGA

Há 25 anos, morria o poeta Da Costa e Silva. Morria pobre e desamparado, no seu refúgio da Tijuca. Viveu longo tempo doente, retirado, silencioso — quase 20 anos. A 25 de junho de 1930, sentiu-se mal. O São paulista, Mário, alaguetado, em um enfarto. O poeta morreu na terra de origem. As 11 horas da manhã de 29, morre serenamente, apoiado em seu filho Alberto.

Terminava o exílio de si mesmo. Alguns poucos amigos fiéis, como Gustavo Linhares Bentzenmuller e Pedro Correia Pinto, o foram enterrar no Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Paula. Quando eu o vi, em 1945, era já um senhor. "Desintegrado, solitário, repellido para si versus dele e de outros, miúdo para o visitante, num automatismo de impressionar. De pijama cinza, largalhão, olhos perdidos, soturno, esguio, o corpo desajustado e magro. A voz baixa, sombria, longínqua". Assim, o vi e o fiz (O Nartz do Morro).

Fausto Cunha escreveu dele com exatidão: "O poeta de Sangue nos deu uma obra forte e vivida, em que se conciliaram as exigências de uma aristocracia estética e as impropriedades de uma sensibilidade profundamente popular. Soube renovar-se sem cessar". Foi parnasiano, simbolista e modernista.

A sua infância é entre a fazenda e Amaranth. Banhou-se no rio Canindé e no Rio Parnalva. Brincou na praia sobre o riacho Mulato. Correu pelo morro. O exílio da natureza. Em 1906, chega ao Recife, bacharel pelo Liceu Piauiense, para se matricular na Faculdade de Direito. São seus grandes amigos Augusto Rodrigues, Carlos Dias Fernandes e Assis Chateaubriand. Em 1908, aos quase 23 anos, publica Sangue, o livro de estreia. Mário Rodrigues no livro: "Hapaz amêmbico, de espaldas estreitas e olhos estrábicos, úmber e luminosamente feio". Assim o vê Pedro Nave, no Balão Cativo. E Antônio Sales: "Um sujeito magro, pálido, desengonçado, um pouco estrábico, de olhos toscos".

Augusto Frederico Schmidt, que o admiro tanto, o recorda com extrema ternura, por ocasião da morte, em artigo de 13 de julho de 1950: "Homeno baixo, moreno, de olhos indefinidos, pouco falado". Schmidt o conheceu em 1919. Da Costa, ou simplesmente Da, para os seus íntimos, vive entre o entusiasmo e a melancolia, o silêncio e a exuberância. Augusto Meyer, Andrade Queiroz, Alagar Renault, Abelardo Rodrigues, Cristiano Castelo Branco o consideravam simultaneamente um artista e um conversador inesgotável.

Laurindo Leão é a influência maior de sua formação, na Faculdade. De Verlaine, Cruz e Souza, Mallarmé, Antero de Nogueira, Bandeira, Cecília Meireles, Sangue é um livro simbolista, o primeiro da última geração do simbolismo. Não se prende ao pensamento modernista de Laurindo Leão, mas canta a solidão, o sonho, a desgraça, a contemplação. Darci Damasceno o estudou em Secretismo e Transição, o Neoparnasianismo, em A Literatura no Brasil. E Andrade Murici, no Panorama do Simbolismo, diz que ele trazia "uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo, uma virtuosidade harmônica e forte, um belo ímpeto arrebatado". Panorama do Movimento Simbolista, vol. III, p. 27).

Alberto de Costa e Silva nota que há três temas em Sangue: o amor materno, o apelo à terra (na distância) e ao exílio e o rio Parnalva. Esses três temas aparecerão sempre na obra do poeta. A mãe, a terra e o rio. Publicação no Recife, pela Livraria Francesa, o livro de estreia logo se esgota. As duas grandes estréias de 1908 são Apoteoses, de Hermes Fontes, e Sangue, de Da Costa e Silva. Crítica e público os consagram. Da Costa usa a simbologia religiosa e a linguagem popular, o catolicismo e a sensualidade.

Olegário Mariano o testemunha, na

Academia, pouco depois da morte do poeta: "Em sua das estréias mais expressivas que pude aplaudir na minha vida". Era comparado a Poe, Antero Leopoldi, Cruz e Souza. Teve a carreira diplomática, por volta de 1910, mas Rio Branco o fez secretamente, por causa da sua laizure. Adm. resolve, sim, os versos, o talento, o conhecimento de línguas, mas o ardeur excessivamente feio para diplomata. Vi filho é que o seria, sete anos depois da morte.

Faz Da Costa e Silva uma peregrinação a Mariana, para conhecer pessoalmente Alphonsus de Guimarães. Foi ali que revelou aos mineiros a importância de Alphonsus. E, no depoimento de Augusto Meyer, foi ainda Antônio Francisco da Costa e Silva quem levou Alphonsus aos modernistas do Rio Grande, na década de 20. Em 1917, logo no começo do ano, Da Costa publica Zodiaco. Foi um grande êxito. Foi Lewis o diria: "A fascinação que teria feito nascer esse exemplo apurado da ligação simbólica europeia, música entre brados sonoros, e o que é não estranho e admirável, trazido pelo espírito não de um metropolitano, mas de um filho do remoto Piauí".

A revista Apolo, do escritor e caricaturista Vieira de Castro, editou o livro. Ilustração de Correia Dias, para uma nova edição, se perderam. Poema sobre a natureza, era a presença do Piauí, da sua paisagem, da sua vida simples, do seu povo. O poeta foi sempre um piauiense apaixonado. A nostalgia da terra. Ele próprio o resumiu — rio, a mata, o mugido dos bois. O soneto Saúde é bem um resumo de toda a sua obra. "Soneto popular, recalcitrante". E o Parnalva, velho monge, as barbas brancas alongando, e ao longe o mugido dos bois da minha terra..."

Livro ainda simbolista, apesar da influência parnasiana. Livro pensado, mas, daquele profunda unidade que caracteriza a obra de Da Costa e Silva. A crítica o reavaliou Pereira da Silva, José Oliveira, Mário Matos, Osório Borba, O Brasil o declama. A qualidade infonica ou coral dos poemas longos, o recalcitrante, Alberto Borba, no Jornal do Recife, 1971, diz que os poemas mais pareciam música, na sua sutileza. Finíssima do verso, euzua da imagística e sonoridade não têm paralelo na sua geração, observa Darci Damasceno.

E Fausto Cunha: "O adeo em verdadeiras demonstrações de mestria rímico-métrica". Pórciles Eugênio da Silva Ramos com agudeza nota que alguns poemas de Zodiaco são pressurosos do concretismo. Por todos, das maravilhosas soluções formais. As silvas, as quantificações, as taxonomias. "Era o fluído que flui das entranhas a estranha...". A sua técnica muito rica só tem paralelo em Alberto de Oliveira, afirma Fausto Cunha. Há nele, como percebeu o mesmo crítico, a tentação do puro verbalismo esquematizador. Mas a sua capacidade de inspiração criadora era tão funda que ele superava o perigo. O poema Verhaeren foi escrito no Corroio da Manhã, de improvisos, em 1917, quando o poeta saíra da morte do grande confrade. A revista Apolo o publicou em folheto.

Antônio Carlos Vilaga — Escritor e crítico literário.

Transmissão de Carlos R. B. —
Jornal do Brasil de 28.9.75.

Revivendo Da Costa e Silva

Extraído da Revista "Sol do Meridiano" N° 03 - Setembro 1950, sob a direção de Hindemburgo

Dobal, O. G. Régio de Carvalho e M. Paulo Nunes - Teresina-PI

Ao Sol do Meridiano

O Governador Rocha Furtado, que ora honra como leitor deste caderno, soube interpretar o sentimento que enlutou a alma piauiense pelo falecimento do maior expoente de nossas letras: o poeta amarantino Antônio Francisco da Costa e Silva. Logo baixou um ato decretando-lhe oficial por três dias, gesto que patenteia um espírito demais compreensivo e verdadeiramente interessado pelo destino da cultura.

A Academia de Letras, de que era fundador o poeta, homenageou-o com uma sessão solene, na sede do River Club, em que falou nosso distinto colaborador, poeta Moura Régio, exaltando a figura do amargurado cantor de "Verônica".

A Associação Brasileira de Escritores, Seção do Piauí, também prestou seu tributo de saudade a Da Costa e Silva, numa reunião de fina espiritualidade, a que compareceram todos aqueles que em nossa terra amam as letras. O Prof. Clemente Fortes - nosso colaborador e brilhante causador da cidade - pronunciou uma conferência, adotando uma parábola que culminou com o estudo do poeta.

Em Amarante, terra do poeta, prestam-se singelas homenagens ao mesmo, inaugurando no alto do morro um monumento - tributo de carinho de seus conterrâneos e amigos.

Ainda se homenageou o nome de Da Costa e Silva em sessões de grêmios literários de colégios de nossa capital, em reunião da Ateca, pela imprensa, pelo rádio, por serviços de alto-falantes, e especialmente nos cafés, onde Da Costa e Silva foi o interesse e a carinhosa atenção de todos nós.

ALBERTO DA COSTA E SILVA

Não podemos deixar de agradecer a colaboração valiosa que prestou a este número nosso querido e distinto amigo Alberto da Costa e Silva, poeta de fina sensibilidade que, doravante, irá colaborar conosco. E Alberto filho de Da Costa e Silva, e a ele estamos particularmente gratos pelos subsídios apresentados, bem como pela poesia inédita de seu pai, que nos orgulhamos de apresentar.

NÓS E A "PROVINCIA DE SÃO PEDRO"

As pequenas vinhetas que ilustram este número são tomadas da "Provincia de São Pedro", que, segundo já fizemos em nosso primeiro número, é a melhor publicação literária do país. Esperamos que M. Vellinho saiba compreender-nos e perdoar.

DIREÇÃO

HINDEMBURGO DOBAL
O. G. RÉGIO DE CARVALHO
M. PAULO NUNES

Durante meses ausente da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação de uma das mais puras expressões da poesia nacional: Da Costa e Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica, que desde o

primeiro número nos viu com simpatia, arrojamo-nos a um empreendimento de maior vulto, para de todo não deixar esquecido o grande e magado cantor de "Verônica". Neste ensejo queremos exprimir nosso absoluto reconhecimento pelo apoio do Governador Rocha Furtado, tanto mais valioso quando se sabe da impossibilidade desta homenagem sem o mesmo.

Correspondência para: Rua Lisandro Nogueira, nº. 1223.

TERESINA - PIAUÍ
N.º 3 - SETEMBRO - 1950

NENHUM elogio enterneceu mais o Coração do poeta amarantino do que ter um livro seu roubado numa livraria do Recife; a edição era modesta, e o anônimo admirador de Antônio Francisco da Costa e Silva quebrou o vidro do mostruário e retirou o último exemplar de "Sangue". Consagrado dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos pela crítica de Clóvis Bevilacqua, Tristão de Athayde, Antônio Torres, Silvio Romero, José Veríssimo, Mário Rodrigues, e

tantos outros, que não contiveram o pasmo admirativo ante a revelação de um grande artista, que raramente recorria ao artifício. Da Costa e Silva morreu contudo no mais acurabimado esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, "Meridiano" prestar um tributo de saudade e carinho aquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra - que dedicou "Zadacu" com este singular oferecimento: "Ao meu longínquo Piauí - na divina evocação de sua natureza maravilhosa". Terra para se amar com o grande amor que tinha, Da Costa e Silva exaltou-a no "Hino" que as crianças entoam nas escolas, "sob um céu de imortal claridade". Eis parte desse cântico:

Salvé! terra que aos céus arrebatas
nossas almas nos dons que possuis; e
esperança no verde das matas, a saudade
nas seras azuis.

"Piauí, terra querida, filha do sol do Equador, pertencem-te a nossa vida, nosso sonho, nosso amor! As águas do Parnaíba, rio abaixo, rio arriba, espalhem pelo sertão e levem pelas quebradas, pelas várzeas e chapadas, teu canto de exaltação".

O. G. do Régio Carvalho



Foto: Alfredo Filho

Foto da capa da revista "Sol do Meridiano"

Governo do Estado inaugura barragem no Vale do Itaueira

A ação do Governo Hugo Napoleão para o desenvolvimento agrícola fundamenta-se no princípio estratégico da agricultura prioritizada.

Consiste em concentrar esforços em regiões e atividades agropecuárias cujas possibilidades de exploração permitam mais rápidas respostas aos objetivos do desenvolvimento do Estado.

Tal princípio requer a adoção de uma política voltada prioritariamente para beneficiar os pequenos produtores rurais, que são os grandes responsáveis pela produção agrícola do Piauí.

Seguindo essa estratégia, o Projeto Vale do Itaueira, de desenvolvimento rural integrado, está dirigido para o atendimento direto aos produtores de baixa renda, através da distribuição de terras e acesso aos recursos hídricos na área do Vale, além de outras ações de apoio direto à produção.

Na área do Projeto, a exploração agrícola resumia-se a cultivos em regime de sequeiro, no período das chuvas. A perenização do rio Itaueira, através da construção de uma barragem,

com capacidade de acumular 43 milhões de metros cúbicos de água, permitirá o controle de cheias do rio Itaueiras e a exploração intensiva do Vale, através da irrigação, que permitirá a certeza da colheita, a multiplicação da produtividade e a obtenção de 02 safras ao ano, com a consequente expansão na produção

agrícola e na geração de empregos permanentes no campo.

O Projeto Vale do Itaueira servirá, igualmente, de exemplo para o aproveitamento de inúmeros outros vales férteis do Piauí, distribuídos ao longo dos rios que compõem a bacia hidrográfica do rio Parnaíba.



PROJETO MAFRENSE

PROJETO VALE DO ITAUEIRA

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO

O que se deve ler para estudar e conhecer Da Costa e Silva

Pompílio Santos



Cesário Verde



Antero de Quental



Charles Baudelaire

Por alguns motivos do conhecimento de poucos, é relativamente pobre a bibliografia sobre a obra e a personalidade do poeta Antonio Francisco Da Costa e Silva. Não temos ainda uma biografia circunstanciada do bardo de Amarante e os poucos estudos esparsos sobre sua criação poética não foram sequer reunidos numa fortuna crítica tendo em vista uma avaliação do poeta.

Como lembra Alberto da Costa e Silva, autor da única análise exaustiva e penetrante da obra dacostiana, o autor de Saudade foi prejudicado pela indecisão de tendências poéticas que lhe marcou a obra literária, caracterizada pelo caráter experimental que vai de "Sangue", fase claramente parnasiana, até "Alhambra", o livro inacabado de teor moderno na linha de Rubén Dario e Verhaeren, passando pelo simbolismo de "Zodíaco", seu maior livro como expressão estética.

O que se segue é um simples esforço de pesquisa no sentido de oferecer subsídios aos que, doravante, pretendam estudar e analisar a mensagem poética do nosso Poeta Maior, ao longo dos próximos meses que marcam a passagem, a 23 de novembro vindouro, do centenário de nascimento de Antonio Francisco Da Costa e Silva. Uma simples e modesta contribuição, é preciso frisar bem. Os mais doutos podem produzir subsídios de mais substância e de maior interesse literário. Tudo vale a pena, se a alma não é pequena, disse Fernando Pessoa. E eu escrevi estas linhas sob o impulso de uma alma gigantesca: o amor pela poesia dacostiana.

- Em "A Literatura Comparada", de Marius François Guyard, temos "o equipamento do comparatista", para usar a expressão do Autor, destinado a nos auxiliar no exame de certos relacionamentos entre Da Costa e Silva, como epigono, e seus prógonos como Antonio Nobre, Camões, Baudelaire, Rubén Dario, Emile Verhaeren e tantos outros. Como expressão de uma literatura nova - a brasileira -, Da Costa e Silva teria que, colocar em sua Poesia as ressonâncias de uma herança poética e cultural.

Muitos tentam reduzir o interesse pelas questões das influências ou empréstimos literários. O campo da literatura comparada seria para essa gente o campo de um esforço inútil - e nesse sentido a própria vida seria um esforço inútil. Na verdade, porém, o estudo das literaturas é o estudo na base do comparatismo. No caso dacostiano, são fundamentais as buscas e aproximações com um Alphonsus de Guimaraes, um Antero de Quental, de tantos outros, num esforço no mínimo de relevância didática para a compreensão da mensagem do poeta de Amarante. E o livrinho de Guyard é um excelente subsídio.

"A Literatura Comparada" - coleção Saber Atual, tradução de Mary Leite de Barros, Difusão Européia do Livro, 1956, São Paulo.

- "A Existência Literária", de Antonio Quadros, insere alguns estudos do maior interesse, tais como "Da angústia germânica à saudade portuguesa", "Invenção e Loucura" e "Modernidade e Tempo". O primeiro é particularmente importante para o estudo da saudade na obra de Da Costa e Silva, num confronto com o saudosismo de Teixeira de Pascoais, o português filho de Amarante lusa e considerado fonte dacostiana.

"A Existência Literária", ensaios, Sociedade de Expansão Cultural, 1959, Lisboa.

- "A Essência da Poesia" (One Poet and one Poetry), de T. S. Elliot, tradução de Maria Luiza Nogueira e introdução de Afonso Romano de Santanna. Embora não tenha uma relação direta com a poesia de Da Costa e Silva, esse volume é fundamental para a compreensão do fenômeno poético e da criação poética do autor de Saudade. Tanto quanto as análises lúcidas de Paul-Valery, poeta francês muito ligado a Da Costa e Silva, na mesma linha de um Baudelaire, Elliot com suas iluminações nos leva a entender a "poesia de primeira linha" (para usar a expressão dele próprio) do amarantino. Afonso Romano de Santana, em sua notável introdução, faz esse esforço de literatura comparada,

sem o qual não avançaremos muito no caso do poeta piauiense.

"A Essência da Poesia", Editora Artenova, 167 páginas, 1972, Rio de Janeiro.

- "Teoria e Hermenêutica Literária" - de Joaquim Ribeiro. Apesar de texto meio passadista, "para uso das Faculdades de Filosofia", esse volume insere alguns estudos do maior interesse sobre Poesia e teorias literárias, interessantes para quem busca um embasamento para analisar Da Costa e Silva. Os textos sobre Camões (fonte importante do Poeta de Amarante) e Manuel Bandeira são particularmente interessantes.

"Teoria e Hermenêutica Literária", 1ª edição, Livraria José Olímpio, 1969, Rio de Janeiro.

- "O que é Poesia", de Fernando Paixão. Para contrabalançar o passadismo dos textos de Joaquim Ribeiro, este trabalho bem moderno e atual, além de bem didático. Fernando Paixão faz parte da jovem guarda e seus textos são inovadores, simples e translúcidos.

"O que é Poesia", 2ª edição, Brasiliense, 1983, S. Paulo. Coleção "Primeiros Passos".

- Poesias Completas - 2ª edição revista e anotada por Alberto Da Costa e Silva - Editora Cátedra - MEC - 1976, Rio de Janeiro. Na verdade, não temos ainda as Poesias Completas do poeta de Amarante, pois há inéditos por publicar. Apesar dos numerosos erros de revisão, temos neste volume de 449 páginas o material mais confiável para um estudo de fôlego sobre a criação poética de Da Costa. A introdução de Alberto Da Costa e Silva (44 páginas) insere o melhor trabalho crítico-analítico já publicado sobre o poeta e sua obra. Esse trabalho indica que Alberto dispõe de todas as condições para o estudo definitivo, tanto biográfico quanto analítico, que esperamos seja editado ao longo do Ano Da Costa e Silva.

- Da Costa e Silva - Antologia - 2ª edição revista e ampliada pela Livraria Corisco, em convênio com a Secretaria de Cultura do Piauí e a Prefeitura de Amarante. Introdução também de raro poder de análise do fenômeno poético de autoria de Alberto Da Costa e Silva, filho do poeta. Não houve revisão, pois foi aproveitada a primeira edição para a fotolitagem. Nessa edição o soneto Saudade, por exemplo, ostenta cerca de 8 modificações, o que é no mínimo digno de um exame minucioso. Publica-se interessante bibliografia sobre Da Costa e sua obra, da qual se pode

destacar os estudos de Tristão de Athayde, Darcy Damasceno, Willy Lewin e Antonio Carlos Vilaça. Excelente ponto de partida para a formação da fortuna crítica do poeta.

- Poesias Completas - de Rubén Dario - Aguillar Ediciones, Madrid - 1952. Introdução e notas de Alfonso Mendez Plancarte. O poeta de Azul é uma das principais fontes estrangeiras de Da Costa e Silva, cuja obsessão pela cor azul parte da criação rubéndariana. A palavra azul comparece 87 vezes nas poesias dacostianas. E o poema Velha Interrogações, que encerra Alhambra, livro inacabado, é uma clara recorrência a "Lo Fatal", que também encerra os "Cantos de Vida Y Esperanza, Los Cisnes Y otros poemas", publicado em 1905.

- História da Literatura Hispano-Americana, das origens à atualidade - de Bella Jozef - Editora Vozes, 1971, Rio de Janeiro. Obra publicada em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Do maior interesse os capítulos 6 (Modernismo) e 7 (Pós-modernismo), em especial na parte ligada a Rubén Dario, "a figura culminante do modernismo", e uma das fontes de Da Costa e Silva, como se disse anteriormente, "O programa estético do modernismo, diz Jozef, já estava enunciado quando apareceu a revista Azul (não confundir com o livro de Dario com o mesmo nome) mas Dario aperfeiçoa e amplia seu cenário, refazendo a linguagem poética espanhola".

Emile Verhaeren, talvez a principal fonte estrangeira de Da Costa e Silva. Por ocasião da morte trágica do poeta belga, em 1916, Da Costa e Silva chegou a escrever um poema intitulado Verhaeren, publicado em folheto em 1917, no Rio de Janeiro, pela Oficina Tipográfica Apolo. Para o estudo das relações Verhaeren - Da Costa e Silva eis quatro obras fundamentais: "Les Meilleures Pages d'Emile Verhaeren", de L. Christophe; Emile Verhaeren, Hier et Aujourd'hui, de R. Bodart; Poèmes Choisis d'Emile Verhaeren", por R. Vivier, e "Le Centenaire d'Emile Verhaeren", todas publicadas em Bruxelas, Bélgica. No nosso entender, Rubén Dario e Emile Verhaeren são os principais prógonos de Da Costa e Silva.

- Poesias Completas de Da Costa e Silva - Edições O Cruzeiro, 1950, Edição organizada por Alberto Da Costa e Silva. Valiosa essa edição, tendo em vista um confronto com a segunda edição da Editora Cátedra. Nas notas de orla são citados, como fontes do poeta, apenas Antonio Nobre,



Ruben Dario

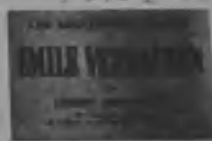
EMILE VERHAEREN

poèmes choisis



édition établie
et présentée par
ROBERT VIVIER

Emile Verhaeren



COLLECTION
ANTHOLOGIQUE
BELGE

Les Meilleures Pages



Augusto dos Anjos

Baudelaire, Verlaine, Cruz e Souza e Verhaeren.

- A modernidade e os Modernos, de Walter Benjamin (Biblioteca Tempo Universitário, 1975, Rio de Janeiro. De muito interesse o segundo capítulo, "Sobre Alguns Temas de Baudelaire", no qual se pode estudar as relações Baudelaire/Da Costa e Silva. Como já notou Alberto Da Costa e Silva, a crítica brasileira parece desconhecer o verdadeiro espírito do simbolismo, cometendo em consequência uma série de equívocos a respeito do experimentalismo, do nosso Poeta Maior. Esse livro de Walter Benjamin é muito esclarecedor no que se refere à análise do simbolismo e temas afins.

- "Toda a poesia de Augusto dos Anjos", com excelente estudo crítico de Ferreira Gullar. Paz e Terra, 1976, Rio de Janeiro. O poeta paraibano está presente em algumas criações dacostianas do livro "Sangue", com o qual Da Costa estreou em 1908, no Recife (Livreria Francesa). Os sonetos Odio Bendito e Ironia Eterna, por exemplo, são evidentes ressonâncias do imenso poeta de EU e outros poemas. O ensaio de Ferreira Gullar é definitivo, sendo mesmo o melhor estudo já publicado sobre a obra de Augusto dos Anjos.

- Genio Y Locura, de Karl Jasper - Aguilar S/A de Ediciones, 1961, Madrid, Tradução do alemão por Agustín Caballero Robredo. Notáveis ensaios sobre Strindberg, Van Gogh, Swedenborg e Holderlin. Da Costa e Silva pode ser colocado nesse contexto jasperiano que coloca o gênio na zona fronteira da loucura. De fundamental importância o capítulo dedicado ao poeta Holderlin, bem como o capítulo 6º: "La esquizofrenia Y La Cultura Actual".

- Cruz e Souza - Coleção Fortuna Crítica - Seleção e textos de Afrânio Coutinho, Civilização Brasileira/MEC, 1979, Rio de Janeiro. No plano nacional, Cruz e Souza projeta fortes jactos simbolistas sobre a obra de Da Costa e Silva, que entretanto marcou sua trajetória poética mais no sentido do experimentalismo, ou do sincretismo de estilos e processos, sem se demorar e se caracterizar como simbolista, o que de certa maneira o colocou em situação complexa no meio da crítica da época. Há muito - diga-se de passagem - Da Costa e Silva devia compor essa notável Coleção Fortuna Crítica.

- O Mito de Prometeu - ensaios literário - de Roberto Alvim Corrêa. Livreria Agir Editora, 1951,

Rio de Janeiro. Pelo menos três ensaios deste livro nos ajudam a aprofundar a análise dacostiana: Baudelaire, cristão, Relendo Verlaine e O Cemitério Marinho, este o famoso livro de Valéry. Com efeito, o estudo do grande simbolismo francês é fundamental pelo menos para desfazer os imensos equívocos de certa crítica brasileira quanto ao tão caluniado simbolismo no Brasil.

- Homens que iluminam, de Cristino Castelo Branco, Gráfica Editora Aurora, 1946, Rio de Janeiro. O capítulo Letras Piauienses (Clodoaldo Freitas e Da Costa e Silva) insere notas curiosas sobre o processo de criação poética do nosso Poeta Maior. Apenas não aceitamos aquela explicação a respeito do soneto Saudade. O soneto famoso é muito bem elaborado para ter sido produzido de improviso, como se fosse obra de cordel. Da Costa, decerto, já o tinha na cabeça, nos seus 14 versos, quando o declamou para os amigos de república.

- A continuidade Poética em Da Costa e Silva, de J. Carlos de Santana Cruz, Editora Nossa, 1976, Teresina. Apesar de alguns equívocos, trata-se de esforço positivo para uma análise séria e profunda da criação dacostiana. O soneto Saudade, por exemplo, é transcrito de forma errada por culpa de um beletista local que escreveu trabalho de circunstância sobre a vida do poeta. Erro aliás repetido no painel da Praça Da Costa e Silva. Santana Cruz transcreve bibliografia muito interessante a respeito de Da Costa e Silva, da qual destacamos os trabalhos de Tristão de Athayde, Nestor Vitor, Agrippino Grieco e Fernando Góis.

- A Literatura e o Mal, de Georges Bataille, Editora Ulisseia, 1957, Lisboa. Trabalho importante pelo capítulo dedicado a Baudelaire, uma das fontes estrangeiras do nosso Da Costa.

- De Poetas e de Poesia, de Manuel Bandeira, Edições de Ouro, 1967, Rio de Janeiro. Penetrantes estudos sobre Mallarmé e Antero de Quental e Raul de Leoni. Contemporâneo de Da Costa e Silva, Bandeira foi de certa maneira um experimentalista da linha do autor de Zodíaco. Do mesmo volume também valioso o trabalho "Poesia e verso", no qual Bandeira estuda com muita sensibilidade a poesia de alguns gregos e muitos troianos.

- Em "As origens da forma na Arte", de Herbert Read, há pelo menos dois notáveis trabalhos que iluminam o processo poético de Da



Teixeira de Passos



Costa e Silva, bem assim a personalidade do poeta: O Poeta e Sua Musa" (pág. 121) e Beleza e Feitura (pág. 35). Aquela controvérsia levantada por Cristiano Castello Branco, por exemplo, em torno do soneto Saudade, que teria sido declamado de improviso por Da Costa, à maneira de cordel, será melhor entendida através das páginas de Read. Parece, aliás, que o que faltou a Cristino ao defender esse ponto de vista, foi simplesmente embasamento teórico quanto

a processos poéticos. A parte do ensaio dedicada às teorias de Valéry, um dos mestres do poeta de Amarante, é particularmente valiosa e esclarecedora.

"As Origens da Forma na Arte" (The Origins of Form in Art) - Herbert Read, Zahar Editores, tradução de Waltensir Dutra, 1967, Rio de Janeiro

- "A Face Visível", de Fábio Lucas, dedica 70 páginas sob o título Poesia: Renovação e Tradição, nas quais estuda de maneira lúcida



ALPHONSE DE GUIMARÃES

Alphonse Guimarães

e penetrante a função da Poesia Renovadora. Destaque especial para alguns poetas mineiros, como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e (no passado) Bernardo Guimarães. Dada a ligação de Da Costa e Silva ao "espírito de Minas", através de Alphonse de Guimarães, a análise de Fábio Lucas é oportuna e digna da melhor atenção.

"A Face Visível", Fábio Lucas, Livraria José Olympio Editora, 1973, Rio de Janeiro. ●

* Pompílio Santos
Jornalista, pesquisador e crítico literário.
Membro do Conselho do Centro Maria Da Costa e Silva.

Gerais

Um instantâneo do poeta

Nasceu a 23 de novembro de 1885, à Rua das Flores, em Amarante, Piauí. Ali estudou as primeiras letras, não tendo oportunidade de ser traquinas: uma educação severa amoldou-lhe as tendências condenáveis. Aos 14 anos dava aula a garotos pobres, tendo ido para Pernambuco ainda adolescente. Numa república da Rua da Saudade escreveu os primeiros versos, e aquele célebre "Saudade", que ditou a um companheiro de quarto. Possuiu, como Humberto de Campos, seu cafuné, que não plantou e nem regou. De Recife foi estudar medicina na Bahia, induzido pelo poeta Bastos Tigre. Dêsse primeiro contacto seu o poema "Sangue", do seu livro de estréia. Voltando a Terestina fez concurso para a Fazenda, e, nomeado, andou pelo Maranhão, onde fez intimidades. Amazonas, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul, alcançando as mais elevadas funções. Como recordação desse tempo guardava, com carinho, uma placa de prata, ovoide, circundada de relevos burilados, tendo ao centro o "Saudade" e esta dedicatória: "Ao Dr. Da Costa e Silva, homenagem dos seus colegas da Delegacia Fiscal. Manaus, 23-11-928". Em Porto Alegre lhe ofereceram uma Justiça de brônze, simbolizando sua integridade e a admiração dos colegas. Casou-se no Recife, em 1913, com D. Alice Salmon e dessa

união vieram os filhos: Mario, Márcio, Benedito, respectivamente médico, bacharel e funcionário do Ministério da Educação. Em 1919 morreu-lhe a esposa, acontecimento que lhe inspira "Verônica". Nove anos depois contrai matrimônio com D. Creusa Fontenele, cearense, de cujo consórcio tem Alice, Alberto (também poeta de finas qualidades) e Elisabete. Indo para o Rio, Amadeu Amaral, Olegário Mariano e outros lhe ofereceram um almoço. Algumas de suas preferências literárias: Verhaeren, Baudelaire, Mallarmé, Antó Nobre, Bilac, Cruz e Sousa. Seu soneto predileto: "Rio das Carças". No modernismo, considerava vultos notáveis: Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Menotti del Pechia. Seus livros: "Sangue", chamado "avis rara" por Antônio Tóres, "Zodiaco", premiado pela Academia Brasileira, "Verhaeren, dedicado ao mestre e amigo, "Pandora", tão elogiado por Antônio Sales, e "Verônica", um preto de ternura à memória da primeira esposa. Conhecia o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. Da sua produção esparsa há alguns versos publicados e seu lindíssimo Hino dedicado à terra piauiense, composto em 1923. Anunçou um livro chamado "Alhambra", que nunca veio a lume... Morreu a 29 de junho de 1950, no Rio de Janeiro. ●

Conversando com Da Costa e Silva

REPORTAGEM DE Salustiano Coêlho

Especial para a *Voz do Estudante* nº. 1.

Em sua residência, recanto ameno de Fortaleza, a Rua Barão do Rio Branco. Um pouco da vida e obra do grande poeta que silenciou. Com saudades de sua terra e de sua gente. «Morreu em mim o sabia que cantava...»

Da "Coluna da Hora" saem quatro pancadas. Moaci Campos, Acilino Marcilio e eu deixamos o "Café Glôbo", num dos ângulos da Praça do Ferreira, onde borborinha muita gente, numa confusão de trajos e de línguas. Tomamos o ônibus e partimos silenciosos, cada um revendo coisas do passado que o pensamento evoca num instante. Há sombras, deante de nós, que surgem vestindo a roupagem vaporosa de outros mundos envôltas pelo halo maravilhoso que circunda a imagem dos mortos, nas aparições tranquilas que a inteligência fantasia. Passamos em revista os maiores representantes das letras piauienses dos tempos idos — Marquês de Paranguá, Davi Caldas, Coêlho Rodrigues, Clodoaldo Freitas, Herminio Castelo Branco, Anísio de Abreu, Felix Pachêco, Abdias Neves, Jonas da Silva, Antônio Chaves, uns construtores de glórias imortais. Estamos emocionados, corações comprimidos, dife-rentes. É que, abandonando as banalidades cotidianas, vamos viver uma hora sublime e eterna, conversando com um vulto sagrado, a expressão viva e grandiloquente da literatura do nosso Estado, o príncipe dos poetas piauienses, modelador supremo de símbolos que marcam uma época — Da Costa e Silva, nome que é um sol a expargir raios de luz sobre todo o território nacional, numa luminosidade tão forte que os seus reflexos atingiram também a pátria de Castilho.

OUVINDO O SOLUÇAR DAS MUSAS

O veículo para, e descemos. O poeta mora ali à Rua Barão do Rio Branco, 2027. Poucos minutos após estamos à porta daquela residência que contemplamos com respeito e veneração, deante da qual nos des-

cobrimos com humildade e amor. Aquela mansão, situada dentro de um jardim, que as flores enfeitam e perfumam, para nós guarda uma reliquia, é um sacrário que o turbulo da nossa admiração vai incensar. Batemos palmas. Da. Creusa nos vem receber com um sorriso a dansar na face alva e simpática.

— Da Costa — anuncia, à nossa

apresentação, falando para a alcôva, a esposa do vate — aqui estão uns rapazes do Piauí que vieram visitar-te. Ele aparece em pijama, braços cruzados, na mesma postura solene em que já se deixara fotografar várias vezes. Vinha com o semblante aberto, a repetir comovidamente — "Rapazes do Piauí" E quanta ternura punha na voz melodiosa ao pronunciar o nome

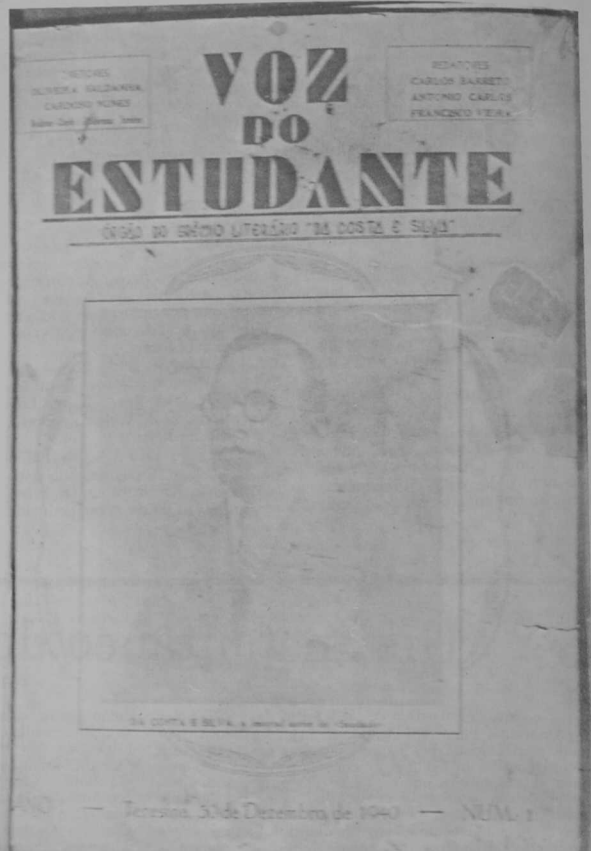


Foto: Alcide-Filho

querido! Abraçou-nos com afabilidade, e sentámo-nos.

Moaci Campos comunica a homenagem que os alunos do "Ateneu Piaulense" e "Academia de Comércio" lhe haviam prestado, fundando um grêmio literário a que deram o seu nome. Da Costa e Silva agradece e, sensibilizado, comenta: "É, mas eu já não escrevo, já não faço versos, morreu em mim o sabiá que cantava..." Então, parecemos ouvir o soluçar das musas esquecidas pelos cantos, alguma coisa está chorando dentro de nós, há gemidos e suspiros pelo ar. Sua esposa nos conta que faz 8 anos que ele vive doente, nervoso, esquecido. "Porém, agora, afirma ela, está assim como vocês veem, bem melhorado. E isto vai modificando a vida triste, de sofrimentos e desgostos, que eu levava. Já Deus vai me proporcionando motivos de ter prazeres. O que bastante o entristece é não possuir mais aquela inspiração quente e viva de antes. Diz êle que nunca mais publicará uma poesia inédita. Para que, se não terá o valor, a beleza e perfeição das que já produziu... Acho que tem razão. O conceito de que



Alice de Salomon, primeira esposa do poeta, em foto tirada por volta de 1914.

gosa, quem é Da Costa e Silva..." E termina numa reticência, o pensamento longe.

O POETA FALA DE SUA VIDA

— Queremos fazer uma entrevista com você, pedimo-lhe. E êle acede. Repetimos uns versos que escreveu sobre a sua terra e perguntamos qual todo o seu nome, quando nasceu.

— Antônio Francisco da Costa e Silva. Nasci a 23 de Novembro de 1885, na Rua das Flores, em Amarante, Piauí. O bardo põe na inflexão da sua voz lenta o amargor delicioso de uma saudade enternecida, os seus olhos pequenos se comprimem, proinquietando ver o passado distante e inesquecido. Ali estudou as primeiras letras, brincou sobre os lagédos frios daquele morro que vem terminar dentro da cidade. Nas claras manhãs de Junho correu pela Avenida Amaral, Parnaíba. Não teve tempo de ser mau e traquinas, uma educação severa amordaçou-lhe as tendências condenáveis. Com 14 anos dava aulas; alguns garçotes pobres iam receber as lições que ministrava com interesse. Aos 15 foi para Pernambuco, deixou as plagas queridas de que iria ter tantas recordações, reminiscências que o obrigariam a escrever, mais tarde, numa "república" da Rua da Saudade, os seus primeiros versos um soneto clássico na nossa literatura, que dá a certeza de que o nome do seu autor permanecerá entre as gerações, como diz Múcio Leão. Quem não há de gostar mesmo daquele lirismo encantador e terno de "Saudade", que anda por aí, em revistas, livros e jornais, sendo declamado em toda roda, interpretação magistral de um sentimento que todos temos dentro de nós — o amor acendrado à terra berço que a distância acrisola. Possuiu, como Humberto de Campos, o seu cajueiro, que não plantou e nem nexou todas as manhãs, com a água calda do rosto tenro, como fizera o filho de



Da Costa e Silva na época em que publicou Sangue



Foto dos filhos do poeta, publicado no Jornal "A voz do Estudante", nº. 01 de 30/12/1940.

Miritiba. Em sua casa de Amarante conservam a árvore estimada porque suportou nos galhos, e agasalhou à sombra, menino ainda, o cantor imortal.

FOI UM BOÊMIO APAIXONADO

— E de Pernambuco, para onde foi?

— Estudar medicina na Baía, induzido por Bastos Tigre, o grande poeta da Maurícia. Mas abandonei o desejo de ser médico um ano após. Esse negócio de andar abraçado com cadáveres que sangram, nas aulas de anatomia, não era comigo. Sorrindo, acrescenta: — E sabem que esse contacto com a ciência de Hipócrates até serviu, me inspirou um poema elogiado, "Sangue". Voltando a Pernambuco, se formou em direito, fez um concurso para a Fazenda e, nomeado, andou pelo Maranhão, Amazonas, Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, passando por todos os postos da carreira, numa ascensão rápida e merecida, sempre acatado, elogiado e sendo escolhido para desempenhar as mais altas comissões. Como recordação desse tempo, Da. Creusa nos mostra uma placa de prata, ovalde, circundada por relêvos burilados, tendo gravado no centro o lindo soneto "Saude", e trazendo no alto um oferecimento: "Ao Dr. Da Costa e

Silva, homenagem dos seus colegas da Delegacia Fiscal - Manaus, 23-11-928". Apresentou-nos, também, um bronze simbolizando a Justiça, o que traduz o elevado conceito em que era tida a dignidade do ilustre homem de letras, oferecido ao chefe como testemunho de amizade e recordação de sua estada no Rio Grande do Sul.

O poeta fala de sua vida de estudante em Pernambuco e Baía. Vida boêmia e delirante de apaixonado, passada entre tantos companheiros inolvidáveis. Lembra-nos-lhe o nome de Jaime Rios, aquele colega para a barba de quem endereçara, em uma quadrilha humorística, as pulgas impertinentes da "república". Da Costa e Silva ri e medita. Casou-se no Recife, em 1913, com Da. Alice Salmon, e dessa união são os seus filhos: Mário, Márcio, Benedito, respectivamente médico, bacharel e funcionário do Ministério da Educação. Em 1919 morre-lhe a primeira esposa, acontecimento que enche de desalento e melancolia a sua alma sensível, angústia que chora nos versos comentados de "Verônica". Nove anos depois contrai matrimônio em Manaus, com Da. Creusa Fontenele, cearense, de cujo consórcio tem Alice, Alberto e Elisabete, todos bem vivos e inteligentes. Alice, a mais velha, que fôra com os outros trocar as roupinhas para uma fotografia, volta, apressada, dizendo que o seu mano de 9 anos vai

ser poeta e que para isto já fez um soneto. Alberto confirma com recato, e orgulhoso acrescenta que sabe, de côr, muitas produções de seu pai.

NUM ALMÔÇO, ENTRE LITERATOS

Indo para o Rio de Janeiro, Amadeu Amaral, Goulart de Andrade, Ademar Tavares, Olegário Mariano e outros, lhe oferecem um almoço. Conheceu Silvio Romero, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Machado de Assis, Paula Ney, Coêlho Neto, Humberto de Campos, Paulo Setubal, e conviveu com vários desses literatos. Os seus outros preferidos são: Verhaeren, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Gonçalves Crespo, Eugênio de Castro, Antônio Nobre, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Bilac, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos.

Cada autor tem uma produção que reputa melhor, por motivos íntimos e vários, decorrentes das condições em que a escreveu. Perguntámos, então, ao grande aêdo, que o destino fez silenciar, qual o seu soneto predileto: — "Rio das Graças, alexandrino", respondeu-nos. Pedindo sua opinião sobre a poesia nova, disse-nos que a admira, mas não seria capaz de abandonar, por ela, a sua velha maneira de fazer versos. Remanes-

cente de escolas anteriores ao modernismo, considera vultos notáveis Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Manuel Bandeira

O MAR, UMA IMAGEM DA VIDA QUE LHE INSPIRA...

Foi olhando o Atlântico majestoso, a rendilhar de espumas as alvas praias cariocas, que Da Costa e Silva compôs esse primor de arte simbolista, que é "O engenho de madeira", elogiado por Júlio Dantas, o português respeitável de "A Ceia dos Cardeais". Poeta pelo sentimento, sem artifícios, espontâneo, harmonioso e fecundo, poeta na mais alta expressão, em toda a extensão do termo, publicou: — "Sangue", um livro forte e impressionante; "Zodiaco", a sua obra prima, premiada pela Academia de Letras; "Verhaeren", poema sobre esse extraordinário vate belga, mestre de Stefan Zweig, com quem se correspondeu; "Pandora", que arrancou de Antônio Sales, o primoroso escritor cearense ha pouco

desaparecido, os maiores elogios, poemas de um sensualismo delicioso que arrebatava; e "Verônica", a sua última coleção de poesias, um preito de ternura à memória da companheira morta. Homem culto, conhecedor de vários idiomas, dentre eles o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. Da Costa e Silva foi ainda um habil e apreciado cronista e crítico literário cobijado pelos jornais de todas as paragens por onde passou. Dele disse Antônio Sales, pela imprensa do Rio: "Quem conhece, como eu, a obra de Da Costa e Silva, ha de afirmar comigo que entre os candidatos à sucessão da gloriosa triada dos grandes poetas parnasianos — Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac - ele é um dos que melhores esperanças dão à poesia nacional". E teria entrado para a Academia de Letras, o que foi ainda cogitação de muitos dos seus pares, se a traiçoira moléstia não o houvesse atingido tão cedo.

Por entre as produções esparsas de Da Costa e Silva descobrimos lindos versos que tem, escrito a lapis, este nome atraente "Alhambra". O vate explica com desalento: "Este seria um livro que eu teria publicado, mas que ainda poderá vir a lume..." Falamos-lhe de Célio Pinheiro e do seu livro que acabruncha e encanta — "Poesias" — brados de agonia, pessimismo e revolta de u'a alma vencida. E ele teve palavras de simpatia e respeito para com o êmulos que lhe fica um pouco abaixo.

Eram quase 18 horas. Despedimo-nos, e sai pensando se ainda teríamos a felicidade de ler aquele "Alhambra" que seria mais uma afirmação da glória conquistada por Da Costa e Silva, figura marcante das letras piauienses, de quem tanto se orgulha o meu Estado, poeta mavioso que todo o Brasil conhece e admira, um rouxinol que já não canta...

Estrada do jornal "A voz do Estudante"
- n.º 61 de 30/12/1940 - Teresina - Piauí.

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoleão, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrónio Portella para editar livros que rellitam o Piauí, seu povo, sua cultura.

Av. Miguel Rosa, 1.300 - S. Teresina (PI)



**PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA**



Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo

Série de artigos escritos por Da Costa e Silva no Jornal "Correio da Manhã" entre os anos de 1923 a 1927. Transcritos de acordo com os originais.

O poeta e sua

I Um elogio

Também eu já tive a emoção da immortalidade em vida. Emoção transitória, é verdade, mas agradável como todas as coisas fúteis deste mundo.

A ação passou-se no Piauí, onde ha, como em toda parte, uma academia de letras, felizmente composta apenas de literatos e annexos, o que se trata de uma companhia pobre numa terra onde os livreiros só poderiam deixar dívidas.

Admirável, por isso, é o esforço, a tenacidade dos académicos piauienses, agrupando-se num centro de intelligencia e estudo, em um sympathico movimento de actividade litteraria e científica.

Todas essas circunstâncias vencem as rebeldias do meu espirito, insistentemente infenso a essas consagrações, degenerando ordinariamente em conclusões de elogios mutuo ou de exhibitionismo peores.

E assim, em pleno gozo da minha immortalidade estadual tive a satisfação intima de reverenciar a memoria de Leopoldo Damasceno Ferreira, tentando fazer o elogio de um sabio, ou o panegyrico de um santo.

Não conheci individualmente o grande piauiense, que elegi meu patrono, mas, desde menino, travei devotada intimidade com o seu espirito, através da admiração cultural do meu pae, seu conterraneo e companheiro de infancia; e do meu irmão mais velho que, seu discípulo e colega, padre, e poeta como elle, me falava sempre com incontido entusiasmo da sua intelligencia prodigiosa e da sua cultura invulgar.

Conheço-lhe a vida e a obra que sempre me inspiraram interesse e sympathia, cada vez mais crescentes. A existencia do homem e do padre, nas suas manifestações exteriores, podem enquadrar-se em rapida biographia.

O conego Damasceno Ferreira nasceu em Oeiras, em 1857; estudou primeiras letras em Therezina; preparou-se em humanidades, com raro brilhantismo, num antigo seminário da corte; fez o curso superior na celebre faculdade catholica do Saint-Sulpice, onde foi laureado em direito canonico em 1883. Depois de ordenado, foi viajar completando, pela observação dos logares celebres, a solida cultura que bebera: viu a Suissa democratica e modelar; viu Roma lendaria; viu Jerusalem immortal. Regressando á patria em 1887, foi depois de professor de história sagrada do Seminário Episcopal do Maranhão, apresentado conego da Cathedral, obetendo faculdades para confessar, prégar e exercer todas as ordens, occupou os cargos

mais distintos da carreira ecclesiastica inclusive o de mestre escola da Cathedral, e governador, interino da Diocese. Professor o magisterio publico, leccionando com admirável competencia a cadeira de Francez, conquistada em 1892, por concurso Latino em substituição ao erudito conego Osório Cruz, e fez parte do Conselho Superior de Instrução Publica, em 1893 e 1894.

Revelou-se também na politica, fazendo-se eleger deputado ao Congresso estadual do Maranhão, nas primeiras legislaturas da República.

Trabalhou na imprensa, redigindo a "regeneração", e collaborando em todos os jornaes do seu tempo, onde escrevia e discutia, com brilho e elevação, sobre politica, philosophia, litteratura, ciencia e arte, travando polemicas que abriram sulco na história intellectual da velha Athenas, onde conviveu com espiritos da estatura do Poeta Souzafrade, dos padres Fonseca, Castello Branco e Britto, do pedagogo Almir Nina, do medico Luiz Serra dos jornalistas Manoel de Bittencourt, Ewerton Maia e de Antonio Lobo.

Elle e este último exerceram poderosa influencia sobre os espiritos das últimas gerações, principalmente daquella que na "officina dos Novos",

iniciou o movimento litterario com irradição por todo norte do Brasil.

Na cathedra, no pulpito e na imprensa, deixou damasceno vesti-indelevéis de sua passagem luminosa. Viveu os seus últimos dias, ou numa casa de sacerdote pobre, cercado de estudantes que se sentiam bem naquelle ambiente de erudita e extrema simplicidade, ou sósinho na humildade de uma celta de um dos templos mais abandonados da vetusta cidade.

De quando em quando, fugia da vida tumultuaria da urbe e do fervedouro, das paixões mesquinhas, buscando a solidão do remoto arraial de Ribamar, onde, sobre o promontorio saturava os ouvidos e a alma da grandeza symphonica do oceano.

Morreu pobre em 1906.

Antes que o levassem para o cemitério do Gavião, d. Luiz de Britto bispo de Olinda, teve, deante do corpo inanimado que fóra o ergastado desse grande espirito, esta apostrophe commovedora: Maldigo a hora em que, deixando a minha Diocese, vim á terra natal, para assistir á morte do seu clero: porque o morto daquelle esquite arrasta consigo a luz e o saber, únicos que ainda mantinham as tradições do clero maranhense.

A vida do homem e do padre ahi estão em rapido registro, mas a do



Da Costa e Silva



visão do mundo

acadêmico

sabio e do santo escapam á humana exegese porque fóra do tempo e do espaço, têm luz de eternidade. O estudo de uma individualidade tão singular e representativa não cabe, nem poderia caber, pela multiplicidade das suas revelações, nos limites de um elogio acadêmico.

Por isso poderei apenas apreciar em synthese, o mais essencial e característico dos donos do seu espírito e das virtudes do seu coração. A inteligência de Damasceno Ferreira, em pleno dominio da mais ampla visão cultural, esquadrinhou todos os horizontes do conhecimento humano. Não se sabia o que mais admirar nelle, se a elevação do talento a profundidade da erudição a modestia da vida, a bondade da alma.

Philosopho, sustentava com convicção as suas idéias, batendo-se por ellas com fé e ardor e aceitando como certas e plausíveis tolas as doutrinas, enquanto não destruíam o imperativo categorico firmado com sangue sobre o calvario.

Orador, possaria todos os recursos de exito á eloquencia, fertilidade imaginativa, e facilidade de expressão, magistratura a pár de uma dicção clara, fluente e harmoniosa. São memores os magníficos sermões proferidos nas igrejas de S. Luis, que se enchiam todas as vezes que se annunciava que conego Damasceno faria a predica do Evangelho.

Educador, era uma fonte de sabedoria, onde se abeberam avidas de saber as mais bellas intelligencias contemporantes, hoje em evidencia na literatura, na politica, na magistratura e no magisterio do Maranhão.

Polenista, refere um dos seus contemporaneos, escrevendo, convenia, mais não insultava; de uma logica indestructivel e de uma dialectica poderosa, não descia ás diatribes que eram os rematos do argumento da imprensa da época.

Poeta, os seus versos quando não revelavam alta penetração psychologica, eram inspirados pelos estados da alma traduzidos em expressão eloquente, onde, ao mesmo tempo, excelliam a pureza do sentimento, a simplicidade da fórma, o classico frescor soneto:

Entendo o que me dizes na silente
Linguagem desse olhar humano e
triste:
E's viotima do amor des que me viste:
A alma tens presa e o coração doente.

E tu se amaria cega, loucamente,
Se o pudesse; porém o amor consiste
Numa oblação; e o coração resiste,
Pois me dei ao meu Deus inteiramente

Mas ouve e cré: eu tenho tanta pena
De não poder amar-te, que parece
Que mesmo sem querer, te estou
amando...

E sinto que te sigo, em te evitando;
Quero insensível ser, e a magua
cresce,
Magua de não te amar, oh!
Magdalena!

A feição que a meu ver melhor caracteriza a poesia de Damasceno Ferreira, é o lyrismo passional e affectivo. Esse padre, que todos affirmam, era um crente convicto e um sacerdote virtuoso, teve, sem duvida, como poeta Anvers, o seu segredo n'alma e o seu mysterio na vida. Teve como poeta, a apparição divina de uma sombra de mulher, nos caminhos incertos da existencia, como este outro soneto denuncia:

Ah! porque, quando acaso me visitas;
Em tanto aroma a tua bocca
embebes?
— Cheiras mais que os jardins, mais
do que as sebes
Chejas de laranjaes, de heras avitas...

E porque, quando ardente olhar me
fitas,
E em troca o meu olhar triste recebes,
Tens no teu tanta luz, e aos sorvos
bebes,
Transformando-as em soes, minhas
desditas?

Perfume e luz, fulgor de aurora e
flores,
Eis o que és tu! Mas eu, que nunca
tive
Nem luz que me guiasse, nem olores

A respirar e vivo como vive
Um proscrito a curtir acerbas dores
Finjo que ao pé de ti jamais estive...

Elle procura em vão disfarçar a paixão sopitada sob a negra estemeha da roupeta, mas o sentimento persiste incoitado, transbordante de emoção lyrica. É a viva evocação da lenda arabe da Azrael, em que baixou do empyreo, o mandado de Deus, a alma que devia animar o corpo. E, acon-teceu que o espirito não quiz submeter-se á argilla; mas o lico, convertendo-se em instrumento, cantou, atraiu, e, seduzindo, encarcerou-o no seu abysmo. O doce amor humano, que desencantava o seu coração para a alegria da vida, transformou-se em oblação de fé, em perfume celestre, em música luminosa...

Mas a impureza do cibo persistiu na fraqueza da carne e na volupia dos sentidos.

O homem, na sua triste condição, não pôde fugir ás seduções da vida mortal e dolorosa: tinha de pagar no seu tributo á contingencia humana o ser que tantas perfeições reunira. E já foi arrastado, involuntariamente, bocejando um apello aos céos no tumulto da torrente irresistivel. Todavia, Leopoldo Damasceno Ferreira, na amargura incoercivel do seu destino, conservou sempre o senso da bondade, a consciencia da Justiça, a intuição da verdade, o culto da belleza, consagrando a sua vida á religião, á arte e a philosophia, coisas irreconciliáveis, cujos élos subdispor como um vidente.

E com este elogio, com que eu pretendo salvar do esquecimento, a personalidade notavel do meu patrono, fico a pensar de como é precaria a immortalidade...

Da Costa e Silva

CENTENARIO
DE NASCIMENTO



DE NOVEMBRO DE 84
A NOVEMBRO DE 85



II Um burocrata com idéias *Da Costa e Silva*

De ordinário, todos os dias, aquella mesma hora ansiosa e felle em que, depois de ter pago, com disciplina heroica, o tributo patriótico que me impõe a condição de brasileiro, consigo desvincular-me dos meus contingentes varios burocraticos, sinto-me tão bem que me julgo outro e, assim, respiro, aliviado, ufano, satisfeito, como se reconquistasse de vez a minha verdadeira personalidade. Então, de espirito arejado e animo livre, faço por esboçar a repartição, o serviço publico, o lado burguez da vida. O resto da tarde é para desanuviara bolorante cotidiana na atmospheria colorante dos exercicios findos; a noite para o pensamento e para o sonho. E nessas horas suaves e benéficas de harmonia espirital, não quero nem de leve pensar no meu destino retardario de peça anonyma do aparelho administrativo, evitando, quanto posso, qualquer assumpto, ou idea, que se prendea ás minhas funções banais de amantense, desde as informações sobre o complicado andamento do papelorio diuturno, que me rouba o tempo e a serenidade, applicaveis, sabe Deus, a coisas mais uteis e agradaveis, até o mais breve comentario que, directa ou indirectamente, se relaciona com o pesadello da burocracia e seus narcoticos absorventes...

Outro dia, sai dos meus habitos, ou melhor dos meus cuidados, para contrariando esse proposito, entregarme a leitura do livro do meu amigo, Jacob Cavalcanti, sobre o Historico da Divida Externa Federal. Posto que se tratasse de trabalho feito adrede, de cunho administrativo, dispuz-me a lê-lo com attenção e agrado porque a tanto me induzia a confiança nos meritos do autor. Conhecendo-o de perto, através do convívio natural a uma amizade sincera, cultivada reciprocamente, desde aquellos bons tempos em que serviamos ambos na Delegacia Fiscal em Bello Horizonte, tinha razoes para não o considerar apenas o grave funcionario, competente, operoso e discreto, que todos apreciam e estimam pela distincção pessoal, revelada admiravelmente na conducta serena na delicadeza do trato e nesse constante bom humor, pouco commum à especie biliosa e insatisfeita dos servidores do Estado. Não me iludiu essa convicção. O burocrata que, galgara rapidamente, sem o vestigio humilhante das orelheiras, posição invejavel na sua classe, dava-nos um attestado positivo do seu valor, da sua capacidade intellectual, nesse volume, verdadeiramente notavel como obra de estudo, pesquisa e erudição, em que se occupava, com minucia e profundidade, de todas as operações de credito effectuadas pelo Brasil no estrangeiro desde 1822 até nossos dias, em exposição clara e precisa, a que aduz esclarecimentos e comentarios, opportunos e interes-

santes, com intelligencia, critério e elevação.

O livro é escripto em estylo sobrio e elegante, como convém a assumpto dessa natureza e, não grado o seu inevitavel caracter instructivo, de leitura atraente, quiza agradável.

O encadeamento methodico da materia que descreve e analisa consegue despertar, de certo modo, interesse e curiosidade. Os emprestimos são apreciados, detalhadamente, em face dos algarismos e à luz dos documentos e em conjunto, numia synthese segura e perfeita. A situação actual do país, sob o ponto de vista economico, fica devidamente esclarecida. E tanto assim que eu só agora fiquei a par de coisas e factos que, como brasileiro, devia saber, mas ignorava. E natural que a prosperidade publica interesse mais a outros cidadãos da minha patria do que, a mim que, não sendo politico nem analfabeto, aproveito apenas do banquete financeiro as migalhas, que os outros rejeitam. Todavia, fiquei mais tranquillo e contente, sabendo que desde 1838 estamos à beira do abysmo, esperando o milagre do proverbio: De hora em hora, Deus Melhora.

De 1824 a 1922, affirma, com fundamento, Jacob Cavalcanti, contrahimos emprestimos externos no valor nominal total de \$ 187.337.103, ou ao cambio de 27 dinheiros por mil reis 1.665.218.693 E 333.

Já tivemos emprestimos de toda especie e até distinguidos com singulares denominações, wa, "oneroso", "junco", etc. Falta-nos ainda o "calamitoso", que devemos evitar, para não dar aos outros do gosto da classificação.

Desses emprestimos já foram

resgatados 13, no valor total nominal de £ 29.637.000, ou sejam 222.610.370 \$ 370, ouro; de modo que o valor real dos restantes, actualmente em circulação, calculado em moeda esterlina é de £ 139.396.868, ou 1.244.416.604 \$ 444, ouro.

Ora, esses algarismos podem attingir a proporções assombrosas aos olhos espantados dos economistas empiricos, mas o caso não é para tanto. Sejamos optimistas. O augmento da nossa divida no exterior, em vez de parecer-nos um symptoma alarmante, deve ser encarado como um bom signal: é a prova evidente de que dispomos de tanto credito, que até podemos abusar d'elle.

Mas vamos adiante. O serviço dos juros e comissões da divida externa do país custa annualmente E 7.138.526, ou 63.453.564 \$ 444, ouro. Assim, 81,28% da receita da Republica, como demonstra Jacob Cavalcanti, são consumidos nesse serviço: de forma que parece que não é lá muito conveniente continuarmos a dever... A proposito, lembrou-se elle, talvez, desse calculo bastante curioso e significativo: se dividirmos o valor real dos emprestimos ora em circulação, (1.244.416.604 \$ 444, ouro) pela população total do Brasil, apurada no ultimo recenseamento (30.635.805 habitantes), verificaremos que a cada um toca a somma de 40 \$ 610, ouro, de capital, e a de 2 \$ 011, ouro, de juros e commissão.

E bom notar que a expressão "toca" ahí usada, quer dizer do bôbo para fóra. Seja como for estou prompto a entrar com o que me toca pelo que não me toca...

No inicio do regimen, alguns republicanos cogitaram de resgatar os



— TENHO UM PRESENTIMENTO QUE A NOSSA DIVIDA EXTERNA AINDA VAI SE TORNAR INDOMAVEL!



III O Poeta Bilú *Do Cocteau e Bilú*

nossos compromissos no estrangeiro, por meio de uma subscrição que chegou a ser aberta. A ideia, contudo, não vingou. Era louvável, mas não era feliz. A subscrição reduzia à condição de mendigo a nação pendularia...

Jacob Cavalcanti sugere outra, oportuna e viável: o resgate da dívida por meio de um fundo especial que, na sua opinião, seria constituído por um imposto módico, cobrado parte em ouro nas alfândegas sobre a importação de objectos de luxo e parte em papel, arrecadado nas repartições competentes, sobre as remessas de dinheiro para o exterior. O produto desse imposto, convertido em ouro a parte papel, seria mensalmente entregue ao Banco do Brasil para compra de cambias sobre Londres, as quaes se destinariam à aquisição e consequente resgate de títulos dos empréstimos lançados pelo Brasil na Inglaterra na França e nos Estados Unidos.

O meu amigo, como vêem, não é somente um estudioso, ou, melhor entendido, em assumptos de economia e finanças, como demonstra o seu bello livro, mas também um patriota que, preocupado com estas questões no nosso paiz, tem idéas próprias, caso raro entre os doutores da nossa burocracia e os burocratas da nossa politica.

Que, entretanto, esta denuncia do seu talento, da sua capacidade, do seu valor enfim, não lhe traga entranhas à carreira, cujos postos culminantes vae conquistando pelo esforço próprio, embora, por modestia, ou quem sabe se precaução, à sombra de injustificavel obscuridade.

É tão perigoso ter idéas...

* Extraído do Diário de Notícias Porto Alegre - 1930

Eis um livro de versos, que eu li e reli, mais de uma vez, com espontanea e commovida sympathia: "Poemas de Bilú".

Pouco me importa que não o levem a sério, não lhe encontrem unidade de concepção fualidade esthetica, expressão litteraria, outros poderão perceber, estou certo, o encanto subtil, mas superlativo, dessa poesia intencional quão interessa desperdiçada, num reominho luminoso de idéas e imagens, pelas suas paginas.

Mas, por que negar ao poeta vivo - em qualquer sentido - que erilhou a nossa natureza nas paisagens espirituales do "Coração Verde" o defrontou consciente a esphynge do Destino com o "Sorriso interior" ao menos o direito de divertir-se.

A arte, como a vida, também precisa de derivativos. Que o diga Cocteau. Que o negue se é capaz, Augusto Meyer que, à sua semelhança, mas sem initial-o procura, talvez, distrahir, com a gymnastica do espirito, essa especie de tedio incoercivel, que deixa em todo o verdadeiro poeta a intuição metafisica do pensamento.

Fallo por elle, tirando por mim, tanto lhe senti eu, nas sensações syncopadas dos seus poemas, quanto passou de doloroso, atravez do seu sangue e dos seus nervos, do coração para o cérebro, Repito-lhe, às vezes, alguns versos, que sei de cor, sorrindo como se degustasse o sabor da herba amarga e fragante e, insensivelmente, certo as palpebras:

"Quem botou esta luz irreductivel nos meus olhos?"

"Mãoh, A estrela pallida morreu."

Não. Quem morreu foi a doce illusão para aquelle que, trazendo consigo, como um thesouro de genealogias accumuladas, as tendencias ideologicas da sua raça, poderia heu sonhar-se o Robinson Crusoe deste vasto paiz, onde não ha logar para os poetas:

"As ilhas nascem nas aguas:

ilhas ilhas perdidas, me chamo
[Robinson Crusoe,
O ilhas levar minhas maguas,
O aguas, lavae minhas maguas".

Sente-se o desencanto do poeta, cuja origem germanica se denuncia, menos pelo nome e a figura, do que pela ingenuidade criadora, a ironia lucida e resignada, a philosophia natural, quasi instinctiva.

Augusto Meyer revela, neste livro, uma psychologia toda particular, em alguns pontos semelhante a Heine, pela agilidade da intelligencia, pelo scepticismo velado e o desdem melancolico da multidão.

Mas elle disfarçando-a, despersonaliza-se, para dar punhas à irreverencia com que, malabarista das palavras, faz prodigios de "verve" e "humour".

Intellecivo até à sensibilidade, intoxicado de cultura cosmopolita, nesse estado de "radicalismo aristocrata" que Brandes inventou para Nietzsche, refugia-se na sua propria imaginação atormentada e intenta uma ficção de candura e curiosidade, "Bilú", cidadão da harmonia cosmica.

Isso de criar ou inventar é uma conversa, pois em todo o poeta de verdade ha sempre um menino deslumbrado para quem.

"Tudo é puro como o sol que vae nascer".

"Tudo é poesia eterna,
Voce não sabe nada, felizmente: Sabe é saber
[que não se sabe.

[Bilú]

Mayer apenas descobriu o seu outro eu, insexualizado e paradoxal, o seu "daimon" socratico, o confidente demiurgico de si mesmo:

Reduzo tanto a mim mesmo,
Não ha nada que me resista:
Pois o caminho não curto
Dianie dos pontos, meu bem,
Se chama ponto de vista".

[Canção encapçada]

"A virgim rutilante entrou no espelho,
meu cigarro apaga-acende que nem eu.
We are such stuff as dreams are made on:

Me helico pra ver se eu sou eu..."

"Nós somos a sombra de um sonho na sombra".

[Nocturno Portoaletgrens]

Sonho na sombra phantasma ou fantecho, Bilú se reconhece e se integra na ternura da infancia, fugindo, quem sabe, ao seu fatalismo intellectual, mas completando a sua personalidade nessa exotica manifestação do seu talento, cada vez mais complexo e surpreendente.

A sua poesia poetica, desenvolve-se numa infinita variedade de notas e cores, formas e rythmos, sobre motivos simples e vulgares, impressões e sensações intimas, e a sua delicada penetración apreende, movimenta e transfigura.

"Bilú", pensa nas madragadas que virão, aspira a força da terra possante e contente. Cada pedra no caminho e trampolim.
O futuro se conjuga saltando.

[Chewing gum]

Nesse estado de liberdade, que é o que mais convem, pelos contrastes imaginarios do equilibrio, no sentido dynamico da poesia moderna, Augusto Meyer, cantando para si, como o jorgal de Goethe, brinca e sorri com sua revolta, deliciando-nos com a marachuca destas "trouvalhas":

"Olha o sol!
Corre uma sombra no lombo do morri,
Ha pedaços de luz que já voltaram...
"Que ventinho moleque boiando nas folhas...
Parece que o mundo nasceu de novo".

[Força]

Quero mediar a terra bôa do teu corpo,
tambem sou agrimensor.
Te dou um vestido de maos.
Toma um cinto de abraços".

[Grinã]

"...soldadinhos de chumbo
marcham parados perfilados,
marcham na mola da imaginação".

[A loucura da vicinã]

Este vento macho é um baptismo de orgulho,
quando passa lava a cara entorna o peito
varre a cidade onde eu nasci sobre a cochilha.
Eu sou o amão nas solidões sem sentido.
Um pa opa sobre o paupia e sobre o mas.

[Minimã]

O cantarada, quem fica, apodrece,
Os caminhos foram feitos para andar".

[Allagã]

Poesia é verdade!
o poeta de "girabú" é um organo em marcha, que se deleva um momento para o lhas o fusante e sorri aos seus companheiros de grãcia. Bilú, não é portativo, uma criação, nem um symbolo. É apenas uma attitude, que a reconhecida da satyra justifica o impõe em um meio literario, que dá para iraz, com o Brasil.



UMA GARRAFA DE SCOTCH* E UMA NA CONTA DO PAÍS



V Exposições

Depois de dois meses de chegada ao Rio de Janeiro, de onde me ausentará há dois anos, fui, afinal, ver de perto a Exposição do Centenário, na véspera do seu encerramento.

Não foi por falta de interesse, ou de curiosidade, que retardei, proferindo dia a dia, essa visita, mas receando uma decepção, hipótese natural ao meu incontentado temperamento de pessimista. E tive-a, apesar disso, se não em conjunto, sob o aspecto geral, como esperava, todavia em detalhe, não figurei incidente que, pela estranheza e gravidade, não me passou despercebido naquela hora de agradável interesse e descaído entusiasmo.

Viola eu, de olhar satisfeito e espírito desprevenido, enlevoado pela contempção de um espectáculo imprevisível. Havia percorrido e admirado, com a mesma atenção, com o mesmo carinho, os mostruários em que as nações estrangeiras patenteavam os múltiplos aspectos da sua vida, dos seus costumes, dos seus progressos nas artes e nas indústrias, observando com religiosa emoção as filigranas e os maravilhosos labores da legendária ourivesaria portuguesa, ou o diluente de relance, com arrepios de horror, as formas pathológicas dos males humanos na maleabilidade da cera: ratos, vermes, doentes e defuntos, que os Estados Unidos e a Argentina nos mandaram e nos davam o repugnante consolo de que lá, como cá, há também variada, bubônica e bicho de pé...

Vista a parte internacional da Exposição, passei à nacional. Embora espírito, sou ainda patriota e como patriota fui ver, com a melhor intenção, os pavilhões brasileiros. Principii pelos da capital da República. Entrei no primeiro; Examinei a secção de caça e, em seguida, a de pesca, ambas variadas e interessantes; depois passei a outros departamentos, demorando, com agrado, no referente aos trabalhos escolares. A impressão excedeu à expectativa. Tudo ali me surpreendeu e encantava. Os bordados, as aplicações, as rendas, tão finas, tão delicadas, tão artísticas, relevando paciente perfeição e amoroso capricho, não pareciam feitas pelas mãos vacilantes de alunos, mas de mestras consummadas, de professoras afeitas ao trato da agulha e ao manejo dos bilros.

A anciedade natural argumentava. Passei por isso, ao edificio contíguo. A entrada notei que, no alto da escadaria, um individuo grosso e gressivo, como um pachiderme, inclinava as senhoras a vestir os agasalhos providenciais, enquanto elle em attitude de quem fiscaliza, se limitava a contar que haviam desaparecido alguns objectos...

Era positivamente, um desaloro. Não me podia conformar com aquella atmosfera incommoda de suspeita e desconfiança, que não encontrara nos pavilhões estrangeiros, onde se achavam expostas jóias custosas, ricas alfaias, objectos de luxo, artigos de valor, preciosidades de toda espécie, mas tinha que affrontá-la, como a curiosidade me exigia. In ver, sem dúvida, coisas magnificas, primores e prodigios de arte e riqueza... Dominei a minha revolta e enveredei pelo salão principal. Nada de extraordinário. Dirigi-me o outro; identica impressão. A outro ainda; a outro, mais outro, outros tantos - o mesmo desaloro.

Do que vim, admirei apenas a espantosa habilidade com que conseguiram localizar dentro daquelles salões toda a avenida. Passos, com aquella mesma disposição de mostruários: peças de fazenda, desdobradas umas sobre as outras, roupas de todos os feitios, modas de todas as modas, pechisbeques, bugigangas nessa

variedade complicada e espalhafatoso dos bazares. Só faltava ali o Thesouro Nacional...

São isolado. Ainda tanto de tanta vulgaridade, fui ao sair esbarrar de encontro a um visitante que entrava, a quem, desculpando-me perguntei que ia ver.

— Os pavilhões das indústrias, respondeu-me com emphasis.

Não devia ser outra coisa, reflecti comigo mesmo; bem podia eu ler adivinhado logo que se tratava de industria pela precensão daquelles cavalheiros...

A Exposição do Centenário deu motivo a um escripto de todo generoso. Entre outros, o impressionista do pintor Di Cavalcanti.

O jovem artista expoz durante alguns dias, num ângulo obscuro do vestibulo do Lyceu de Arte e Officios, uma admirável collecção de quadros de pintura e desenho.

Era de esperar que a sua exposição constituisse uma occorrença, ou despertasse, pelo menos, certa curiosidade.

O expositor tinha uma personalidade artistica original e incomparável. Os seus processos estheticos, exóticos e surpreendentes, traziam uma caracteristica expressiva de novidade, de modernismo. Além disso, gozava a pintura de certo renome nas circles intellectuales e até

elle bem possuia em a sítio grão, esse poder de suggestão que sua fantasia á realidade através do pensamento, como um sonho que reflecte a vida.

A sua arte tem um interesse poder evocativo. Uma linha só, em applicação de traço supplementar, basta para revelar ideias significativas no desenho que esboça. Está neste caso o seu quadro *Rythmo*, onde se encontra um ideaconcreto a expressão perfeita de uma ideia abstracta, com extrema simplicidade no symbolo, só esse trabalho farta, em outros termos, a reputação de um grande artista.

Di Cavalcanti, nos 50 quadros que expoz, testemunhou sufficientemente as possibilidades do seu prodigioso talento, passando despercebido, para muitos, o seu incontestavel valor artistico, digno de estimalo admiração.

Acto de seus processos estheticos tão elevados, tão adiantado que não o posso integrar criticamente na sua erosa meslologia.

A sua arte, de flagrante novidade, levou-me a sentir e meditar. Depois da minha primeira visita, voltei varias vezes a sua exposição. Perdi horas inteiras contemplando a Rua dos Dois Irmãos. É uma tela magnifica. Impressão e enlevo. Admira-se desde a exacta distribuição das



Óleo de Di Cavalcanti

mesmo nos centros elegantes da nossa sociedade.

Fui eu um dos que lhe previram o êxito completo, inclusive pelo lado economico. Enganei-me. Ainda não temos publico em condicoes de comprehender e admirar as revelações estranhas da pintura de Di Cavalcanti.

Em verdade, elle é um pintor para intellectuales, para artistas, para gente culta, de visào educada e senso esthetico definido. Para apreciar os seus quadros, não é preciso apenas ver, mas saber ver, isto é, ver com intelligencia e sentimento, com emoção capaz de interpretar o sentido occulto das formas, que dão illusào da vida nas creações da belleza. Assim não poderiam interessar, nem agradar, de modo algum a aquelles que ainda conservam e cultivam na estreiteza da sua comprehensào o gosto estragado das geographias.

O arrojado innovador afastára-se dos principios escolasticos da pintura convencional, que copia a natureza, em vez de reproduzi-la.

Fiel ao conceito de Goethe, de que a arte começa onde termina a vida, a sua principal preoccupação é fixar na tela, com expressào dinamica, as imagens concretadas na sua retina, para que appareçam mais nitidas e verdadeiras, nesse anseio de eternidade. E

plano, que na perspectiva dão a illusào da distancia, á suavidade do colorido, onde predomina um azul nostalgico, com uma suggestào poetica de solidào e silencio.

Muitas vezes, nesse enlevo espirital em que me deixam as verdadeiras manifestações da arte, cheguei a pensar no destino desse pintor independente e insubmisso, que não attingira, talvez, a sua finalidade porque nasceu no Brasil.

Deus queria que me enganasse. Elle já o deve ter sentido, fechando a Exposição antes de tempo. E de outra vez, se quizer um êxito facil, será mais pratico, porque ja deve ter comprehendido que, nesta terra, os artistas só interessam quando pintam mulheres pintadas ou fazem caricaturas de mandamentos frivolo, caricato por natureza.

Só atinei com isso, quando, certa manhã, ao sair do Lyceu de Artes e Officios, me disse um collega da burocracia, a quem falei com entusiasmo da exposicao de Di Cavalcanti:

— Ora, você a perder tempo! Para ver exposicao de "pintura", não é preciso sair da Avenida.

E sublinhou a palavra "pintura" com um sorriso irônico.

Da Costa e Silva

Uma cadeia para a sua liberdade



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para ser desfrutada em liberdade. Roteiros que você mesmo descobrirá.

Os hotéis RIMO nas cidades de Luis Correia, no litoral, Corrente, no Sul do Estado e a pousada RIMO em Oeiras, encontram-se em operação. As obras de

construção dos hotéis de Pedro II e Canto do Buriti estão em fase de conclusão. Os projetos de Esperantina e São Raimundo Nonato já estão aprovados.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

Até breve.



Rede Integrada de Hotéis e Pousadas do Piauí S.A. — RIMO Fone: (086) 223.3100
/5038 Teresina - Piauí.

Vinculada à Secretaria de Cultura
Desportos e Turismo

Homenagem do Congresso Nacional a Da Costa e Silva



Celso Barros

Deputado Federal, advogado, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras.

Em pequeno depoimento publicado em "A Gazeta", de São Paulo, de 7 de julho de 1950, assim referia-se Corrêa Júnior ao silêncio que envolvia a morte de Da Costa e Silva, em quem via uma figura de profunda projeção nos meios literários do país:

"Passou despercebida em São Paulo a notícia do falecimento de Da Costa e Silva, ocorrido em 25 de junho último. Nada se escreveu, até hoje, em homenagem a essa grande vida que se extinguiu, há dias, no silêncio de modesta mansão carioca, deixando de sua passagem pela terra inapagáveis clarões de beleza".

Na sua própria terra - o Piauí - passou despercebida a sua morte, pois não sabemos de nenhum outro registro além do que fez a revista "Meridiano", segundo nos informa o Prof. M. Paulo Nunes.

O certo é que os meios intelectuais do Estado não tiveram a sua atenção despertada para a vida e a obra do poeta, alguns de cujos sonetos o povo sabia de cor, o que quer dizer que o guardava fielmente no coração.

Dois registros, porém, e esses fora do Piauí, convém lembrar - o que fez o Senador Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, conterrâneo e amigo do poeta, em sessão do Senado Federal e o artigo de Múcio Leão, publicado no *Jornal do Brasil*, de 1º de julho de 1950. Também este estranha o silêncio que pairava sobre a vida e a obra do nosso poeta, mas acreditando que o futuro o tiraria da obscuridade para colocá-lo no lugar que a sua poesia o devia ocupar. Eis as palavras finais do citado artigo:

"Aqueles que amam a boa, autêntica poesia, eu aconselho que procurem ler e guardar DA COSTA E SILVA. E ele um poeta sobre o qual as contingências da hora atual, o prestígio das correntes literárias em voga, a crueldade das igrejinhas, deixaram cair no silêncio e na obscuridade. Porém, tanto quanto podemos conjecturar nestas coisas, é ele um dos valores mais puros de nossa poesia de todos os tempos, um daqueles poucos que estão mais destinados a sobrenadar nas esteves e nas subversões imensas do futuro".

Em verdade, se em vida foi pouco notória a presença do poeta no cenário da literatura nacional, passando quase despercebida a sua morte, o legado de sua poesia não iria permitir que o seu nome permanecesse na obscuridade ou apenas restrito a alguns momentos de exaltação de seus poemas, na oportunidade em que foram lançados.

A publicação, em um só volume, de suas poesias completas, abrangendo "Sangue", "Zodiaco", "Pandora", "Verônica" e "Alhambra", precedida de um estudo crítico-biográfico de seu organizador, Alberto da Costa e Silva, filho do poeta, veio revelar, em conjunto, a sua obra e mostrar a temática a que se subordinou, de ampla configuração lírica.

Mais recentemente, a Secretaria da Cultura do Estado do Piauí, juntamente com a Prefeitura de Amarante, terra natal do poeta, publica uma Antologia dos seus poemas, o que faz, na observação do seu apresentador, M. Paulo Nunes, "com o propósito de renovar o culto do poeta, nas

Mito

e

realidade

I

proximidades do seu centenário de nascimento, cujo transcurso se dará em 1985".

Afirma-se, assim, cada vez mais, a glória do poeta, de que tanto se orgulha o Piauí, como bem o demonstra o zelo cultural com que está empenhado na celebração desse centenário.

Cumpre-se, agora, sobretudo, aquele vaticínio com que Corrêa Júnior, já citado, desejava de ver triunfar a glória do poeta, assim lhe traçou o perfil:

"Chegou a vez, porém, de alçar-se ao infinito, de libertar-se do seu cárcere de sombra e de sofrimento. E das asas que o levaram para a morada misteriosa das almas, cai sobre a terra, que os seus pés palmilharam, uma poeira sonora de luz.

Há-de, um dia, chegar até nós um pouco dessa música radiosa; e então ficaremos, atentos e deslumbrados, a ouvir o coração do grande poeta".

Com efeito, mirando-lhe a trajetória, tecida de glórias e desventuras, nos contrastes que a vida oferece, vemos que a estrada por ele percorrida se cobre agora dessa "poeira sonora de luz", que se desprende de seu canto e vemos, com orgulho, que já raiou o dia em que "atentos e deslumbrados", ouvimos o coração do poeta.

No dia 23 do corrente mês, em Teresina, dar-se-á a abertura oficial do Ano da Costa e Silva e duas conferências estão programadas, uma do crítico e ensaísta José Guilherme Merquior e outra de Alberto Costa e Silva.

A essa importante iniciativa, através da

qual o Flaut e o seu povo cultuavam a memória do seu maior poeta, associou-se à Câmara dos Deputados ao tributar a Da Costa e Silva esta homenagem traduzida na minha palavra e na do Deputado W. de Farias.

Não sabe, naturalmente, nos limites deste resumo, uma análise crítica da obra de Da Costa e Silva e mesmo que eu não me sentia no momento indicado para fazê-lo. Limita-me, por isso, a revelar alguns aspectos de sua obra, no que ela tem de mais característico, importante e significativo.

O ângulo sob o qual será estudada por Merquior a obra de Da Costa e Silva, seu dilema e a busca de sua arte, são quadros históricos representativos das várias tentativas que se assinalam em sua poesia, já que há nela um pouco de todas as eras — do parnasianismo ao simbolismo. Isso mostra que o poeta, atento às variações de estilo de cada época, buscava a perfeição com a consciência da necessidade de renovar não só os padrões técnicos, mas o próprio espírito de sua arte. Isso levou Darcy Damasceno a afirmar que "se a temática o prende nos moldes gregos, não chegou a levá-lo a uma subordinação". É mesmo cingindo-se mais de perto à vertente simbolista, "evita a exageração cultista, o refinamento gratuito".

Ao poeta páramo reserva-se, sem dúvida, lugar de destaque entre aqueles, de sua geração, que, sucedendo antes de 1920, marco inicial do Modernismo — já se haviam libertado do culto da literatura como sorriso da sociedade", ligada à literatura amena da Belle Époque sul-americana e a que se refere o citado crítico no trabalho "O Modernismo e três dos seus poetas", que formam um dos capítulos do seu livro "O Elixir do Apocalipse".

Essa literatura, segundo José Guilherme Merquior, é caracterizada por uma "técnica parnasiana em alternância ou combinação com a musicalidade simbolista", por "um epigoniismo generalizado" e que, em nosso meio floresceu, como resumo o mesmo crítico, entre a publicação de "Os Serões" de Euclides da Cunha (1902), e a secúndela de 1922.

Com exceção de "Verônica", publicado em 1927 e inspirado na dor que resultara da morte da mulher, os demais livros de Da Costa e Silva, "Sangue" (1906), "Zodiaco" (1917) e "Pandora" (1919), situam-se, cronologicamente, nos domínios dessa literatura, mas dela já libertos em certo sentido, pois em apenas alguns poemas ou sonetos é possível identificar a estética dominante nessa fase, o que leva o poeta a uma posição de vanguarda, ao lado de outros, que assinalaram muito bem o espírito renovador já dominante na Europa nas primeiras décadas do século.

Havia, no Brasil, mesmo antes de 1922, uma ânsia por tudo o que é novo, no domínio da política, da literatura e da religião, daí resultando três grandes revoluções nesses domínios, como assinala Tristão de Atayde.

Sentia Da Costa e Silva, no convívio intelectual de poetas como Verhaeren, as "forças tumultuosas" e a "ação da humanidade forte", reveladora do "múltiplo esplendor de um mundo novo", como se lê no poema dedicado a esse poeta. E nele é possível também encontrar uma aproximação temática com Guillaume Apollinaire — o poeta da continuidade e da modernidade e cuja poesia apresenta conotações arcaicas e medievais em contraposição às conotações revolucionárias.

"Pandora", escrito em 1919, seis anos depois de "Alcools" de Apollinaire, não teria nele se inspirado o nosso poeta para descer às vertentes do passado, imerso nas raízes clássicas do quinhentismo e do seiscentismo, ou na tradição grega, para ali encontrar o que

Apollinaire encontrara, em "Le Larron", "Merlin et la Vieille Femme", do livro "Alcools", inspirado em lendas medievais, como nota Pierre Clemens?

Por outro lado, não teria "La Chanson de Mal-Aimé", poema de amor que a recusa de casamento da namorada Annie lhe inspirou, simbolizada o vazio existencial e tonalidade de "Verônica", baseada não no sentimento de frustração, mas na perda da esposa, no incoerente isolamento do poeta?

Há, assim, na obra de Da Costa e Silva aquele mesmo entrelaço que assinalado na obra de Apollinaire, ou seja, na observação de Clemens, o entrelaço de conotações medievais e arcaicas com "situações recorrentes temáticas marcadas pela descontinuidade e pela simultaneidade".

Alberto da Costa e Silva, no excelente estudo a que antes nos referimos, observa que em "Pandora" convive e se interpenetram, em perfeita harmonia e numa linguagem que lembra a de Camões, os temas da Grécia mítica e da infância perdida, numa recusa simultânea do mundo presente e da inautenticidade da vida adulta, em que "o poeta como que vive as duas idades de uma só".

A presença do elemento mítico na poesia de Da Costa e Silva é a expressão daquele estado metafísico a que se refere F. Gundolf, na sua obra sobre Goethe, citado por Eugênio Gomes, e traduzido na luta entre o que é corporal, limitado no espaço, e o todo ilimitado. Mas, diz Gundolf, qualquer que possa ser a forma terrena desse conflito metafísico, qualquer que seja a luta entre o corporal e o universal, entre o momento e a eternidade, entre a felicidade dos sentidos e o repouso da alma, entre o ideal e a realidade, o que resulta de semelhante luta é a dor de viver (...).

Muitos são os poemas de Da Costa e Silva onde está presente esse conflito interior que faz com que o poeta, ora procure aproximar-se da terra distante, de sua paisagem, revivendo as imagens de sua infância perdida, ora se lança em busca do passado, do repouso de sua alma na contemplação de imagens que o tempo situou em idades remotas. E, daí que vem aquela "recusa simultânea do mundo presente e da inautenticidade da vida adulta", de que fala Alberto da Costa e Silva e que representa "as duas idades de ouro do poeta".

Versos como "Ignota Dea", do livro "Sangue" e "Sob outros Céus", de "Pandora", dão-nos a dimensão desse conflito interior, dessa fuga do que é "limitado no espaço" para "o todo ilimitado", como diz muito bem este quarteto do segundo poema mencionado:

"Milagre da ficção, delírio ou ânsia,
Vejo passar, com vida e movimento,
As fugaces visões da minha infância,
Como nuvens tangidas pelo vento.

O livro "Sangue" reúne poesias que, refletindo esse conflituoso mundo interior, povoado de angústia, esperança e desespero com que traduz a renúncia de si mesmo, num anseio de fuga das coisas deixadas à distância. É a dor de viver de que o poema "Cântico de Bêbedo" é exemplo indistigável, nos seus veementes contrastes:

"Ébrio de sonho, sonhador eterno,
Nos meus sonhos de bêbedo diviso
O amor a conduzir-me ao Paraíso
Ao mesmo tempo que me leva ao inferno".

São os incertos caminhos que o poeta trilhou sob a atmosfera de um mundo da fantasia e da realidade, ora voltado para a terra da infância, ora entregando-se a vagas indagações sobre o mistério da vida como

retrata este belo soneto:

ADELIS À VIDA

É, então, isso a vida? É sua perfida
Sem bússola e sem luz, aos temporais?
A floresta escarpa, de ingresso subita,
Da montanha dos risos e dos ais?

É, então, isso a vida? A flor colhida
Sobre abismo oculto o fatal?
A quimera da Terra Prometida,
No êxodo eterno para a Nunca-Mais?

É, então, isso a vida? o sonho obscuro
Dos ícaros, Jasões e Prometeus,
Perdidos na cegueira do futuro?

É, então, isso a vida? Vida, adelis!
Não é esse o caminho que procurei...
Mas será tudo pelo amor de Deus...

"Zodiaco" marca uma segunda fase, bem diferente da primeira, em que o poeta, fugindo de si mesmo, escapando à sua dor, contempla a natureza em suas diferentes manifestações, dela recoberto o que lhe parece mais identificar o seu amor à Terra, numa reconstrução sentimental de tudo o que povoou a sua infância, sem as deformações do existismo, pois em todos os pontos está presa à imagem da sua cidade natal: Amaranite. Ainda aí despojam a realidade e o mito através dos quais o poeta, num processo de personificação, volta às origens gregas, confundindo a Natureza e a natureza humana. Nos seus versos, o tema relacionado com a Natureza adquire acentos órficos, como se o homem fosse feito metale da terra e metale do céu.

Não só em "Zodiaco", onde a Natureza castigada adormece em "A Quimada", em "A Derrubada", mas também em "Pandora", o elemento mítico ressurta com espontaneidade e até nos faz lembrar a dança das Ménades, das "Bacantes" de Eurípedes, na frelida das montanhas, dança que "não era apenas selvagem, mas era uma evasão dos laços e preocupações da civilização para um mundo de beleza não humana e a liberdade do vento e das estrelas".

O poema "Vertigem" contém elementos expressivos dessa viagem a esse mundo de sonho e de glória:

'Aonde me levas tu, sonho ingênuo de
glória?'

E ouço os claros clarins do carro
[dionisíaco
Vibrando, a irradiação líria do azul
[etéreo:
— Ao Zodiaco! Ao Zodiaco!'

O delírio da ascensão domina todo o ser do poeta transfigurado em mito e divindade:

É do seio pagão da Natureza, o orgiaco
Pã, na flauta divina, a gula o meu delírio:
— Ao Zodiaco! Ao Zodiaco!

Essa fusão do homem e da natureza é uma nota freqüente na poesia de Da Costa e Silva, e que se alia uma visão de inquietude em face da vida, num misto de dor, de esperança e de saudade.

O Destino entra aí como um ato de doação — totalidade da vida, nos versos de "Verônica", onde "o sentimento da proximidade da ausência, na expressão de Alberto Da Costa e Silva" ainda revive com a mesma eloqüência dos livros anteriores. Em relação a ele poder-se-á dizer o que de Goethe disse

Oswald Splender: "O tempo para Da Costa e Silva não é distância, mas sentimento". É o sentimento que o faz "espiritualizar a terra, o mundo real, o sertão de Amarante, e continuar a ver-se no espelho do Rio Parnaíba", evocando o passado de sua infância e entregando-se a um destino de afirmação do próprio "eu", na luta pela vida:

"A Natureza, que os seus dons reparte,
Porque feio me fez, deu-me a vertigem
De lutar e vencer em toda parte".

Voltando ao livro "Verônica", nele encontramos veio riquíssimo de ampliação de contornos verbais, para expressar todo o sentimento de perda e de abandono em face do qual somos levados a refletir sobre o mistério de nossa própria origem de pó e sombra. É o que faz em "Memento Homo", reduzindo a existência do homem a mera e simples sombra de vaidade:

"Por mais que à lei da morte se submetta,

Lute e sofra, nem sempre se persuade
De que a sua existência no planeta

Não passa de uma sombra de vaidade,
De um simples grão de areia
na [ampulheta
Em que o tempo derrama a eternidade".

A ampliação dos contornos verbais em que se esmerou, nesse livro, vem excelentemente definido nesta passagem de Alberto da Costa e Silva que, falando do pai, penetrou bem fundo os segredos de seu coração e interpretou fielmente o sentido de sua arte:

"A linguagem de "Verônica" é límpida, concisa, fluida, direta, certa. Há menos contemplanção realista do que em "Zodiaco", ou sonhada e lembrada, do que em "Pandora". Da Costa reduz seus meios, economiza imagens, mas sempre num sentido de apurar, contendo, e de aprofundar, pelo desprendimento. Mas do que nunca é um mestre do verso. Ao despojar-se, aguça musicalmente cada linha, valoriza as rimas internas e as rimas

toantes, clareia a tristeza com palavras nítidas e concretas, condensa em cada verso emoções ou significados e dá um sentimento coletivo à sua dor pessoal".

Mestre do verso, Da Costa e Silva tem o domínio completo da constituição rítmica dos seus poemas, fazendo da linguagem não só um instrumento natural de comunicação, mas de vivência, de participação, numa combinação de imagens e de sons, de alegorias e analogias, que tornam o verso ondulante e simétrico.

Ressalta de sua obra o gosto pela triação de formas visuais e cromáticas, pela variedade de ritmos entremeados de ambivalências enriquecedoras de sua arte. Todos os recursos poéticos oferecidos pela linguagem são utilizados com a preocupação de sublinhar a vida pela Arte e de valorizar a arte através de vida.

Discurso proferido na Câmara dos Deputados, em sessão especial dedicada ao poeta, no dia 22/11/1984. (CCN-23/11/84).

Visite, em
Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento
do Jenipapo

—Homenagem do Congresso— II —

Helvídio Nunes

Senador da República, piauiense

A sensibilidade do povo deu-lhe o nome, o poético, o encantador, o sonoro nome de Rua das Flores. Fica na cidade de Amarante, nas barrancas da margem direita do Parnaíba, no Piauí, rio que foi, ao longo do tempo, ponto de fulgências e poéticas, via de locomoção e de encantamento, fonte permanente de inspiração do poeta inesquecível.

Combevi-a faz vários anos. Mais de vinte, talvez. Casario de beira-estaca a exibir as inelutáveis marcas do passado, rua pequena e estreita, como todas as ruas que são das flores, calcadas aladas e piso de pedras brutas. Pisava com carinho, com respeito, quase com veneração. Ao nome, aos tempos que se foram, ao fato maior que ela encerra. E a cada vez que foi lá passou, renovavam-se em mim tais sentimentos, como que um sortilégio, a lembrança viva de que em certa casa da Rua das Flores nasceu, faz quase um século, precisamente a 23 de novembro de 1885, a mais expressiva figura da poesia piauiense.

Refiro-me a Antônio Francisco da Costa e Silva, glória da inteligência do Piauí e um dos incontestáveis valores da literatura brasileira.

Natural, justificável e mesmo imperioso que os piauienses, ao iniciarem o ano que assinalará o primeiro centenário de seu nascimento, o qual o Governador Hugo Napoleão, através de decreto, designou Ano da Costa e Silva, prestem-lhe as homenagens de que é merecedor.

Assim é que o Governo do Estado promoverá, a partir de amanhã, e que devem verificar-se até a mesma data de 1985, homenagens à memória do inesquecível poeta, para o que conta com o apoio e solidariedade de muitas instituições, na Capital e no interior, à frente a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, bem, assim do povo piauiense, tão fiel à beleza dos poemas magníficos que ele cantou as emoções que lhe despertaram as paisagens e as coisas da terra natal.

Cantor apaixonado e ardente do Parnaíba, cantando-o ele cantou também o Maranhão, pois que o rio, que é limite natural, ao tempo em que separa também ele os dois Estados em fraterno e perenne abraço.

A obra de Da Costa e Silva é indiscutível, tem dimensão nacional. Das as homenagens que, em sintonia com os piauienses o Senado da República, por meu intermédio e pela palavra do Senador Nelson Carneiro, que divide com a Bahia, o Rio de Janeiro e o Piauí os sentimentos mais nobres do seu coração, presta ao cantor do Parnaíba, do rio das Graças, na véspera do dia que assinala a data inicial do ano do seu primeiro século de nascimento.

Sr. Presidente e Srs. Senadores. A infância de Da Costa e Silva, cujo pai, Rodolfo Hermógenes, comerciava e exercia também atividades agrícolas, decorreu entre o campo e a cidade pequena, circunstância que o empregou de extraordinário carinho a terra e à natureza e que constituiu inspiração constante dos seus poemas.

Memoro ainda, "entre o banho do rio Parnaíba e riacho Mulato e a casa ruda e simples", na expressão do escritor Herculano Moraes, um dos seus biógrafos, gostava do trabalho manual. Fazia pagapagos de papel com esmero e, igualmente, era fabricante de balões, que subiam, sob aplausos e vivas gerais, nas festas de Igreja. Pelos carnavales, preparava máscaras e as distribuía aos foliões. Pintava cenários de peças teatrais. Deu-se à escultura. Tornou-se santeiro, trabalhando, nessa arte, com o cedro e outras madeiras. Vale mencionar que muitos oratórios de gente antiga ainda guardam imagens que ele esculpiu.

Adolescente, lecionava primeiras letras à mocidade amarantina. No início de século, concluiu o modular Licen Piauiense, de Teresina, e ramou para outros, em busca do bacharelado na tradicional Faculdade de Direito do Recife. E no capital de Pernambuco, dentro em pouco, publicou o livro estralante, *Sangue*, conjunto de poesias que foi ruidoso acontecimento literário na cidade marítima.

Alfama o Prof. Armatêda Tito Filho, vigorosa expressão da inteligência do Piauí de hoje, Presidente do Academia Piauiense de Letras, e a quem devo a parte mais expressiva e substancial deste pronunciamento, que em Da Costa e Silva houve influência de Verlaine, Raudolphe, Antero de Quental, Cruz e Sousa, Antônio Nobre, e que as suas composições revelam angústia e existêncismo, *Sangue* segue os caminhos do Simbolismo.

Da Costa e Silva quis ser diplomata. Rio Branco vedou-lhe os passos porque o achava feio, feiúra que ele próprio afirmou em instante de desalento.

Interrompeu o curso de Direito para ingressar na carreira fazendeira, em resultado do que exerceu cargos de responsabilidade, como delegado fiscal no Amazonas, no Maranhão, no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1913, no Recife, Da Costa e Silva nasceu em primeiros núpcias com Alice de Sales Salomon, em Minas Gerais, em cuja capital lhe nasceu o primeiro filho, Márcio. O segundo, Mário, veio ao mundo no Rio de Janeiro. O terceiro, Benedito, nasceu também mineiro. O quarto compôs-se, falecendo a companheira do poeta, em outubro de 1919.

Em Manaus, anos depois, novas núpcias com Grausa Fontenele de Vasconcelos. Três filhas do casal: Alice, Alberto e Elisabeth, ele parolista, poeta, diplomata, homem de cultura, fidelíssimo a memória do pai.

Na direção da Delegação Fiscal em São Paulo desenvolveu intensos esforços para modernizar e moralizar os serviços de seu cargo. Incompreendido, "emocionalmente destruído, imerso em tristeza e desajustado", no testemunho do filho Alberto, volta à então Capital Federal. Os sofrimentos, as decepções e os dissabores, porém, comprometeram-lhe a saúde mental. Morreu no Rio de Janeiro, a 25 de junho de 1950, tranquila e serenamente.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, Da Costa e Silva, que pertenceu a Academia Piauiense de Letras, além de "Sangue", publicou "Zodíaco", "Verhaeren", "Pandora", "Verônica", reunidos em "Poesias Completas", de que se conhece em duas edições.

Não pretendo, na oportunidade, estudar a obra de Da Costa e Silva, nos seus aspectos clássicos, simbolistas, parnasianos, modernistas, no seu lirismo e no seu sensualismo, nem na limpidez da linguagem que lhe serve de instrumento.

O Prof. M. Paulo Nunes ao apresentar, na qualidade de Secretário da Cultura do Piauí, a segunda edição de Da Costa e Silva - Antologia, afirmou:

"A poesia piauiense e brasileira tem em Da Costa e Silva um de seus instantes mais significativos. Foi ele, sem nenhuma dúvida, um dos raros poetas de nossa terra a adquirir expressão nacional, tornando-se, por outro lado, como que a própria consciência do povo piauiense que o incorporou ao seu fabulário".

Sustentou o desembargador Cristiano Castelo Branco, misto de jurista, poeta e mestre das letras, que não houve escolas nem mestres no verbejar do poeta. Houve lentes eternas, vindas da inteligência, das profundezas da alma, do âmago das coisas,

das entranhas da vida, num derramar constante de luz, de som, de cor, de beleza e de harmonia.

Sr. Presidente, as suas verses muito expressivas e sugestivas são aquelas nos se inspiraram na terra, no símbolo dos engulhos, no jato do matado, no lento espumar das carros de bois, nas paisagens piauienses, nas lutas e nas atividades dos homens, nos quadros de natureza que exprimem tristeza ou alegria e no fio de presença (sereno no conchego do poeta - o Parnaíba).

Perguntou-lhe uma senhora do Grupo Leão XIII, de Teresina, em 1941, respondida por Bernardina Yunes, José de Oliveira Brito, Assis Madeira Campos, Hilmar Passos e Wilson do Egito Coelho, que foi a Fortaleza pedir-lhe uma entrevista para a *Voz do Estudante*, revista editada pelos alunos daquele educandário, qual das suas produções poéticas era a do seu íntimo agrado. A resposta veio pronta: Rio das Graças:

"Na verde cascata da fúresia, num eco triste de cantochão, pela nave da mata, Dece o rio a observar o seu perpetuo choro... E anjo e fluido lento de lágrimas desata...

Laudoso a rolar, desde o seu nascedouro. Num rumor de orações no silêncio de olatos. Ao Sul — lembra um rosal todo irizado de ouro. Ao luar — ruelas de luz com vidrilhos de prata...

Alvas garças a piar, arrepiada de ferro, Seguem de abstrito olhar a vazeza correnteza. Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio... E o Parnaíba, assim captado as suas maguas... — Rio da minha terra, ungião de tristeza. Refletindo o meu ser a flor móvel das águas".

Solicitarão-lhe os estudantes do Leão XIII, ao final, que produzisse um soneto para ser publicado, em primeira mão pela *Voz do Estudante*. A negativa surgiu franca, insulata, mas sem desalento: "morrei em mim o sábio que cantava".

Da cidade natal — Amarante — diria que vale "um céu se há um céu sobre a terra", pois que lá decorreram os brinços da infância irrequeia e distraída. Admirava-se nos encontros de todas as horas, e não deslembrar da Igreja branca nem do seu povo feio.

que ri das próprias maguas, entre os três rios, lembra uma ilha, alegre e linda, a cidade sorrindo aos oscuros das águas.

Alberto da Costa e Silva, ao exaltar a figura do pai, leu-lhe:

Da Costa, jamais se desprendeu do Piauí. E o exiliossimo mais tarde a Estação de Freitas; a nostalgia da minha terra vem-me, quando em vez, numa bruta dureza. E tenho a ilusão de revê-la, com a vontade de Arvíz; experimentando a costa no ostário do rio; pomitar os pulmões, das olfatos da mata e ouvir, a mão no coração, o mugido dos bois... (Da Costa e Silva - Antologia, 2ª ed., pag. 151).

Ninguém até hoje mencionou, como Da Costa e Silva em "A Moesada", "O mugido de madeira a grota e a flama... rugência e rugência... movido pelos bois lardos e amolecidos... parece que tem fome, alvizia e desvenda a ruína, a dor, o mal que vai, talvez, causar... E atremaia na lava de esmo".

Alé dos meus tristes ais! Alé! Inscinda (interpedida!)
— Alceol! para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um túmulo maior!

O poeta fixa, ainda, o espetáculo

Telurismo e Ecologia na obra poética de Da Costa e Silva

Wall Ferraz

Deputado Federal-PI

"Zanando aos zim-zuns, zangado, o seu [primo resume

cado como simbolista". Afirma, entretanto, preferir vê-lo

"como um poeta que independe de escolas. Não se prendia a convenções, não se continha em limites alheios".

No estudo crítico publicado na revista MERIDIANO, já referido acima, seu autor analisa a evolução poética do amaranito. Era ZODIACO, "alargase o artista", Prossegue o Professor Clemente Fortes:

"O poder de expressão do poeta aumenta sensivelmente. Não mais as repetições tão comuns do SANGUE".

Com PANDORA, de 1919, segundo o mesmo crítico citado, o poeta se liberta dos princípios da escola simbolista, afirmando-se a métrica tradicional, segundo daí, o "verdadeiro técnico do verso que mereceu a admiração de Cristiano de Athaydes. A partir de então começa a meditar sobre as suas poesias anteriores, aproximando-as. Vagam-se estes versos do muito conhecido soneto Saudade, que aparece assim em SANGUE:

"Noites de junho. O caburé com frio.
Ao luar, sobre o arvoredo, piando,
E à noite, as folhas lividas cantando
A saudade infeliz de um sol de estio".

Posteriormente, ficaram assim:

"Noites de junho... O caburé com frio.
Ao luar sobre o arvoredo, piando,
E ao vento, as folhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estio".

A respeito de VERÔNICA que veio a lume em 1927, CLEMENTE FORTES destaca que,

"se perde a alegria pagã da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento".

Artescentando:

"o que escreveu para este livro, bem gosto de escrever definitiva. Já não se corrige mais, não emenda mais, como em tantos versos que enfeixou nos primeiros volumes, acentualmente no SANGUE".

Mas o que pretendo destacar do poeta, da sua obra formalizada, e um aspecto que me parece fundamental e marca sua inspiração poética desde o início, o telurismo dos seus versos. Ele se manifesta na saudade da terra, na fixação que é o rio Paraíba, na visão íconômica da paisagem geográfica e humana.

Em carta a Euzegadio de Freitas, confessava Da Costa e Silva a saudade:

"A nostalgia de minha terra vem-me, quando em vez, numa tomada do voo. E tenho a ideia de revê-la com a vontade de. Antes experimentar a vista no estêreo do rio, penetrar os pulmões nos effluvia da mata e ouvir, a não em concha, o magado dos bois".

O sentimento telúrico do poeta piauiense se afirma fortemente em ZODIACO, obra de 1917, reabilitada por ser um livro sem mulher, onde o autor não fala de amor.

Em ZODIACO, porém, reflete transbordante o amor pela natureza. A o telurismo avança, supera-se a si mesmo, e se transforma num tipo ecológico, o que dá caráter de maior atualidade ao poeta.

Sobre essa obra escreve o filho do poeta, Alberto da Costa e Silva:

Roda, zanco de sons..."

em A Moeda:

"Ringe e range roupinha a rígida móbada;
E ringe e rangendo..."

Ainda O Caramejo:

"Lerda e lúrida a lesma a rastejar de roxo...
Bota o búzio luzarro...
Conduz cobrindo o corpo a curva concha em [sujo

Côncavo, em contrações, coléia o carneol..."

SANGUE - esclarece João Emilio Falcão Costa Filho em recente artigo publicado no JORNAL DE BRASÍLIA - foi escrito, em grande parte, em Teresina, onde o poeta chegou aos 15 anos de idade, para concluir os preparatórios do tradicional LICEU PIAUIENSE.

"Nota-se - e João Emilio Falcão Costa quem o diz - desde logo, sua cultura, apesar da idade e o conhecimento perfeito da língua... Cita Edgar Allan Poe e Dante Alighieri, revela, de acordo com a opinião dos críticos, influência de Cruz e Sousa, Antero de Quental, Verlaine, Francis Jammes, Antônio Nobre, Cesário Verde e Mallarmé, a provar sua sofreguidão de leitor".

"O poeta realiza um trabalho que resiste ao tempo, a fases e escolas."

Para o Professor Paulo Nunes, membro da Comissão que organiza as comemorações do centenário do poeta,

"A obra de Da Costa e Silva resiste no tempo. Ele atravessa todas as fases ou escolas. Suas obras foram do simbolismo ao modernismo. E é em função da qualidade literária dessa obra que Da Costa e Silva continua vivo".

E adianta:

"Da Costa e Silva começou parnasiano, com livros - românticos. SANGUE é parnasiano, da mesma forma que ZODIACO. Já PANDORA é simbolista, construído nos moldes do verso clássico".

Ainda para o Professor Paulo Nunes, VERÔNICA é simbolista, e sua fase modernista está representada nos poemas Refrão do Trem Noturno e Carrossel Fantasma.

João Emilio Falcão Costa, no mesmo artigo a que me referi antes, afirma que uma

"Análise crítica acurada encontrará, de certo, marcas de várias correntes literárias, influências diversas".

Prosseguindo, diz João Emilio Falcão Costa que "Da Costa e Silva tem sido classifi-

Ao iniciar-se o ANO DA COSTA E SILVA, Decreto pelo Governador do Estado do Piauí, faz-me, representando o PMDB, nesta homenagem da Câmara dos Deputados, tecer algumas considerações sobre o poeta maior da minha terra.

Com efeito, Da Costa e Silva merece a menção, não apenas pela grandeza da obra poética, mas pelo amor demonstrado à sua terra, sua gente e sua paisagem, elementos impregnadores de sua poesia.

Não produziu um trabalho de crítica literária. Não procurarei vinculá-lo a escolas ou movimentos literários. A poesia, em Da Costa e Silva, extrapola os estreitos limites das correntes literárias que, em muitos casos, talvez, justificam pouca inspiração, ausência de espontaneidade do verso, falta de força criativa, encobertas essas fraquezas pela concepção artístico-filosófica do movimento, pela técnica que se lhe consubstancia.

Evidentemente, não é o que acontece com Da Costa e Silva.

Os estudiosos, sem dúvida, descobrem tendências, prevalências de um ou mais movimentos literários na sua obra.

O poeta amaranito realizou um trabalho literário do mais alto valor, de intranscendente grandeza, que resiste ao tempo, a fases ou escolas.

Em substancioso estudo crítico que fez sobre Da Costa e Silva, publicado na revista literária MERIDIANO (teve curta duração), em setembro de 1950, três meses após a morte do poeta, o Professor Clemente Fortes classifica-o como simbolista. Escrevia, então, o Professor piauiense:

"Mas, sobretudo, o que se percebe na leitura da poesia do principiante Da Costa e Silva (preferia-se ao seu primeiro livro SANGUE) é aquele encanto das formas musicais que mais uma vez, o coloca acima do interesse de ser entendido logicamente".

E continua o Mestre piauiense:

"Mário Rodrigues lembrou-se com a maravilhosa harmonia da poesia SANGUE de Wagner, porque, explicava, "os acordes mágicos podiam ser entoados por Amazonas mitológicas". O poder do símbolo, todavia, todavia chega ao mais alto ponto no livro, parece-nos, com o soneto Tarântula, onde o esforço de traduzir o abstrato, a experiência transcendente alcançam forma estranha e, ao primeiro contacto, nos leva a certo indefinível sentimento de amor que o poeta vai buscar ao sol".

Ainda o mesmo crítico citado, se aprofunda no estudo em referência, e salienta as alterações tão da índole do simbolismo, o uso dos fonemas consonantais, de que O Redemoinho é exemplo típico:

"Corre convulso
O redemoinho alvorçado e avulso;

Leve e ligeiro erra,

"O redemoinho que se desterra
Levando, como sonho passageiro,
Em nómade nevoeiro,
O pô que volta ao pó da terra".

Quanto às alterações, elas se encontram em O Besouro:

"Com ZODIACO cumpria-se um ambicioso projeto. Lançado provavelmente entre 1909 e 1915, era uma tentativa de escrever um único poema sobre a máquina da natureza. Descendia dos sonetos pituitosos de SANGUE e derivada do desejo de Da Costa e Silva de trazer para junto de si, na distância e no exílio, as paisagens, os fenômenos naturais, e os trabalhos dos homens de sua terra natal".

Consistia-se, no ZODIACO, uma visão pontualista. Dela releva a pequena humana face a magnitude da natureza. Mais que isso, observava-se a compressão de que o homem não é um elemento isolado no universo, mas se relaciona com toda a flora e fauna. E essa perspectiva ecológica, que somente agora a humanidade se dá conta, que a poesia de Da Costa e Silva antecipa e lhe dá o cunho da eternidade, mantendo-o presente, atual, vivo.

Nascido às margens do rio Parnaíba, a ele se prende para sempre, ainda que na distância. Não abandona o rio nem este a sua poesia. E presença frequente, como outras fontes de inspiração - o amor materno - que, às vezes, se fundem. Matter começa assim:

"Das lágrimas de mãe formou-se um rio..."

No rélebre sauto Saude, ainda se observa a fusão das duas fontes.

"Saúde! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando em fio...
Saúde! Amor de minha terra... o rio
Cantigas de águas claras sulzando..."

Essa mistura de sentimentos em torno do rio, no entender de Clementes Fortes,

"Ora se restaura na mente do poeta a paisagem completa da infância, ora esfumando-se-lhe o contorno, deixa o rio como imagem aonde vão encontrar expresso quase todos os sentimentos do poeta".

E o rio Parnaíba, assim é

"Rio da minha terra, úngido de tristeza,
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas".

O mesmo rio está presente em Flumen Amoris:

"O rio ideal do sentimento,
Que sinto fluir nas minhas veias,
Vive num doce inundamento,
Enquanto as anãs e as sercias
Cantam ao sol, saudando as cheias
Do rio ideal do sentimento".

Volta a aparecer em Flor Dorida:

"Tua angustiada palidez sombria
Lembra dores, tristeza e saudades,
- Ninfas, sercias, fadas e natades
Do rio roxo-azul da nostalgia".

"A tônica telúrica da poesia de Da Costa e Silva se reflete ainda na nostalgia que lhe desperta a terra berço, Amarante."

Em Turris eburnea, eis como vê o poeta a cabeleira loira da amada:

"Lembras assim, formosa, adormecida,
Pressa aos sonhos, entregue aos prazedelos,
uma cidade falgida, construída
Por sobre o rio de ouro dos cabelos".

E tal a paixão do poeta pelo rio, que se confunde com ele mesmo. E o que se vê em O Parnaíba:

"Eu sou tal o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma trizete inata,
Igual, talvez, a que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata..."

Parece até que o rio tem saudade
Como em, que também sou desta uanciera,
Saudoso e triste em plena mocidade".

"O homem não é um elemento isolado do universo, mas se relaciona com toda flora e fauna".

A tônica telúrica da poesia de Da Costa e Silva se reflete ainda na nostalgia que lhe desperta a terra berço, Amarante.

Afinal, o amor que lhe desperta o Piauí é o amor que dedica à Amarante e às memórias das coisas que dali guardou: o rio, a balsa, a moenda, a cidade, a mata, o mugido dos bois, o aboio dos vaqueiros, as lembranças da infância.

Verso que, ainda criança, fazia e eram cantados nos acordes:

"Céu azul, almofadinha
Da virgem mãe de Jesus
Com os fufos brancos de linha
Num tear feito de luz".

Com relação às imagens que fabricava quando menino:

"Eu fui o mais feliz dos meninos do meu [tempo]:
Gastava todas as moedas das imagens que [fazia]
(Ja tinha o dom divino de um criador de [imagens])
A dar voltas e voltas nos cavalos de madeira
Que galopavam automaticamente, feito [cavalos árabes]".

Quanto à cidade, assim via sua Amarante:

"A minha terra é um céu se ha céu sobre a [terra]
É um céu sob outro céu tão limpidado e tão [brando],
Que eterno sonho azul parece estar sonhando
Sobre o vale natal que o seio à luz descerra..."

Terra para se amar com o grande amor que [tenho]!
Terra onde tive o berço e espero ainda
Sete palmos de gleba e dois braços de um [lenho]!"

O mugido dos bois está ainda no já citado Saude:

"Saúde! O Parnaíba - velho monge
As barbas brancas alongando... e, ao longe,
O mugido dos bois de minha terra..."

O gado é também referido em A Moenda:

"Movida pelos bois tardos e sonolentos..."
e em o Aboio:

"A hora azul do crepúsculo, as boiadas
Vêm chegando aos mugidos para a terra,
Em correrias num tropel de guerra,
Nuvens de pó formando nas estradas..."

Mas um réz desgarra de repente;
No cavalo fogoso e mais ligeiro
Perseguem-na a correr, inutilmente.

Ouve-se o aboio no sertão inteiro...
Volta a réz ao curral, pusadamente,
Vencida ao som do canto do vaqueiro".

Insistindo na temática do rio, eis como fala no soneto Rio das Garças:

"Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações, no silêncio da oblatã,
Ao sol - lembra um rocal todo irizado de [ouro],
Ao luar - rendas de luz com vidrilhos de [jônta]".

Complemento indispensável do rio, a balsa não poderia ser esquecida pelo poeta:

"E rio abaixo, sobre as águas claras,
A superfície móvel da corrente,
Desce uma tocha embarcação de varas.

"É a balsa - a leve habitação flutuante,
Simples e boa, que transporta a gente
Da minha terra, no sertão distante..."

Que diria o poeta se soubesse do abandono a que se relegou o rio que tanto amou, que tanto o inspirou?

Que diria o poeta se soubesse que o velho monge já não mais alonga as barbas brancas?

Qual seria a reação do poeta se voltasse e visse que a leve habitação flutuante, simples e boa está ameaçada de não mais transportar a gente da minha terra, no sertão distante?

A tristeza que o poeta tanto viu no Parnaíba, seria o prenúncio do estado atual do valoroso rio?

Talvez, resignadamente, reconhecesse que o rio não mais rolava em cachões nas caoeboias, nem mais espumava rugido como um touro, assim como nele, o poeta, havia morrido o sabá que cantava.

Ao ensejo das merecidas homenagens que se prestam ao poeta Da Costa e Silva, pelo centenário do seu nascimento, que as autoridades, lhe prestassem a homenagem maior a recuperação do rio que nasceu profundamente a inspiração do vate e com o qual tanto se identificou, refluorstando também as margens do Parnaíba, a mata na qual buscava mais vida, deixando ser numem para dar vida às árvores que morrem.

O belo Hino do Piauí, letra da autoria de Da Costa e Silva, é uma confissão de amor à terra, à mata e às águas:

"A esperança no verde das matas,
A saudade nas serras azuis.
Piauí, terra querida,
Filha do sol do Equador,
Pertencem-te a nossa vida,
Nosso sonho, nosso amor!
As águas do Parnaíba,

Rio abaixo, rio arriba,
Espalhem pelo sertão
E levem pelas quebradas,
Teu canto de exaltação"

Uma exaltação à natureza, onde se juntam o turismo e a ecologia.

O destaque da natureza - árvores, rios, terra - sobre relevar sua importância, é também um grito de alerta pela preservação, contra os danos que poderá provocar o homem, se a natureza não for defendida e sua integridade não conservada.

Discurso proferido na Câmara dos Deputados em sessão especial - 1984.

José Luiz Maia

Deputado Federal-PI

Discurso proferido na Câmara dos Deputados em sessão especial - 1984.

O Governo do Piauí, por sua Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, numa viva demonstração de abnegado trabalho em prol da valorização de nossa tradição literária, oficializou, no dia 23 de novembro último, em todo o Estado, o início das comemorações alusivas ao centenário de nascimento do poeta Da Costa e Silva.

Registraram-se, em Teresina importantes eventos: abertura solene do "Ano Da Costa e Silva", pelo Ex^o. Sr. Secretário Jesualdo Cavalcante Barros; conferências proferidas pelo crítico José Guilherme Merquior e pelo Embaixador Alberto Costa e Silva, filho do poeta, além do cumprimento de extensa programação cultural na cidade de Amarante, terra do homenageado.

A oportuna iniciativa do Governo, de reverenciar o seu poeta maior, tem despertado na comunidade intelectual piauiense não só o interesse de divulgar a obra poética de Da Costa e Silva mas também o de estudá-la seriamente, através da execução de projetos de pesquisa, com o apoio da Universidade Federal do Piauí, da Academia Piauiense de Letras, Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e de outras representativas instituições do Estado.

Assim, ao mesmo tempo em que

prestamos homenagem ao poeta cantor do "velho monge", com a divulgação de sua obra, estamos também contribuindo para ressaltar a importância literária de seu autor, cujo trabalho, em nível nacional, é quase relegado ao esquecimento por grande parte da crítica especializada.

Não vemos como deixar de reconhecer o papel exercido por Da Costa e Silva no cenário poético brasileiro, ao produzir uma obra de transição entre os estilos de reflexo parnasiano/simbolista e o moderno. Dessa forma, ao tempo em que aborda uma temática paisagística, impregnada de acentuada nota lírico-saudosista, o faz também numa linguagem inovadora e experimental, caracterizada sobretudo no sábio manejo do verso fluente, imagístico, com efeitos sonoros magistralmente elaborados, como o atestam os versos do poema "O Sapo":

"Feio e fátuo a fingir de grande gordo e guapo
Hediondo e humilde a inchar de empáfia e ocioso orgulho;
Viscoso de vaidade, entronado no entulho,
Cisma na solidação, sorna e soturno o sapo".

Do livro "Sangue", estréia literária do poeta, em 1908, colhemos lições que nos desvelam conceitos pertinentes



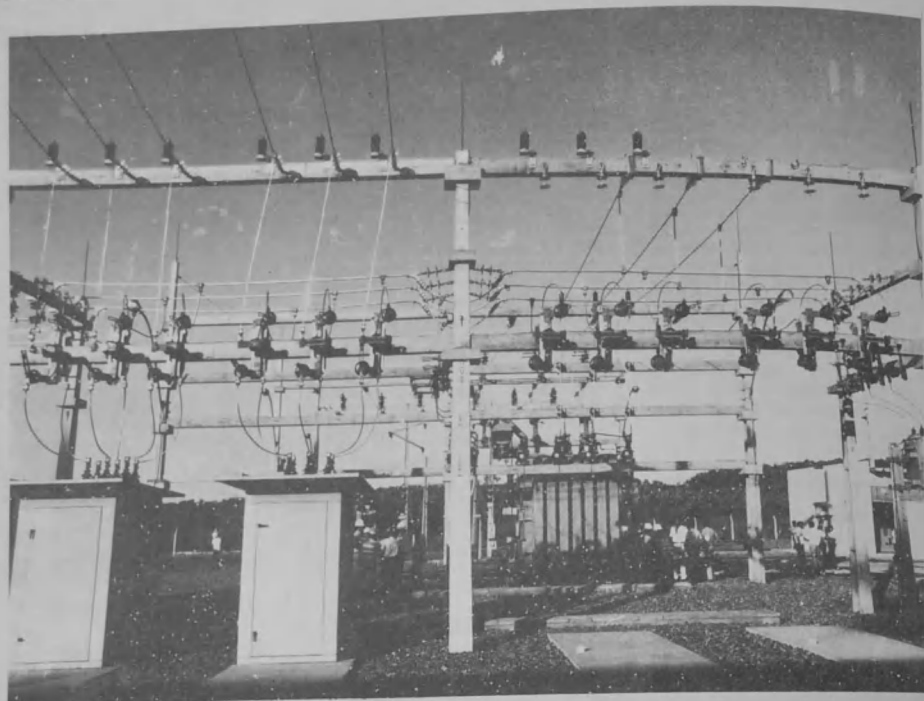
aos temas universais que presidem à vida do homem: a solidão, o infortúnio, o sonho, a contemplação, a saudade. Nove anos após, surge "Zodiaco", revelando poeticamente a nossa natureza agreste, cântico de louvor à fauna e à flora brasileiras. O poema elegíaco "Verhaeren", de 1917, inspirado no trágico desaparecimento do poeta belga Émile Verhaeren, é o mais autêntico testemunho de Da Costa e Silva sobre o destino do homem moderno, irremediavelmente vítima da própria máquina por ele inventada. O livro seguinte, "Pandora", traz o germe de seu canto inovador, que vai influenciar poetas de outras gerações. A partir de 1923, o poeta começa talvez o ponto alto de seu trabalho artístico, embora abra espaço em sua obra para também expressar, no livro "Verônica", a poética do luto e da melancolia, a figura da amada morta, obsessão na poesia simbolista. Finalmente, em "Alhambra" vemos a presença de um poeta consciente da época transformadora e revolucionária dos velhos moldes poéticos.

Infelizmente, Sr. Presidente, Srs. Deputados, a enfermidade o abateu ainda jovem, destruindo o seu poder de criação literária, confinando-o até a morte, conforme palavras de seu filho Alberto, "no exílio de si mesmo".

Eis pois, em síntese, a nossa impressão de leitor sobre aquele que também representa, no Brasil, o que há de mais significativo e belo na poesia.

Eis nossa modesta homenagem àquele que é hoje motivo da mais alta reverência que um governante e a comunidade piauiense prestam a um poeta de sua terra.





Subestação Marambaia

26 mil KVA

*Obra de grande porte
construída pela CEPISA*



*Apoio decisivo do Governo Hugo
Napoleão aos grandes e pequenos
produtores industriais e agrícolas.*

Em 1919. Da Costa nos dá **Pandora**.

Eis o espírito grego. O autor de **Primeiros Estudos** assim critica o livro "Ao poeta do Zodiaco a Grécia ensinou o caminho da Beleza, para que a procurasse em si mesmo". Não é dizer tudo? Há mais: "Da Costa e Silva é um poeta simples e espontâneo que, amando a Beleza e conhecendo os segredos do verso, sabe ser suntuoso ou evocador". Para logo acrescentar: "Lirismo e sensualismo se bem que temperados pela sua alta visão de artista dão ao poeta uma ressonância-humana, que ele deixa expandir-se. Nunca, porém, perde o equilíbrio. O livro é de uma sobriedade de verdadeira arte. Apenas em quatro sonetos. O Eterno Ciclo, se desvenda a filosofia do poeta, não de dúvida, senão de afirmação. O amor é a essência do mundo".

Da Costa e Silva, conclui Tristão de Ataíde, é um verdadeiro técnico do verso e da inspiração desejada e realizada. "A técnica segura dá-lhe ao livro uma harmonia sólida, feita de verdade e Beleza. Vemos que Da Costa e Silva é um verdadeiro poeta, de técnica segura, inspiração discreta, gosto". São velhas palavras de 14 de agosto de 1919, dois meses depois da estréia do crítico. A infância e a Grécia mítica se entrelaçam em **Pandora**. João Ribeiro vibrou com os sonetos gregos, os de **Eleusis**.

Em Belo Horizonte, Da Costa ligou-se a um grupo de jovens, que estimulava — Carlos Drummond, Abgar Renault, Aníbal Machado, Emílio Moura, Mário Casassanta. Foi amigo de Francisco Campos. Drummond o evoca em 1954, num dos programas de **Quase Memórias**, na Rádio Ministério da Educação, com Lia Cavalcanti. O poeta gostava então dos sonetos de Abgar Renault.

Viuvo, triste, publica no Rio em 1927, **Verônica**, o livro da sua terrível, dolorosa vivuex. O poeta deixa a natureza, a vida exterior, os sons do mundo, para falar do sofrimento e da morte. Chora. Medita. O grande lírico se torna aqui elegíaco. Onde está a terra? Onde está o rio? Onde estão os sertões de Amarante? Onde está o

mundo da infância? O poeta está só. O poeta viu a morte. Mas, como observa muito bem Da Costa e Silva (o filho), **Verônica** não é um livro sombrio. Mas um canto. O poeta canta a morte. Canta a solidão. O livro é, assim, uma elegia luminosa. Linguagem "limpida, concisa e fluida".

Sabe dar, especialmente, um sentido coletivo ao seu sofrimento pessoal, como percebeu Alberto Da Costa e Silva, no belo estudo crítico que preparou para a edição das **Poesias Completas** a sair breve. O grande vate chega à plenitude de si mesmo. Viverá, agora, o denso período final, antes da enfermidade. Em abril de 1927, ei-lo Delegado Fiscal do Tesouro no Amazonas. Publica em Manaus os primeiros poemas modernistas. Será sempre um poeta em evolução, um poeta experimental. Casa-se pela segunda vez com Creusa Fontenele de Vasconcelos, filha de um homem de negócios cearense.

Em setembro de 1929, vai para Porto Alegre e assume em outubro a Delegacia Fiscal do Tesouro no Rio Grande. Faz amizade com Andrade Queiroz e dirige com ele o suplemento do **Diário de Notícias**. Convive com escritores novos, Augusto Meyer, Atos Damasceno, Teodomiro Tostes, Viana Moog, Vargas Neto. Mantém-se alheio à Revolução de 1930 e se transfere para São Paulo em 1931. Não se dá bem. Já no começo de 1932, ferido, magoado, vem para o Rio. Ao sair em 1934 a **Antologia**, que devemos à delicadeza de Cleómenes Campos, o poeta já estava doente.

Fechara-se o ciclo do seu destino. Ficaria 18 anos em silêncio, tocado pela melancolia. Não escreveu mais poemas. Fechou-se em si mesmo. Quase não saía de casa. Getúlio Vargas sempre o apoiou e lhe exprimiu a sua fraterna solidariedade. Não quis aposentá-lo. Colocou-o à disposição da Presidência da República, onde esteve até 1945. Então, foi aposentado. Morreria menos de cinco anos depois...

Foi um funcionário modelar. Apenas teve de seu a família, os poemas, os amigos, que lhe ficaram fiéis. Escreveu crônicas e artigos de crítica para jornais e revistas do

Recife, do Rio, de Minas, de São Luis, de Manaus, de Porto Alegre. Colaborou intensamente no **Correio da Manhã**, **O Malho**, **A Ilustração Brasileira**, **O Diário de Minas**, **O Estado do Amazonas**, **O Diário de Notícias**, de Porto Alegre. Esse imenso material literário está inédito. Alberto Da Costa e Silva salienta os estudos sobre José Albano, Felipe d'Oliveira e Augusto Meyer.

Na edição de 1950, das **Poesias Completas**, organizada pelo filho poeta, há uma série de poemas sob o título de **Alhambra**, com os publicados entre 1928 e 1931. Ali, estão os poemas modernistas de Da Costa e Silva. Ferido por Apolo, como Holderlin, ainda lê em voz alta Cesário, Nobre, Antero, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Verhaeren, Novalis, Cruz e Souza, Alphonsus. "Morreu em mim o sabiá, que cantava"... disse ele em 1940. Em 1950, saía a edição das suas **Poesias Completas**, **Sangue**, **Zodiaco**, **Pandora**, **Verônica**, **Alhambra**, os poemas sonoros em que se condensou a sua produção ao longo de 30 anos.

Agora, Alberto Da Costa e Silva nos promete uma edição das **Poesias**, para celebrar os 25 anos da morte do poeta. João Ribeiro nos chamou a atenção para os sonetos dele à maneira de Don Francisco Manuel de Melo e para os vilancetes ao modo do século XVI. Estão em **Pandora**. João Ribeiro nos afirma que os vilancetes mostram "novo aspecto do antigo lirismo e como é possível rejuvenescê-lo, quando esse renascimento dispõe do talento e da graça de verdadeiro poeta".

Num dos últimos poemas, **O Carrrossel Fantasma**, volta aos velhos temas do rio Parnaíba e da cidade de Amarante, num ímpeto de coerência. Poeta foi da sua terra e do seu rio.

Transcrito do Caderno B do
Jornal do Brasil de 28-06-75

Visite em Oeiras-PI,
o Museu de Arte Sacra

Excertos da conferência de José Guilherme Merquior, pronunciada na abertura do Centenário Da Costa e Silva, em Teresina

Indicações para o estudo de Da Costa e Silva

Gostaria de destacar os seguintes pontos na nossa "Belle Époque". Da Costa e Silva representou um papel poético do maior relevô. Estou chamando de nossa Belle Époque um clima ou uma atmosfera cultural que termina para nós, no caso específico da história cultural brasileira, não evidentemente, como na Europa, com o início da I Guerra Mundial. A nossa Belle Époque, como sabem, vai até 1930, no mínimo. Nela se situa toda a obra de Da Costa e Silva, pois que seu filho nos informa que pelas alturas de 1931 ele já teria deixado de escrever e teria partido para aquele longo exílio de si mesmo, para repetir ainda aqui uma bela e pujante expressão de Alberto.

Nessa nossa Belle Époque, que, a exemplo da Belle Époque europeia, engendrou ou comportou a emergência de vanguardas, isso é, de movimentos revolucionários em literatura e nas artes, eu diviso três grandes poetas, recorrendo a três termos um tanto óbvios de Ezra Pound: logopéia, melopéia, fanopéia. Logopéia para significar seria a dança dos conceitos, o mundo do pensamento em poesia, seria o conceito na sua expressão poetizada. Melopéia não precisa de definição. Evidentemente se refere ao aspecto musical, a dimensão musical do fenômeno poético. E, finalmente, fanopéia significa o poder de personificação (e não apenas apresentação), isto é, o fenômeno pelo qual a poesia se vertebra em imagens não só nítidas, mas, sobretudo, potentes, sobretudo poderosas na sua irradiação conotativa.

Ora, o que eu convindo os senhores a acaclarem, como hipótese de trabalho, é que, entre *Os Sertões* e 1930, há três poetas que encarnam, respectivamente, momentos estelares dessas 3 dimensões. Eu diria que o mestre da nossa logopéia, nesse período, foi Augusto dos Anjos. Diria que o grande artífice da nossa melopéia, nesse período, foi José Albano. E diria que o maior mestre da nossa fanopéia, nesse período, foi, muito provavelmente, Da Costa e Silva.

Poucos poetas pré-modernos, depois de Alphonse Guimardes (poeta de especial devoção, como sabem, de Da Costa e Silva), são tão excelentes quanto, em média, é Da Costa e Silva. Ele é um grande músico do verso e não apenas um grande autor de imagens poéticas. E a combinação desses dois fatores faz dele, entre os nossos triúmviros, o detentor de um equilíbrio poético realmente excep-

cional. Ao lado de Augusto dos Anjos, Da Costa e Silva faz uma figura de quase clássico, faz francamente uma figura de vocação harmônica. Ele é ao mesmo tempo, sem sombra de dúvida, um dos grandes mestres do decassílabo e em particular do soneto, que é, na nossa língua e na cultura poética das línguas latinas em geral, a expressão principal do decassílabo. As vezes, principal do decassílabo. As vezes, principal de Oliveira, ele usa uma sintaxe levemente alambicada (estou pensando em certos sonetos da maturidade, em particular). Mas, enquanto em Alberto de Oliveira, o grande parnasiano, esse alambicamento da sintaxe é uma constante estilística, em Da Costa e Silva isso parece antes uma proeza, com que ele quisesse demonstrar, ainda uma vez, a sua destreza em formas difíceis, em gêneros poéticos e formas poéticas que apresentam particular dificuldade sem transformar contudo essa dificuldade verbal e rítmica num princípio estilístico. Aqui eu me lembro de uma poesia opulenta do ponto de vista de imagem e de música, como era de Ruben Dario, da qual há vários sinais na obra de Da Costa e Silva (aliás ele o cita e chega mesmo a terminar um dos seus livros, *Alhambra*, com um poema no qual o último verso lembra irresistivelmente o conceito final talvez do mais famoso poema de Dario).

Vocês provavelmente se lembrarão deste começo de soneto:

Lembras assim, formosa,
adormecida,
Presas dos sonhos e entregue aos
pesadelos
Uma cidade fulgida construída
Sobre os rios de ouro dos cabelos.

Esse nível de eficácia poética dentro dessa fluência musical podia ser muito bem o ideal da poética simbolista - mas isso não significava que esse ideal fosse cotidianamente atingido. Já em Da Costa e Silva o volume de realizações poéticas desse quilate é muito grande. Da mesma forma, eu lembraria, apenas a título de lembrete ultra-rápido, a sua alusão ao "rio roxo-azul da nostalgia..." Ninguém saberia dizer melhor um dos traços principais da mentalidade simbolista ou neo-simbolista, que, como sabem, entre nós, era sobretudo neo-romântica e, por conseguinte, tinha um compromisso fundamental com as formas de nostalgia. Não é à toa que o poeta deu ao Brasil o mais famoso poema sobre a saudade, o poema thilar sobre a saudade, o poema que nesse sentido ficou vincado na memória popular tanto quanto a famosa canção gonçalvina.

Todos sabem que de *Sangue*, ele passa em 1917 a *Zodiaco*, a uma espécie de incorporação da poesia da natureza à sua obra. Essa poesia da natureza suporta a comparação com alguns dos nossos maiores poetas anteriores que sobre a natureza versaram, e em particular estou pensando na poesia da natureza em Castro Alves. A diferença dos poemas paisagísticos (digamos assim) de Da Costa e Silva é que a sua poesia da natureza - não fosse ela de um simbolista - era mais subjetivada (o que a poesia da natureza de um Castro Alves costaria também de lembrar, sempre a título assim tópico, o que, não fosse pedante, eu quase que chamaria de "musa uxor" na obra de Da Costa e Silva. Isto é, os poemas dedicados a mulher, ou melhor, à saudade da esposa que ele perdeu, estou me referindo, evidentemente, aos poemas da segunda parte de *Verônica*).

Mas vamos deixar de lado agora esse relance tópico, para dizer alguma coisa sobre uma dimensão final da sua poesia, que me parece crucialmente importante: seus poemas sobre temas morais. Ele mesmo diz, a certa altura da sua obra, quando se avizinha do fim da sua obra consciente: "tornei-me espelho do mundo". Quero, a esse respeito, lembrar apenas dois poemas que poria em qualquer antologia que eu fizesse ou refizesse hoje sobre a nossa poesia do período. De um só quero citar um quarteto:

Feliz daquela que os seus atos
pauta
Dentro dos dons da vida que o
rodeia.
E acha o leito macio e a mesa
lauta
Na indiferença da fortuna albeia.

Mas, tão bonito e tão sábio quanto este é o "Vanitas Vanitarum":

Não fujas ao destino, nem te
afastes
Da rota que te foi traçada um dia,
Que a vida de surpresas e
contrastes
Tem de ser fatalmente o que seria.

O tempo, inutilmente, não nos
gastes
Em rumo oposto à estrela que
te guia;
Mas segue em tudo o verbo do
Eclesiastes,
Profundo e amargo de sabedoria.

Não te afoites de encontro à
própria sorte,
Porque, sendo imutáveis, são
eternas

As leis da vida como as leis da morte;

E, se as tuas vaidades tanto externas,
Não pensas que, sendo homem,
não é forte
E que, sendo mortal, não te governas.

Trata-se certamente de uma das culminâncias da musa moral de Da Costa e Silva, um aspecto que encontro em geral menos versado, menos desenvolvido nas análises que tenho visto da sua poesia, ao passo que os aspectos técnicos se encontram tratados com grande garbo por críticos como Darcy Damasceno.

Costaria de concluir essas indicações com algo de bem geral. Se tivéssemos que situar a obra de Da Costa e Silva e da maioria daqueles que com ele pontificaram na nossa poesia da Belle Époque, me pergunto se não chegaríamos à conclusão de que um fenômeno muito importante, um aspecto central da poesia dessa época, era o ser uma poesia culta mas em estilo marcadamente oral.

Explico. Quero dizer que essa poesia, sendo, evidentemente, muito culta, a ponto de as vezes frequentar o raro, ou a forma difícil, ou o vocabulário incomum, tinha uma dimensão de oralidade como que incorporada à sua própria natureza íntima. O que eu quero assinalar é essa combinação de uma poesia que não é popular na sua forma, porque é, evidentemente, culta, e não obstante, incorpora um elemento de oralidade que é exatamente o elemento que vai permitir aquela intensa comunicabilidade imediata que esses poetas, um Bilac, um Da Costa e Silva, conseguiram ter e manter, de tal forma a se fazerem sabidos, a serem declamados, a serem guardados na memória de quantos conhecessem e amassem poesia no Brasil. Essa questão é que eu quero deixar sob a forma de uma pergunta com todos vocês, com todos os que continuarão a examinar a obra de Da Costa e Silva por todo esse ano, porque ela me parece suscitar um problema de história literária ou de história da cultura.

Isso talvez tenha algo a ver com certas raízes sociais. Esses literatos eram muito cultos. Como Roger Bastide, com o olhar do estrangeiro, soube perceber, quando um Bilac ou um Cruz e Souza se davam a poéticas difíceis, ou Rui se dava o equivalente da poética difícil deles na prosa, quando essa gente toda, quando Euclides, escrevia difícil ou fazia versos ou compunha parágrafos em prosa que evidentemente brilhavam de cultos, esplendiam no seu ser culto, essa gente como que se dava títulos de nobreza, como que se dava um certo status nobiliárquico, numa sociedade em que, sendo eles pequenos burgueses, ascendiam pela literatura, ascendiam pelas letras, às vezes, às culminâncias da vida literária e cultural do país (como foi o caso de Machado). Tudo se passava como se essas prozas de ordem literária e verbal fossem títulos de nobreza da parte de quem não os possuía na sua origem social.

A tese é interessantíssima, mas eu

só gostaria de complementá-la, chamando atenção para um fato que é o outro lado da medalha. O outro lado da medalha é essa misteriosa oralidade, essa misteriosa comunicabilidade intensa e imediata que todos esses grandes nomes, os Bilac, os Cruz e Souza, os Euclides, os Rui Barbosa e os Da Costa e Silva, sabiam manter e cuja prova tangível nós temos no fato de que eles eram memorizados, repetidos de salão em salão e às vezes de praça em praça, na cultura brasileira

Costa e Silva, comparada com a poesia do seu pai, Alberto é um poeta culto que encontrou atrás de si a ruptura dessa tradição de oralidade super-comunicativa.

O que faz com que, num determinado horizonte histórico da cultura brasileira, formas de alta cultura fossem dotadas desse alto poder de inserção social? Vossa Excelência, Senhor Governador, em quem, sem favor o Brasil já vê um dos valores mais positivos da minha geração, da nossa geração no nosso cenário poli-

Foto: Alcide Filho



Embaixador José Guilherme Merquior pronunciando conferência na abertura do Centenário Da Costa e Silva, no Theatro 4 de Setembro.

de sua época. O que me fascina, como crítico, é que tenha havido, num determinado período longo, talvez equivalente a meio século da nossa cultura, um período que vai aí de 1880 a 1922, essa combinação paradoxal de formas verbais de alta cultura, não obstante dotadas de uma grande e poderosa imediata comunicabilidade popular.

Como sabem, depois do nosso modernismo, as coisas mudam muito nesse particular. Pensemos, por exemplo, no que é a poesia de Alberto da

tico, pode ter aí um tema de reflexão no seu governo, na sua Secretaria de Cultura e na sua obra cultural, que já é apreciada dentro e fora do Piauí. Por que esses fenômenos de classe média culta não se repuseram ou não se refizeram na nossa experiência histórica mais recente? Está aí não só um enigma como, creio, um desafio. E para mim, como historiador literário, essa foi uma das coisas principais em que o valor poético de Da Costa e Silva me obrigou a pensar.

José Guilherme Merquior: Diplomata, pensador, conferencista, escritor e crítico literário.

O Aprendizado de Orfeu

Alberto da Costa e Silva

* Alberto da Costa e Silva
Diplomata, conferencista e poeta.

O poeta olhava, e via. O poeta olha, e vê:

A um só tempo indolente e inquieta, a
[lagartixa,
Uma restia de sol buscando a que se
[aqueça.
A carícia da luz toda extremece e espicha
O peçoço, empinando a indecisa cabeça.
Ei-la, aquecendo ao sol; mas de repente a
[bicha
Desatina a correr, sem que a rumo
[ohedeça,
Rápida, num rumor de folha que cochicha
Ao vento, pelo chão, numa floresta
[espessa.

Traça uma reta, e pára; e a cabeça
[abalando,
Olha aqui, olha ali; corre de novo em
[frente
E, outra vez, pára, e erguer a cabeça,
[espiritando...

Mal um inseto vê, detém-se de repente,
Traçoeira e sutil, os insetos caçando,
A bater, satisfeita, a papada pendente...

Eis aqui um soneto que é todo visão; e que seria uma simples transcrição realista, uma simples transposição da coisa vista para o plano verbal, se o poeta, ao mesmo tempo que via, não ouvisse. Mas o poeta ouvia. E porque era capaz de ouvir, vendo, e de ver, ouvindo, pôde mistificar a lagartixa, transformá-la, do bicho que todos conhecemos, numa espécie de animal eterno, a bater a papada permanentemente. Fez uma oga de son e de palavras.

O poeta sabia ver. E dessa extraordinária sensibilidade que tinha no olhar, surgiam as paisagens verbais de cuja construção foi mestre e que singularizam a sua obra. O poeta aprendeu muito cedo a saber ver. A perseguiu o mundo. A conhecer as formas, os movimentos e o nome de tudo o que estava a seu redor.

Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, que lhe acompanhou a vida carinhosamente, conta-nos terem sido a infância e a adolescência de



Da esquerda para direita, diplomata José Cavalcanti, Governador Hugo Napoleão e Guilherme Merrinor. Deputado Jesualdo Ambrósio e Embaixador Alberto da Costa e Silva.

Da Costa e Silva uma constante aprendizagem da visão. O poeta fazia máscaras de Carnaval e pandorgas. Pintava com paisagens as paredes das casas. Esculpia santos em madeira. Confeccionava estandartes para as festas religiosas. Suas mãos, de dedos longos e harmoniosos, eram habilíssimas e teriam feito dele um pintor ou um escultor, não tivesse, ainda menino, começado a compor versos.

E ao fazer versos, continuou seu reconhecimento do mundo, nessa conversação com os outros poetas, que está no núcleo do ato poético, nessa espécie de diálogo com cada um dos que antes dele escreveram poesia e com toda a tradição de uma cultura. Com os livros dos outros poetas, o menino Antônio Francisco e o rapazote Lola também aprenderam a ver, e a ver os seres e as coisas sob forma de palavras.

Não deixa de ser curioso verificar que, nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do XX, Da Costa e Silva, na pequenina Amarante, no interior do Piauí, já se entendia com Baudelaire e Antônio Nobre, com Mallarmé e Antero de Quental, com Francis James e Cesário Verde, com Rubén Darío e Cruz e Souza. Seria quase um mistério o como chegaram às suas mãos os livros daqueles poetas, se não subseqüentes que Amarante, embora pequenina, era então um importante porto fluvial do Piauí, um entreposto dos produtos do extrativismo vegetal, da pecuária e da agricultura do sertão, um cais frequentado pelos navios europeus.

De sua prosperidade de então dá testemunho a bela arquitetura que lá sobrevive - a descida para o rio, com as casas de um só andar, muitas com janelas em ogivas ou em arcos, com as bandeiras envidraçadas a imitar grandes flores. Eram casas de homens de negócios, nas quais uma porta levava à moradia, outras à loja ou ao depósito e outra, finalmente, aos quartos em que se

hospedavam os fregueses de passagem.

Da ánsia de modernidade dessas ruas de mercadores, ficaram, nesses prédios de estilo setecento, as cicatrizes das modas que lhes traziam os navios; o traçar neo-gótico de um alinhar de janelas, alguma ornamentação soprada do "art nouveau".

Amarante recebia facilmente as novidades da Europa, a que estava vinculada pelas atividades de exportação. Mais facilmente as novidades da Europa do que as do sul do Brasil, dela apartada por várias semanas de barco. O que explicaria haver Da Costa e Silva tido acesso à literatura do fim do século da França, da Espanha e de Portugal.

Essa intimidade prevê com o simbolismo europeu fez de Cruz e Souza - então semi-desconhecido ou menosprezado - o poeta brasileiro da predileção do adolescente Da Costa e Silva. E de seus irmãos. Dois dos quais, pelo menos, também escreveram versos. Numa família voltada para a cultura e para as artes.

O pai de Da Costa e Silva era, nas horas vagas, exímio atleto do couro. Um dos seus tíos, instrumentista e compositor. E, na roda dos amigos da família, quase todos se interessavam pelas criações da inteligência e da sensibilidade, naquela Amarante que vivia sua idade do ouro. Na simplicidade de sua pequenez. Mas com a intensidade das paixões. Que permitia que ali houvesse um mercado para os produtos da cultura.

Quem seria o livreiro que mandava buscar as obras que leu, menino e moço, em Amarante, o meu poeta? Tenho comigo O Livro de Cesário Verde, que pertenceu a Da Costa e que lhe foi dado, em 1912, por Américo Facó. Trata-se da segunda edição, de 1901, cuja tiragem foi de apenas 705 exemplares. A primeira, de 1887, ficou em 200 cópias. Pois bem, apesar da magreza dessas duas edições, um de seus volumes terá chegado, na passagem do século, de Lisboa a

Foto: Alcide Filho



Embaixador Alberto da Costa e Silva profereindo palestra.

Amarante, para dividir, com Só, Les Fleurs du Mal, Broquéis e Faróis, as influências decisivas sobre o jovem poeta que escrevia Sangue.

É possível que o influxo de Cesário sobre Da Costa e Silva, sobre Augusto dos Anjos e sobre Carlos D. Fernandes tenha resultado, não do conhecimento direto de seu pequeno Livro, mas de transcrições de seus poemas em revistas portuguesas da época. E também possível que Da Costa só tenha tido acesso à poesia de Cesário Verde já no Recife, talvez por intermédio de Carlos D. Fernandes, que a pôde ter igualmente revelado a Augusto dos Anjos.

Seja. O que importa é ressaltar que Cesário influenciou vários poetas nordestinos daquele tempo, mas não deixou maiores marcas na poesia que então se fazia no sul do Brasil. Só meio século mais tarde, ganharia no sul ampla audiência.

Quando Da Costa e Silva foi para o Recife, levou com ele grande parte dos poemas que compõem Sangue. Poemas com os sinais do aprendizado de suas leituras em Amarante e em Teresina - com sussurros de Antônio Nobre, de Antero de Quental, de Cruz e Souza e de Baudelaire -, mas poemas em que já havia a marca de uma personalidade criadora original e poderosa.

Essa singularidade, que se sobrepõe às influências de leitura, vem-lhe do fazer versos como quem via. Das formas, cores e sons de Amarante e do Parnaíba. Da sinceridade do menino-moço que conhecia, de pés descalços, a textura do chão de sua terra.

Sangue é, talvez, o mais pessoal dos livros de Da Costa. É, contraditoriamente, aquele em que o poeta está mais jungido a uma linguagem grupal. Ao vocabulário de seus pares. Ao tipo de poesia que então se compunha no Nordeste. Uma poesia que se desajava filosoficamente científica, animada pelo pensamento da Escola de Recife e, nos casos de Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos, pelas reflexões de Laurindo Leão.

Essa semelhança de linguagem fez com que um grande mestre de nossa poesia, Manuel Bandeira, numa nota de passagem, escrevesse que Da Costa e Silva muito devia a Augusto dos Anjos. Falso! - atalhão Agripino Grieco, nas suas memórias. E a prova é simples: Sangue, de 1908, é anterior a Eu, que só saiu em 1912. Os títulos e as capas de ambos os livros lembram, porém, o Só, de Antônio Nobre.

O que há, no início das obras poéticas de Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos, obras poéticas, que tomarão destinos diferentes, é a presença de um vocabulário que era o da poesia daquele tempo, no Nordeste, em decorrência do prestígio em que ali eram tidos Antero de Quental, Nobre, Baudelaire, Francis Jammes, Cesário e Cruz e Souza. E de um pensamento contraditoriamente científica e panteísta. Presente no piauiense e no paraibano.

Um soneto como "Ironia Eterna", de Sangue, poderia perfeitamente ter sido escrito por Augusto dos Anjos. Mas o foi por Da Costa:

Alegria perpétua das ossadas
Que, surgindo do lodo deletério,
Macabramente, pelo cemitério,
Gargalham chocalhantes gargalhadas...

Escárnio às frotias mais sagradas,
Sarcasto eterno, exótico e funéreo
Do Carnaval da Morte e do Mistério
Dentro do horror das noites apagadas...

Ironia feliz dos esqueletos
Nus, sorrindo, funâmbulos e doudos
Dentro dos muros lígubres e pretos...

Ride, Visões sinistras, agoureiras...
Pois que dos risos o melhor de todos
É o riso escancarado das caveiras

Ignoro se o piauiense e o paraibano se encontraram, nos anos 1906 e 1907, em que coincidiram no Recife. Mas devem ter conhecido os versos um do outro, ao menos através de Carlos D. Fernandes, que, vindo, como Augusto, da Paraíba e sendo grande amigo de Da Costa, era um espécie de Ezra Pound recifense e sobre os dois deve ter exercido o seu mestrado. Não lhes terá passado, contudo, a maneira peculiar que tinham ambos de compor versos: em voz alta e a caminhar, gesticulando, de um lado para outro. O que Orris Soares nos nos diz, ao descrever Augusto a criar os seus poemas, é se o fazia, como tantas vezes Da Costa, descalço e de torso nu, quando não inteiramente despido.

A crítica frequentemente preocupa-se em rastrear as influências que sofreu um poeta. Da Costa e Silva revelou, com simplicidade, algumas das suas. No penúltimo soneto de Sangue, ao mencionar os que o acompanham no momento da morte imaginada: Dante, Verlaine, Mallarmé, Cruz e Souza, Antero Nobre. No poema de Verhaeren, que principia com a palavra mestre. Nas epígrafes desse poeta belga e de Rubén Dario, que abrem respectivamente Zodiaco e Pandora. Mas não se esgota neles esse convívio poético, esse diálogo que Da Costa manteve com os que vieram antes dele, com seus contemporâneos e com seus pósteros.

Se houve afinidades ou influências recíprocas entre Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos e aproximações entre aquele e Hermes Fontes - naturais em poetas da mesma geração - podem ser identificadas em Da Costa antecipações de Raul de Leoni, de quem poderia ser este soneto:

Desiludido ser que em vão maldizes,
Culpando a vida, as tuas vãs torturas,
Mal sabes tu que tantas desventuras
Na tua própria origem têm raízes.

Da Natureza mãe, nas suas crises
De dor, depende a sorte das criaturas;
Vem daí as fatais sortes escuras
Do destino dos homens infelizes...

Prevedo a condição dessas desditas,
Tão natural nos homens e nos brutos,
Há nos seres revoltas infinitas.

É assim que existem corregos enxutos,
Ventres estéreis e árvores malditas,
Que não dão flores, para não dar frutos.

Da Costa também prenunciaria, em Verônica, certos processos formais de Cecília Meireles, poetisa que certamente conheceu o vate de Amarante, pois este teve convívio intenso com o primeiro marido da autora de Viagem, o pintor, desenhista e artista gráfico Correia Dias. Lemos:

O meu jardim amanhece
Constelado de brancas margaridas,
Que orvalhadas, ao sol, eram estrelas,
Descantadas e pensativas...

Depois, na tarde azul e triste,
A terra abriu-se para receber-te!
Adormeceste para sempre,
Baixando à terra com as margaridas...
E é noite o céu era um jardim do Oriente
Florindo em luzes pela tua vinda!

Anoitecia no meu pensamento...

O uso dactílico das rimas toantes, a

lentidão com que faz desenvolver-se o verso e o próprio vocabulário utilizado anunciam Cecília, como a anuncia este outro poema, dentre tantos de Verônica:

O vento que agitava as árvores,
Sacudindo as ramagens flébeis dos
[Ciprestes,
Com o discreto rumor de uma chuva de
[Lágrimas,
Era o intérprete das minhas preces...

Numa oração tão alta que não tinha
[Palavras,
Eu erguia a minh'alma aos céus remotos,
Alheado do mundo e de mim mesmo,
Quando, o meu coração a ansiar por duas
[Luzas,
O pranto me velou a luz dos olhos...

E eu, tão perto de ti, sem poder ver-te!

Não só as rimas - árvores/lágrimas,
ciprestes/preces, - palavras/assas,
remotos/olhos - poderiam ser de Cecília
Meireles, mas a própria concisão elegiaca. E
em qualquer livro de Cecília poderiam ser
incluídos estes dois versos:

Numa oração tão alta que não tinha
[Palavras,
Eu erguia a minh'alma aos céus remotos.

Se nos alongássemos neste descrever das possíveis conversações entre o meu poeta e os outros poetas, haveria que recordar que os sonetos à maneira de D. Francisco Manuel de Melo e os vilanetes que fecham Pandora foram sem dúvida escritos sob instigação do exemplo de José Albano, de quem Da Costa e Silva foi dos primeiros a louvar a obra. Que em Sangue e em Papeis Velhos... Roldões pela Traça do Símbolo, de Maranhão Sobrinho, há coincidências de linguagem derivadas da comum afeição dos dois poetas por Baudelaire e Cruz e Souza. Que Da Costa prenunciou muitas das soluções do concretismo, não só ao praticar o *carmen figuratum*, ou poema em forma de figura, mas também pela mestria no uso das paronomásias, sobretudo nos sonetos sobre animais, que constam de Zodiaco.

Toda a história da poesia, como de resto das outras artes, é esse entrelaçar de vozes, que se aproximam ou se contrapõem, que prosseguem uma linha de exposição ou a mudam de rumo, em que um verso de um poeta estimula outros, em que há um colóquio de temas e de inflexões, um intercâmbio de técnicas e de sensibilidade. Isso pode ser evidente, quando Picasso repinta As Meninas de Velasquez, ou Manuel Calvo, A Fertilidade da Alegria de Jordans, ou quando diferentes personalidades - como Marquet, Picasso, Dalí, Bracque - abordam o tema da janela aberta sobre o Mar. Ou ter maior profundidade no tempo - como quando Vermeer reaparece: em Mondriaan, ou Os Lusíadas e a Divina Comédia, em Invenção de Orfeu -, ou ser mais discreto nas aparências, embora de forte intensidade no estímulo e nas ressonâncias.

Aquele a quem se dirige a obra de arte também não escapa a essas aproximações. E uma das grandes alegrias da leitura é perseguir um texto no outro, confrontar o que se tem diante dos olhos com o que persiste na memória, verificar, por exemplo, como duas sensibilidades diferentes, Da Costa e Silva e Carlos Drummond de Andrade, tratam um mesmo assunto, em "Noturno" e "Canção do Viúvo".

Nesse tipo de leitura comparativa, não se escapa do cotejo entre Da Costa e Silva e os outros poetas brasileiros que buscaram descrever nossa paisagem. No piauiense, não

é ela idealizada, como nos românticos, nos parnasianos ou nos modernistas - sobretudo em Oswald de Andrade, que a viu como se através dos olhos de Léger -, mas refeita com uma intensa percepção de suas formas e de seus movimentos, com uma verdade que só se encontra em Castro Alves e em Alberto de Oliveira. Principalmente em "Alma em Flor".

A tentação da mimese, que poderia conduzir ao simples descritivo e a uma poesia que se reduziu às emoções da inteligência, é corrigida, num poeta que sabia ver e reproduzir o que via, por uma penetração na paisagem, por, mais que isso, por um pensamento panteísta, que o integrava nele e na divindade.

Da Costa foi capaz de estar na natureza como Pan e como Orfeu. Por isso, pôde passar da paisagem misteriosa e altamente simbólica, presente em Sangue - naquele soneto perfeito que é "Rio das Garças", por exemplo -, para a natureza harmoniosa ou agredida de Zodiaco, até chegar à natureza emotiva e pensada de Pandora, à natureza depurada pela lembrança e que obedece ao canto do poeta.

Essa natureza reconstruída pelo pensamento, passa, por um processo de depuração órfica, primeiro, a correr nas veias de Da Costa e Silva; depois, a ser por ele ordenada e comandada; e finalmente se exila de seu último livro, Verônica, no qual o poeta se ausenta do convívio com as coisas, fecha os olhos para melhor ver e "espera o sono de amor de uma noite sem termo".

As visões pánicas e órficas da natureza já se encontravam, contudo, em Zodiaco. Naqueles quatro versos finais de "As Árvores", por exemplo:

Quando elas ao infinito se socorrem,
Por que seus pobres ramos não enviavam,
Tenho um desejo absurdo de ser nuvem,
Para dar vida às árvores que morrem!

Essa quadra é tão importante para o entendimento da obra de Da Costa e Silva, quanto "Saúde" ou os poemas dedicados à sua mãe, em quem corporificou a nostalgia da terra natal. Nessa quadra, revela-se a aspiração do poeta de integrar-se inteiramente na natureza. Numa natureza que já se

espiritualizava em reflexão e sonho:

Tudo contemplo enfim desta existência
Que a luz do meu espírito domina,
Que eu já nem sei se é humana ou se é [divina]
Esta febre perpétua de ascendência.

E ainda quero galgar a eterna penha,
Senta altura onde um Deus eu me [suponho,
Que dos mundos que viu do alto desdenha
Porque o mundo é menor do que o seu [sonho...]

Embora o pasmo do deslumbramento,
Sempre a buscar o termo da subida,
Cismo de olhos absortos para a vida,
Vivendo apenas para o pensamento.

Nesses e em outros versos de "A Escalada", o poema que abre Zodiaco, o poeta expressa a sua oscilação entre o estar no mundo e o imaginá-lo, entre ter o mundo palpável, claro, real, ao seu redor, e o transformá-lo em essência mental, em recriação da inteligência. É neste mundo superior, não por estar fora da natureza, mas por estar dentro do poeta, que ele vai desaguar em tantos dos versos de Pandora, até chegar ao refinamento de linguagem, à pureza de expressão, à limpidez de Verônica, livro que é o relato de Orfeu em busca de Euridice, da descida do poeta, a cantar, ao seu Hades.

A purificação órfica transitara, entretanto, pelos campos da saúde. E essa passagem ficou desenhada naqueles cinco admiráveis sonetos de "Sob Outros Céus", nos quais o poeta reencontra Amarante, não mais a Amarante retratada quase inteira nas páginas de Zodiaco, mas a refinada pelo pensamento amoroso, a Amarante como Combrai, como a infância reconquistada, como o tempo através da natureza.

Esse tempo na natureza toma o símbolo do rio. O rio Parnaíba que é elemento essencial na obra de Da Costa e Silva. Rio que atravessa, como o tempo, a paisagem e a vida. E com o qual o poeta se confunde:

Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste,
Porém o rio tudo o que retrata,
De alegre que era, vai tornando triste,
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parace até que o rio tem saudade
Como eu, que também sou desta maneira,
Saúdoso e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da refração das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio...

O poeta purifica as memórias de outros tempos, repõe em nossa vida a idade de ouro de sua infância, dá formas e cores espirituais à realidade que ele um dia viveu, faz de sua cidadezinha uma coisa mental.

O poeta não precisa mais de olhar para ver, pois

Tudo, através da névoa da distância,
Se transfigura, em sugestivo aumento,
Ao refletir-se, em nitida inconstância,
Nos espelhos de luz do pensamento.

Essa reconstrução interior da natureza faz-se, órficamente, sobre o entranhado conhecimento da paisagem que no passado o cercara e da qual se fizera - numa antecipação dos modernos ecologistas - um claro defensor, ao denunciar em tantos poemas, como "A Derrubada" e "A Queimada", as agressões que ela sofria, e ao cantar, panicamente, a integração do homem na natureza.

E porque Pã conduziu, no meu poeta, o aprendizado de Orfeu, pôde Da Costa e Silva escrever este soneto:

Eu vim ao mundo para ter saudade...
Ter saudade é sentir a natureza
Sob a etérea e infável claridade
Do crepúsculo errante da tristeza.

Um vago enlevo espiritual invade
Minha imaginação que, de surpresa,
Céus distantes, memórias de outra idade
Revive, então, num sonho de pureza.

Sinto que essa emoção indefinida,
Povoando de visões meus pensamentos,
Provém da eterna comunhão da vida.

É a alma das cousas que se evolui, em [calma,
Da vida conjugal dos elementos
E se reflete dentro de minha alma.



Rio Parnaíba: "Que atravessa, como o tempo, a paisagem e a vida".

PENSE E POUPE.

**Bepoupar
É POUPANÇA**



QUEM NÃO POUPA DANÇA.

Itinerário Nostálgico do Poeta



A igreja... E ouço, meu Deus! a voz do sino,
Como a repercutir no amplo horizonte
O repique augural do meu destino!



Amarante

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra.
É um céu sob outro céu tão límpido e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar sonhando Sobre o vale natal,
que o seio a luz descerria...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!
Junto a paisagem verde, a igreja branca, o bando
Das casas, que se vão, pouco a pouco, apagando
Com o nevoento perfil nostálgico da serra...

Com o seu povo feliz, que ri das próprias mágoas,
Entre os três rios, lembra uma ilha, alegre e linda,
A cidade sorrindo aos osculos das águas.

Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde tive o berço e de onde espero ainda
Sei palmos de gleba e os dois braços de um lenho!

"A nostalgia de minha terra vem-me, quando em vez, numa toada de reza. E tenho a ideia de revê-la, com a vontade de Anteu: experimentar a vista no estirão do rio, penetrar os pulmões dos eflúvios da mata e ouvir, a mão em concha, o mugido dos bois..."

Da Costa e Silva





Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata...



Lembro os sítios bucólicos... A ponte
No manso riacho, onde brinquei menino,
Curvado sobre a gruta, a ouvir a fonte...

Ao longe, um panorama se descerra
Sob o límpido céu, ao sol radiante,
Entre os nós, as árvores e a serra,
Branqueja a casaria de Amarante



O Carrossel Fantasma

Ganhei o dia a meditar na minha vida,
porque a saudade me levou à longínqua Amarante
que cisma, talvez por mim, debruçada sobre as águas
lentas e sonolentas do Parnaíba
a rolar para o mar como eu para o mistério...
Então, num sonho de criança convalescente,
vem-me à memória o carrossel que fascinava,
no seu giro constante, os meninos de minha idade;
Cesário, Luís, Holanda... meus irmãos Nica e Joca,
na vertigem do carrossel arrebatados tão cedo!

Tal qual o largo da matriz em noites de novena,
meu pensamento se ilumina de uma luz ardente e doce
Como a dos balêzinhos pendentes dos arcos verdes,
festonados de folhagens e frementes de bandeirolas...
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em festa,
o mesmo carrossel ruidoso da minha ruidosa infância,
rodando... rodando... rodando continuamente...

Eu fui o mais feliz dos meninos de meu tempo:
gastava todas as moedas das imagens que fazia
(já tinha o dom divino de um criador de imagens)
a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira,
que galopavam automaticamente, feito cavalos árabes...
Era arrogante e desmiúdo que nem os vaqueiros da minha terra,
quando galgava o lombo de um desses pegosos sem asas,
mas nem por sombra imaginava o meu destino de poeta...

O carrossel parou no largo... mas não parou na vida...
Continua em meu sonho, rodando... rodando sempre...
E andando e desandando, num ritmo contraditório,
ainda me dá a alegria inevitável de dar voltas...
de girar, de rolar como os astros no espaço,
de elevar-me a um destino superior ao do planeta,
que em torno da sua órbita, como um símbolo, roda...

- Upa! upa! meu pensamento!

1

Costuma dizer o romancista Ariano Suassuna que a cabra é a vaca do pobre. A gente simples do sertão diz, por sua vez, que "leite de cabra é remédio". Quando a pessoa é forte e sadia, dizem então: "foi alimentada com leite de cabra".

2

Partindo destas verdades tão evidentes e cristalinas é que o BANERJ - Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro resolveu investir na criação de caprinos. Começando pelo pequeno criador.

3

O que o BANERJ já realizou de concreto, através do seu setor de crédito rural, nos Estados do Maranhão e Piauí é o melhor estímulo para que neste 85 seja ampliado na área o programa de melhoramento do caprino na região.

4

Mas o BANERJ vai além: financia também o pequeno agricultor no plantio de feijão, milho e mandioca, com base na cultura consorciada. Basta lembrar o seguinte: até dezembro de 83, o Banco do Povo havia aplicado na área cerca de 1 bilhão 258 milhões de cruzeiros.

5

Mais em janeiro de 1985, o BANERJ alcançou, na área comercial, o total de 7 bilhões e 693 milhões de cruzeiros. E seus depósitos aumentaram cerca de 300 por cento.

O BANERJ faz o roteiro do Poeta Maior do Piauí

Sim, Da Costa e Silva, o Poeta Maior do Piauí, andou por esses brasis, como delegado do Tesouro Nacional. Manaus, São Luís, Teresina, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre. Foi um autêntico cigano das letras e da poesia. Mas sua obra é tipicamente piauiense, teluricamente nordestina. E por onde o Poeta andou e

viveu, como funcionário público e como Poeta, o BANERJ - o Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro - também marcou presença efetiva e afetiva. O BANERJ fez o roteiro do Poeta de Manaus a Porto Alegre. Enquanto o Poeta distribuiu versos e sentimento, o BANERJ distribuiu crédito e riqueza. Sempre em benefício das comunidades brasileiras.



Da Costa e Silva é um poeta popular. Seus versos são ainda hoje recitados pelas pessoas simples do povo. Também o BANERJ, tal como o Poeta Maior do Piauí, é um Banco do Povo. Não apenas do Povo do Rio de Janeiro. Mas de Todo o Povo Brasileiro. Do qual o Povo do Rio de Janeiro é uma síntese perfeita.

BANERJ

O Banco do Povo do Estado do Rio de Janeiro



Da Costa e Silva e a inteligência das mãos

Luis Mendes Ribeiro

Escritor, membro da Academia Piauiense de Letras, conterrâneo do poeta, falecido em 1984.

Salienta E. Le Roy, com sabedoria, que do "diálogo entre a mente e as mãos surgem as civilizações". E André Maurois, a seu turno, em conferência magnífica, estuda, pormenorizadamente, a inteligência das mãos, isto é, a habilidade com que intervêm elas no processo da criação, dando objetividade às idéias, aos símbolos, aos pensamentos. Delas decorre a expressão material, tangível, que define, com frequência, as artes estéticas e, em geral, as artes técnicas. Só a poesia, como sublimação artística, deixa de tê-las como instrumento fundamental.

Os gregos do período clássico

ensinavam ser a Filosofia a busca e o reconhecimento da Verdade, enquanto as Artes procuram criar e fixar a Beleza. Em cada qual dessas há uma poesia específica - dos traços, da cor, da forma, do movimento, dos sons, do ritmo - tendo para coroamento e sublimação a poesia literária que é o canto da própria alma, a manifestação dos sentimentos, dos sonhos, dos ideais, das angústias, das efusões e amores que animam, perdem ou sustentam a vida.

Se o homem comum é um complexo de capacidades, impostas ou inspiradas pelas contingências do trabalho, os indivíduos de gênio

têm, não raro, múltiplas aptidões, embora haja uma como especialidade, que as demais sobreexcede.

Na Renascença italiana reuniu-se, como na Grécia heroica, admirável conjunto de espíritos iluminados. Neles como nos antecessores helenos, os talentos se multiplicavam em extraordinário desdobramento de obras-primas, evidenciando em cada artista habilidades diversas. Rafael, por exemplo, a quem H. Taine considera o maior técnico da pintura de então, também era arquiteto notável, tendo dirigido, temporariamente, a construção da Catedral de São Pedro, em Roma.

Concomitantemente poeta da cor e da forma, Cellini, cinzelador de ouro e de idéias, Miguel Angelo, o mago da escultura. Numa de suas aflições sobre-humanas, sentindo-se Deus, quis impor a palavra a Moisés, que acabava de esculpir. Revolucionou a pintura com o painel monumental do teto da Capela Sistina. Divinizou "La Pietà", dando-lhe, em feições humanas, expressão celestial. Transformou em verdadeiro relicário a "Capela dos Príncipes" e a "Sacristia", de Florença, pondo ao lado do "Dia", no túmulo de Júlio de Médicis, a "Noite" em pesado sono. E ao soneto célebre de Strozzi, lembrando o retorno do símbolo à vigília, o artista, também em ritmo impecável responde ser "preferível o sono eterno ao logro triunfante, e a liberdade perdida, em fase de ditadura".

"Mientra che ol damno e la
[vergonha dura
non veder, non sentir n'è gran
]ventura".

Foi ainda ele quem criou a ordem monumental, e concebeu e dirigiu a construção da admirável cúpula de São Pedro. Escultor, pintor, arquiteto e poeta, não se pode dizer em que se alcançou mais alto. Tinha talento para tudo.

Outras genialidades excepcionais, como Leonardo da Vinci, ultrapassando o seu tempo, avançam séculos, pelas extraordinárias e surpreendentes concepções. Constituem vértices aureolados na escala dos valores humanos. E demonstram a coexistência entre a imponderabilidade intelectual e a atividade específica das mãos. Estas são ancilas daquelas, mas conservam, como faculdade peculiar, a sensibilidade do tato que oferece condições de movimento mais seguro e delicado aos dedos.

A correlação entre idéia e ato é natural no homem, mas varia de indivíduo a indivíduo. Nem todos a manifestam com igual correspondência. A maioria das pessoas de pequena evolução estética e pouco desenvolvimento cultural técnico não a apresenta, salvo em condições primárias.

Da Costa e Silva, poeta excelsos, tinha o dom, bem pronunciado, de aperceber-se das pequenas cousas, cuja obtenção se torna indispensável ao trabalho manual. Menino, impressionou-o o divertimento dos papagaios. Antes de pô-los em liberação no ar, tentou fazê-los, conseguindo, com facilidade, as formas possíveis de pássaro, de lanterna, oblongas, com e sem cauda, destinados a simples ascensão ou para lançá-los em luta no espaço. Deu-lhes todas as cores. E era um encanto vê-los enxameando em mo-

vimentos de descida e subida, na claridade do céu azul e enxuto do festivo cenário amarantino.

Foi seu aluno de primeiras letras. Aos sábados, após a sabatina de tabuadas e realizadas as apostas de caligrafia, dava por finda a aula e dizia aos alunos:

— Agora vamos aos papagaios.

Tinha-os para todos os gostos. Era um enfeitado do exercício. Passávamos horas, a fio, de caras para o alto, olhos naquelas figuras móveis, sustidas pelo vento e comandadas, de longe, através do fio, por nossas mãos.

O Poeta também era balconista. Preparava-os de variadas cores. Acompanhei-o, menino, nesse mister. O corte das folhas não era fácil, pois teriam elas de variar de forma e tamanho, do vértice ao bojo e à boca, sob pena de haver deformação e desequilíbrio, na ascensão. Ele era perito em dimensioná-las. Dias de noventa, lá nos mandávamos à igreja, saltando-os do alto do patamar. Subiam sob os aplausos da meninada, pintalgando o céu, em noite escura, de luas e estrelas coloridas. Mas, o que impressionava sobremaneira era a paixão que o Poeta dedicava a tais realizações. Tinhas-as como verdadeira arte e não como simples motivo de divertimento.

Nunca deixava de editar um jornalzinho ilustrado, ora impresso em caracteres tipográficos, ora escrito à mão. As gravuras eram desenhos de sua autoria por ele mesmo xilografados. As vezes grafava-os diretamente, a lápis, em espaço deixado em branco. Naquele tempo não havia papel-carbono, ou dele não se tinha notícia na cidade. Da Costa produzia-o com pó de sapato no fuligem.

Durante os dias carnavalescos, as máscaras davam-lhe ensejo a obter recursos para os próprios folguedos. Preparava-as, com antecedência, de papelão, expondo-as à venda na casa comercial do pai, o velho Rodolfo.

Começava por modelar-lhes as formas, em argila plástica, pondo-as a secar à sombra, em ar parado, a fim de evitar fendilhamentos. Secas, passava-lhes uma camada de tinta branca, de alvaide, para impermeabilizá-las. Depois, cobriam com polpa de papel, fervida em líxivia de soda, ou potassa, e cola, pintando-as, por fim, quando já sem umidade.

Em 1922, quando da Exposição do Centenário da Independência, encontrava-me no Rio de Janeiro. Visitava, à noite, os pavilhões. Repetidamente estive no Pavilhão de Honra de Portugal, a apreciar, entre outras cousas, porcelanas e tapetes de Bordalo, telas de Calumbano, Malhoa e outros notáveis artistas. Sempre

contemplava, com admiração, um busto, em bronze, de Eça de Queirós, por Teixeira Lopes, onde a ironia brotava do monóculo, dos olhos, da boca semi-aberta, da mecha de cabelo caída sobre a testa, do riso, de tudo em suma.

Adiante, defronto-me com um quadro de largas dimensões, cores vivas, muito movimentado. Impressionou-me fortemente. Procuro identificá-lo. Consulto o catálogo. É o "Batizado na Aldeia", do afamado Malhoa.

Naquele mundo de luzes, diante da pintura, senti-me voltado, por uma espécie de magia, para o meu Amaranthe longínquo. O quadro retratava, com perfeição, a cena que tantas vezes vira no meu terrão natal: à porta da igreja, os convidados, tendo ao centro, em plano avançado, com o pimpolho adormecido, a madrinha de carregar, gorducha, rubicunda, risonha. Malhoa era impressionista. Tinha o prazer de pormeor. A tela do vestido não parecia pintada, mas, realmente, tecida. A toalha, alvíssima, em que se deixava o pequeno, com as largas dobras aparentes, mostrava-se ampla faixa em que se tinha a ilusão das linhas cruzadas do labirinto cerzido. A figura, deveras, induzia-me haver sido transportado à terrinha distante.

Decorridos meses, talvez ano, veio brilhante crônica de Júlio Dantas. Acabara de regressar a Lisboa de uma viagem de férias a aprazível lugarejo. E solicitava salvação para valioso trabalho do grande mestre Malhoa: um retábulo primoroso suspenso à extremidade de um mastro, a deteriorar-se na sucessão dos dias e das noites, do calor e do frio. Andara o pintor antes pela mesma região a espacrear. Levava, como de costume, cavalete, telas, palheta, pincel e tintas. Poderia aparecer, num país de paisagens tão encantadoras, algum recanto pitoresco a fixar. E não foi, com efeito, difícil encontrá-lo.

Estava a debuxar o quadro, quando lhe chega um campônio.

Aproxima-se. Cumprimenta-o. Aprecia-lhe os movimentos. E rodando o chapéu entre os dedos, à pergunta do pintor, diz o que deseja: uma bandeira com a imagem da santa de sua devoção para as festas que se vão iniciar em pagamento de promessa. O mestre ouve-lhe, atencioso, o pedido. Ri, cheio de bondade. E marca, ao pedinte, dia e hora em que deverá receber o trabalho.

No prazo marcado, o campônio aparece na herdade em que se hospedava o pintor. Sauda-o, sendo-lhe, então, entregue a pintura. Acha-a perfeita. Quer pronunciar algumas palavras de agradecimento e não o consegue. Pensa na elevada soma a

despender por tão bela obra. Por fim, tartamudeia:

— Está ótimo! Quanto lhe devo?

Malhoa encara-o mais uma vez risonho e fala-lhe com satisfação:

— Não lhe custa nada. É, apenas, uma contribuição minha à sua promessa.

O roceiro abre-se, então, num riso largo e feliz:

— Obrigado, muito obrigado! Que Deus não lhe falte nunca com a sua divina graça...

E despediu-se muito agradecido e já em festa.

Retábulos, sem conta, os pincéis de Da Costa e Silva espalharam pelos arredores, fazendas, vilas e povoados de Amarante. E nos topos dos mastros a que foram levantados, finaram a agitar-se ao vento e a desbotar-se ao sol e às chuvas, até serem apagados e reduzidos a poeira. Que pena!...

O Poeta, além dos cenários teatrais, chegou a fazer decorações, como aconteceu com o salão de festas do edifício em que, na Rua Amaral, antes e por muito tempo se instalou a repartição dos Correios e dos Telégrafos. Mas é bem possível que já nada disto exista, quando tudo haveria de ter sido conservado como manifestação de uma poderosa inteligência de múltiplos talentos.

Da Costa e Silva era, também, escultor. O desenho, a pintura, a xilografia levaram-no aos símbolos, à figura. Fez-se santeiro. Escolhia, carinhosamente, as madeiras a trabalhar: o cedro, o pau-marfim, o jenipapo, a tapioca. De igual forma preparava os instrumentos de entalhe, aafiando-os em pedras

apropriadas. Dava-se à escultura com alma, apaixonadamente. Escolhia as tintas e os pincéis com que encarnar-lhes as feições e colorir-lhes as vestes.

Quantas delas figurarão ainda em capelas particulares e em oratórios de família? Ninguém o poderia afirmar. Mas a verdade permanece irrefragável na memória dos seus contemporâneos.

Em Amarante, na minha meninice, havia uma associação religiosa - Sociedade de São Vicente de Paulo. Dela participavam quase todas as pessoas de influência da cidade. Reunia-se aos domingos, na igreja, em seguida à missa das dez horas. Realizado o expediente e feitas as comunicações dos atos praticados pelo pároco durante a semana, discutiam-se propostas, iniciativas, intenções. Por último, fazia-se a coleta dos óbolos de cada associado, conferindo-os ato contínuo.

Um dia, inesperadamente, ao ser despejado o conteúdo da sacola, um pequeno embrulho, amarrado com uma fita azul-clara, resvala sobre a mesa e cai ao chão. E, então, examinado o que contém: um disco de jenipapeiro, mais ou menos de dez centímetros de diâmetro, com a imagem, em relevo, muito bem esculpida, de São Vicente de Paulo. O ofertante era Da Costa e Silva, autor da obra. A contribuição foi posta em licitação, no leilão da noite, por Vitor Martins. Jamais soube quem a teria arrematado.

O Poeta, desde criança, tinha nos brinquedos de sua fabricação, nas máscaras, nos jornais, nos

desenhos, nas esculturas, fontes de recursos próprios com que custeava a sua recreação e a dos companheiros.

Ele mesmo o diz, anos vencidos, em "Carrossel Fantasma": "Já tinha o dom divino de criador de imagens".

A noite surpreendeu-o, por fim, a meio do caminho. As sombras empanaram-lhe, inesperadamente, a claridade humana, mas permaneceu-lhe luzente a poesia magnífica e imorredoura.

Martins Napoleão, seu irmão em ritmo, quando o sentiu perdido, envolto em trevas, julgou-o fulminado por vinganças

"dos deuses contra quem foi maior que os deuses".

E explicou:

"Criaste de novo o mundo à feição do teu sonho, enquanto os deuses o criaram uma só vez".

Vingativos e invejosos, eles emudeceram-lhe a subestrutura frágil e perecível, mas foram impotentes para ofuscar a siderea cintilação de seus versos que tanto nos envaidecem e iluminam e serão motivo de justa glorificação da posteridade, pelos séculos dos séculos.

Rio de Janeiro, junho de 1984

COLABORAÇÃO PARA A PRESENÇA

As colaborações destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação até 15 de maio.

Praça Deodoro nº. 816 - Centro 64.000 — Teresina — Pi — Brasil),

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

A EDITORA

A crítica e Da Costa e Silva ontem e hoje

I Uma leitura sonora-Semântica do Zodíaco

ZODÍACO é a segunda obra de Da Costa e Silva. Foi publicada em 1917. O poeta, de uma maneira toda pessoal, antecipa ao corpo do livro um poema-prefácio, A ESCALADA, onde anuncia a subida da montanha a que se arroja, em busca da imortalidade.

“É ainda quero galgar a eterna
[penha,
Nesta altura onde um Deus eu me
[suponho,
Que dos mundos que viu do alto
[desdenha
Porque o mundo é menor do que
[seu sonho...”

Essa idéia da subida da montanha pode nos conduzir, de início, à proposta parnasiana de escalada do Monte Parnaso, habitação das Musas e de Apolo cujo topo só seria alcançado pelo poeta que atingisse a perfeição, segundo a mitologia grega.

Logo em seguida, e ainda a título de entrada, ele acrescenta ao prefácio um ADITO, em que, como já havia feito com a LUA, no seu livro de estrofa, tece linos de louvor ao SOL, ao MAR e à TERRA, reutilizando a estrutura de um losango que, na verdade, se fecha num círculo, após formar uma cruz, quando do encontro do primeiro verso com o último do poema. Os quatro textos, incluindo-se aqui o poema LUA, têm o sabor e a força da prece e juntos constituem uma oração única, uma oração ímpar à Natureza Divina.

O título do livro é uma simbologia. O Zodíaco é, por si mesmo, um símbolo e ao mesmo tempo um conjunto de símbolos. Doze são os signos zodiacais, correspondentes às doze constelações que giram em torno do sol. Quatro delas, ou seja, Leão, Touro, Aquário e Escorpião assinalam os tempos fortes do curso solar, marcam e separam as estações do ano, dividem o círculo zodiacal em quatro partes iguais, correspondendo cada parte a três signos. Os grupos estão assim constituídos: o primeiros por Peixes, Áries e Touro, que corresponde ao período mitológico de Urano; o segundo compreendendo Gêmeos, Câncer e Leão, referente ao período mitológico de Cronos; o terceiro grupo é formado

por Virgem, Libra e Escorpião, período mitológico de Zeus; o último, agrupando Sagitário, Capricórnio e Aquário, é o período em que a mitologia cede lugar às religiões místicas, ao cristianismo à encarnação do Logos.

As figuras mitológicas de Ceres, Diana, Flora, Pã, Apolo, Pomona, são invocadas a todo instante no discurso lírico:

“As árvores e o solo,
Na catedral de Pã
Dão verde culto a Apolo
À Luz desta manhã”.
(Matinal)

É confundem-se com as imagens simbólicas de Maria e de Cristo, numa antítese místico-mítica

“Estática e melancólica
A Natureza, ante a luz,
Evoca a imagem simbólica
Da Virgem-Mãe de Jesus”.
(Noturnal)

Partindo dos doze signos do Zodíaco, Da Costa e Silva estruturou o corpo da sua obra em doze partes, agrupando cada uma sob um título genérico que abrange subtítulos, exceto a primeira parte, A ESCALADA, e a última, A VERTIGEM. As outras partes são: a segunda, ADITO, formada de três poemas curtos, constituídos de uma única estrofe em forma de um losango; a terceira parte, o ZODÍACO, um agrupamento de quatro poemas dedicados às estações do ano, cujas estrofes apresentam um número de versos variado, embora todos os textos sejam constituídos de treze estrofes; a quarta parte, as HORAS, igualmente um grupo de quatro poemas que cantam os horários Matinal, Meridional, Vespéral e Noturnal, compostos todos em oito quadrinhas, portanto trinta e dois versos em cada poesia; a quinta e a sexta parte, as Sugestões da Luz e os Ritmos da Vida são também formados de quatro poemas, constituídos de treze estrofes de seis versos, a quinta parte, e de treze estrofes de seis versos, a sexta parte; a sétima, as Imagens da Natureza, compõe-se de três poemas - A ENCHENTE, A QUEIMADA e A DERRUBADA - todos eles de de-

M^a Figueiredo dos Reis

Professora de Literatura da FaFur, membro do Conselho Editorial do Projeto Petróleo Paralelo. Colaboradora da revista Presença.



Alcides Filho

zoito estrofes que variam quanto ao número de versos; finalmente a oitava, a nona, a décima e a décima primeira parte, ou seja, os Poemas da Flora, os Poemas da Fauna, Minha Terra e De Natura, são composições em forma de soneto, exceto o poema "As Árvores", que serve de introdução ao canto geral de cada árvore.



Alcides Filho

Vale ressaltar, contudo, que cada grupo de poemas, apesar de unido por um título geral, na verdade se opõe ou se diferencia quanto à temática, cada poesia de per si.

Na última parte, A VERTIGEM, que funciona como posfácio da obra, o poeta promete ao seu "sonho ingénio de glória" que o seguirá na A ESCALADA rumo ao céu, rumo ao sol, rumo ao seu "rumo fatal na vida transitória", sigmo "—Ao Zodíaco! Ao Zodíaco!", fechando o livro com o verso:

"Continua a ascensão do meu sonho de glória!"

Como vimos, a distribuição dos poemas nesta obra de Da Costa e Silva procura tomar a configuração arquitetônica do Zodíaco, e a temática abordada gira, também, em torno dos signos zodiacais, o que confirma o plano, o projeto de elaboração do livro. Tudo na obra foi cuidadosamente planejado, medido e pesado. Para cada divisão da obra, um novo ritmo, um novo metro, uma nova estrutura. Da Costa e Silva revela-se, portanto, o grande arquiteto do verso. Assim, apesar de publicada em 1917, sem nenhuma pretensão inovadora declarada, o *Zodíaco* é, sem dúvida, uma obra que se antecipa às tendências renovadoras da literatura brasileira que culminariam com o movimento modernista de 1922, tanto pela sua não filiação definitiva ao estilo de época vigente, quanto pela construtiva figurativa do seu discurso poético, proposta que surgiria com o Grupo Concretista de 1950.

As composições do *Zodíaco* são, na sua quase totalidade, cantadas na terceira pessoa, como anunciam os próprios títulos dos poemas: "A Queimada", "A Ventania", "A Cantiga", "A Palmeira", "O Ipê", "O Aboio", "A Balsa", "O Inverno".

"O inverno... em grossas bategas

[a chuva
Encrespa o dorso ascensional das
[água;]
E a Natureza-mãe parece viúva
Que vem
Com o pranto dar alívio às suas
[magoas,
— Magoas de amor que todo
[mundo tem".

Transferindo à Natureza todos os sentimentos humanos, consegue o poeta, no seu discurso lírico, escapar do subjetivismo simbolista e aproximar-se da proposta parnasiana, embora partindo de uma simbologia. Parece-nos, então, que o autor de *Sangue* procura propositalmente misturar, confundir os dois estilos de época

que, caminhando paralelos e guardando afinidades estruturais, se propunham antagônicos quanto aos sentidos.

Toda simbologia zodiacal presente em cada poema do livro de Da Costa e Silva é apresentada de forma objetiva, já que o eu lírico remete o seu discurso à voz da Natureza. Assim, da mesma forma que o místico e o mítico se fundem na simbologia zodiacal, igualmente se entrelaçam nos textos do *Zodíaco*, como acontece com o LUAR DAS MONTANHAS

"Da luz ao múltiplo esplendor,
Dão-nos a imagem fiel de templos
[e de altares
Para o culto pagão dos Deuses
[tutelares,
Seja o Olimpo ou o Sinai, o
[Parnaso ou o Tabor".

No *Zodíaco* é a Natureza que pensa,

"Na alegria do tempo e dos
[amores,
A primavera chega, e, à sua
[benção,
Quanta emoção nas árvores que
[pensam
Na graça polirônica das flores!"
(As Árvores)

É a Natureza que sente, que sonha, que ama, que beija e acaricia, pela voz d'A ENCHENTE, d'AS ÁRVORES, do OUTONO:

"Parece, entanto, que o rio sente
Uma oculta aflição a pungi-lo
[atrozmente,
Través do falso orgulho acachado
[de enchente".

"As flores de hoje, como os
[botões de ontem,
Sonham, talvez, com o amanhã
[dos frutos".

"Para a floresta o sol é o amor,
Que em beijos tropicais lhe dá
[novos aspectos,
Enchendo-a de canções com os
[passaros e insetos,
Tontos ao fulgido esplendor...
É assim que tudo quer amar
E em ansios sensuais, desejos e
[carinhos
Noivam os vegetais e os pássaros
[nos ninhos...
E há beijos na floresta e rufos de
[asas no ar!..."

É igualmente a Natureza-mãe que chora, que canta, ri, lamenta-se e consola-se com A DERRUBADA, com o vento, com a primavera e, outra vez, com o OUTONO:

"E a Mater-natureza, amargurada,
Dos espaços chora sobre a
[derrubada..."

"Toda a obra é
uma oração,
uma ladainha,
um hino, um
canto uníssono à
natureza"...

"Riso do tempo para a vida,
Riso da vida para o amor,
A primavera chega, difundida
Na alma feliz da Natureza em
[flor".

"Morta de Amor e de prazera
A Natureza pródiga e fecunda
Abre, feliz, as maternais
[entranhas,
Para ao ventre recolher
A vida misteriosa das sementes".

É, ainda, pela voz dos seres e elementos que a compõem (o tempo, a terra, o mar, a lua, o sol, a flora, o vento, a fauna, tudo; imagens, sons, cores, luzes), que a Natureza-Pagã dirige-se aos céus:

"Onde ninfas em pranto, onde
[faunos em prece
E lastimosas driades parece
Dizerem para os céus, num
[grande apelo à Vida,
Peia unânime voz da Natureza:
— Pã, nosso Deus, é morto!"

Existe uma unidade objetiva no *ZODÍACO* buscada e perfeitamente alcançada pelo poeta. Toda a obra é uma oração, uma ladainha, um hino, um canto uníssono à Natureza (sempre escrita em maiúsculo) e aos signos que a constituem.

Há a salientar, ainda, uma outra preocupação de Da Costa e Silva, quanto à originalidade na construção do seu discurso lírico, que é perseguida com insistência e atingida com naturalidade e perfeição artística. Estamos falando da busca da representação sonora do vocábulo, numa tentativa de encontrar a sua tradução fônico-semântica. Sobre esta particularidade estilística da poesia do Autor piauiense, muito já se falou na alteração dos versos do soneto A MOENDA, exemplo por demais citado nas antologias e livros de

“...a poesia é a tentativa de representar por meio de linguagem aquilo que os sentidos dizem, mas que é inefável, nada melhor do que a representação sonora nos versos de Da Costa e Silva...”

teoria da literatura. No entanto, um ouvido mais atento perceberá que a carga musical, a melopéia, de que trata Ezra Pound no seu ABC OF READING, alcançada pela combinação sônica de sílabas ou vocábulos, está presente na quase totalidade dos poemas do Zodíaco e, em alguns deles, em estrofes inteiras, como é o caso de O REDEMOINHO:

“De repente
O redemoinho, rápido, revolto
E desenvolto, volteia, envolto
No vértice envolvente
Do pó que sobe sacudindo, solto
No aéreo ambiente”.

Outras vezes em todo o poema, como acontece com O SAPO, O BESOURO, O CARAMUJO, A ARANHA. No soneto A CIGARRA, o poeta consegue efeitos especiais com o jogo de repetição da vogal i, para representar o som contínuo e estridente do canto do inseto.

Se, como diz Paul Valéry (Ouvre Complète, Paris, 1960), a poesia é a tentativa de representar por meio da linguagem aquilo que os sentidos dizem, mas que é inefável, nada melhor do que a representação sonora presente nos versos de Da Costa e Silva, objetivando traduzir e transmitir a imagem indescritível do redemoinho, ou o canto d'A CIGARRA e d'O BESOURO:

“A harpa, a lira, o arrabil, a
[citera, a guitarra
Não na igualam nos sons do canto
[original,
Quando estridente, ao sol zine e
[chia a cigarra
Pelo atrito sutil das asas de
[crystal”.

“Zoando aos zunzuns, zangado, o
[seu rumo resume

E os rígidos ferrões encravando
[um trônco,
Roda, zozno de sons e tonto de
[perfume”.

Esta representação sonoro-vocabular talvez tenha sido a grande lição que o nosso poeta aprendeu de Valéry, e ela se confirma no troar dos trovões do poema INVERNO que vai “Arrastando, robusto, os robles de roldão”, como também na
“.....voz
Do mar, em vibrações mais vivas,
[quando afaga
E vence o vento a vaga e,
[voluptuosa, a vaga
Vibra volúvel e veloz...”

(Lua no Mar)

Ou no trabalho das abelhas que, na PRIMAVERA, “Sugam sensuvas as sequeiros bocas”, ou mesmo n'A CHUVA, quando esta deixa cair sobre a terra o seu pranto, a fim de fecundá-la,

“Ah! como a chuva benfazeja e
[boa,
Que em barulhentas bátegas reboa
Pelos telhados, tumultuariamente”.

Ou, ao contrário da chuva, quando A QUEIMADA

“Tenta em vão traduzir o seu
[tormento
Em estrondos, estrépticos e
[estrais...”

Exemplos como estes se repetem na grande maioria dos poemas de ZODÍACO.

Nos quatro textos que constituem os RITMOS DA VIDA — A Ventania, A Névoa, A Chuva e o Redemoinho - a preocupação maior do grande lírico piauiense está exatamente na tradução da linguagem das coisas, a linguagem do vento, da névoa, da chuva e do redemoinho, através da representação sonoro-semântica. Pela leitura dos poemas, podemos “ouvir” os uivos do vento e o tropel dos animais quando:

“Os ventos passam como uma leva
Raivosa, rispida, revel,
De vagabundos, réprobos e párias,
No bárbaro furor das brutas
[alimárias,
Em temerário, túrbido tropel”.

O jogo das consoantes v e r, somado à força das proparoxítonas, realizam a proposta do poeta, já que a sonoridade de cada sílaba, de cada vocábulo, de cada verso ajusta-se perfeitamente ao seu significante.

Se somos capazes de ouvir os ventos que passam de norte a sul “Vertiginosos, velozes, vários”.

igualmente podemos “ver” e “sentir” A NEVOA que

“Vaga no vácuo vacilante
Leve, tangida pelo vento”

Como conseguimos, também, “ouvir” e “ver” A CHUVA caindo em pingos fininhos, que vão formando, pouco a pouco, uma cortina, um véu

“Cai a chuva continua nas colinas
Tecendo a tênue teia
[transparente”.

Ou ainda “assistir” ao espetáculo gigantesco e “acompanhar” a fúria violenta e impetuosa, quando

“O redemoinho rodopia
Na confusão das curvas, de
[carreira,
A revela
Vertiginosa da ventania,
Túrbido e tênue todavia,
Erguendo ao espaço turbilhões de
[poeira”.

Concluimos este nosso estudo reafirmando a intenção inovadora de Da Costa e Silva de dar ao seu discurso poético uma nova feição construtiva. Para tal, o grande lírico piauiense, percorre o círculo do ZODÍACO, indo d'A ESCALADA, que traduz “Esta febre perpétua de ascendência, alcançando A VERTIGEM, ele segue “E sobe, rumo ao sol, o” seu “sonho de glória”, tendo passado igualmente pela terra, pelo mar, pela lua e enfrentado a ventania, a chuva, a névoa, o redemoinho, a enchente, a queimada, a derubada, o inverno e o verão e gozado o outono e a primavera, o nosso poeta proseguiu, admirando as árvores e os animais, respeitando a Natureza e amando Deus e a humanidade. ●

:: ZODÍACO ::



(Algumas fontes sobre o poeta)

LIVROS

- Tristão de Athayde, "Contribuição à História do Modernismo", vol. I, O Prémio Modernismo, 1939.
- Clóvis Bevilacqua, "História da Faculdade de Direito do Recife", volume I. Livraria Francisco Alves, 1927.
- Cristino Castelo Branco, "Homens que iluminam", 1946.
- Edgard Cavalheiro e Manuel Bandeira, "Obras Primas da Lírica Brasileira", Livraria Martins Editora, São Paulo, 1943.
- Laudelino Freire, "Pequena Edição dos Sonetos Brasileiros", F. Brigueit & C.º, 1914.
- Agripino Grieco, "Evolução da Poesia Brasileira", Livraria H. Antunes, s. d.
- Raymundo de Moraes, "Cartas da Floresta", Livraria Clássica, 1927.
- Andrade Muricy, "Alguns Poetas Novos", Tipografia da Revista dos Tribunais, 1918.
- Mário Rodrigues, "Vida de Imprensa", 1909.
- Antônio Torres, "Verdades Indiscretas", Livraria Castilho, 1925.
- Nestor Victor, "Cartas à Gente Nova".

O estudo de Tristão de Athayde fôra publicado antes, quando do lançamento de "Pandora", em "O Jornal" (1919 ?). É um trabalho muito lúcido e faz perfeita justiça ao talento do poeta.

Em "Obras Primas da Lírica Brasileira" de Manuel Bandeira e Edgard Carvalho, insere-se um comentário deste último sobre o poeta, havendo porém um lapso lamentável. O poeta, embora não tomasse parte no movimento combativo do modernismo, não se manteve à margem deste. Soube compreendê-lo como poucos. Daí os seus últimos poemas se englobarem no espírito desta corrente, da qual foi um precursor também. Sua crítica a "Poemas de Bilita", de Augusto Meyer, um dos livros mais estranhos e belos da época, é, na opinião deste mesmo, uma das melhores e mais compreensivas.

A notícia bio-bibliográfica que Laudelino Freire inseriu na "Pequena Edição dos Sonetos Brasileiros" é falha. Da Costa e Silva, ao contrário do que afirma, formou-se em Direito em Recife, no ano de 1913, conforme se pode constatar pela leitura da "Revista Acadêmica" da Faculdade de Direito do Recife, de 1915.

No livro de Agripino Grieco há um comentário sobre o soneto "Saudeade", muito expressivo, tanto que vale a pena transcrevê-lo: "A página do sr. Da Costa e Silva sobre a saudeade valeu por um desafio para inúmeros leitores que sentiam tudo aquilo mais não saberiam, não poderiam nunca expressar-se como o autor. Nesses quatorze, versos falou ele por centenas de corações. Falou por todos nós, beneficiar de todos nós".

No estudo de Raymundo de Moraes, apesar de sua linguagem gongórica e fãscante, tão ao gosto (ou máu gosto) da época, há observações interessantes sobretudo sobre as palestras do poeta, sobre seus ditos baudelairianos, seu humor e todo mais.

Um dos melhores trabalhos de compreensão da obra do poeta é este que se encontra em "Alguns Poetas Novos", de Andrade Muricy, verdadeiro roteiro de uma geração.

Não é necessário salientar a crítica de Antônio Torres, Foi Da Costa e Silva o único homem de letras do Brasil elogiado pelo mestiço de gênio. Este artigo fôra publicado em "A Notícia" quando do lançamento de "Zodiaco".

POST-FÁCIO

Mário Rodrigues, "Elogio de Da Costa e Silva", in "Verônica", Brasil Contemporâneo, 1927.

É um estudo feito com o coração este post-fácio do grande jornalista brasileiro, Análisa Da Costa e Silva, apaixonadamente, e o compara, com grande entusiasmo, aos grandes poetas mundiais, chamando-o de maior poeta de seu tempo.

ARTIGOS

- Alexandre de Albuquerque, "Reação Literária", in "O País", 1917 (?).
- Medeiros e Albuquerque, "Zodiaco", in "A Noite", 1917.
- Alcides Bezerra, "Resurreição dos Deuses", in "A União" (Parnaíba) 1919 (?).
- Osório Borba, "Zodiaco", in "Jornal do Recife", 1917.
- Miguel Mello, "A produção literária de hoje", in "Correio da Manhã", 1919 (?).
- Castro Menezes, "Zodiaco", in "Jornal do Comércio", 1917.
- Atílio Milano, "A Asa de Dor do Pensamento", in "O Jornal do Rio de Janeiro", 16 de julho de 1950.
- Veiga Miranda, "Vida literária", in "Jornal do Comércio" (S. Paulo), 1917.
- O Clavio Monteiro, "Da Costa e Silva", in "O Estado do Ceará", 1917 (?).
- José Montello, "Ignoradas influências na poesia brasileira", in "Autores e Livros", suplemento literário de "A Manhã", 17 de janeiro de 1943.

- Nascimento Moraes, "Um notável poeta norista", in "Pacotilha" (Maranhão), 1910.
- Plínio Motta, "Chronicas do Sul", in "Jornal de Consciência" (Minas), 1918 (?).
- Abdias Neves, "Um grande poeta piauiense", in "Monitor" (Piauí), 1909.
- Idem, "Traços e Notas", in "Cidade de Teresina", 1917 (?).
- José Ôtica, "Chronica Literária "Zodiaco", in "Correio da Manhã", 1917.
- Idem, "Chronica Literária - Pandora", in "A Rua", 1919.

- Alberto Olavo, "Um poeta singular", in "A Notícia", 1919 (?).
- Artur Orlando, "Da Costa e Silva" (?), in "Diário de Pernambuco", 1909.
- João Ribeiro, "Pandora", in "O Imparcial", 21 de junho de 1919.
- Idem, "Verônica", in "Jornal do Brasil", 4 de abril de 1927.
- Leão Padilha, "Uma quadra esquecida", in "O Malho", 6 de fevereiro de 1936.
- Salomar (Xavier Pinheiro), "Notas Literárias - Zodiaco", in "Gazeta dos Subúrbios", 1917 (?).

- Marcondes do Prado, "Impressões de Arte", in "Jornal do Brasil", 1917 (?).
- Franklin de Sales, "Manso Lago", in "Folha de Minas", 28 de junho de 1949.
- Idem, "Da Costa e Silva", in "Folha de Minas", 5 de julho de 1950.
- Antônio Salles, "Pandora", in "Folha do Povo" (Ceará), 6 de setembro de 1919.
- A. J. Pereira da Silva, "Zodiaco", in "A Época", 1917.

- Bastos Tigre, "Da Costa e Silva", in "A Noite", junho de 1950.
- Renato Travassos, "Da Costa e Silva", in "Correio da Manhã", 18 de julho de 1950.
- Celso Vieira, "Zodiaco", in "O Paiz", 1917.

- Mário Villalva, "Ave, Poética", in "A Cigarra" (S. Paulo), 1917.
- Desaparece um poeta - Da Costa e Silva", in "Correio da Manhã", 9 de junho de 1950.

Agora estes, existem centenas de outros estudos e comentários sobre o poeta e a sua

obra. Chamar a atenção somente para dois estudos: o assinado por um ilustre desconhecido, Marcondes do Prado, e outro pelo escritor Josué Montello. Em ambos há referências aos supostos plágios do poeta. O de Marcondes do Prado foi respondido pelo próprio Da Costa e Silva, em carta que dirigiu ao "Jornal do Brasil" na época em que se publicou o referido artigo. Ficou sem resposta. Não poderia mesmo ser respondido. O de Josué Montello, muito equilibrado, sobre o soneto "Saudeade", de que existe uma forma piorada do poeta Maranhão Sobrinho. O testemunho do crítico maranhense Antônio Lopes, esclarece definitivamente quanto à prioridade de Da Costa e Silva. Ainda que assim não fosse, restaria lembrar a superioridade incontestável da produção do nosso poeta.

ENTREVISTA

Salustiano Coêlho, "Conversando com Da Costa e Silva", in "A Voz do Estudante" (Órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva), Teresina, 30 de Dezembro de 1940.

O interesse desta reportagem reside no fato de ter surpreendido o poeta já doente, e atestar a sua memória extraordinária e a permanência da poesia em seu espírito, apesar de tudo.

HOMENAGENS

Câmara dos Deputados: - discurso do deputado Ademar Rocha, in "Diário do Congresso Nacional", 1 de julho de 1950.

Senado Federal: - discurso do senador Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, com apertes dos senadores Hamilton Nogueira, José Américo de Almeida, Augusto Meira, in "Jornal do Comércio", 1 de julho de 1950.

Academia Brasileira de Letras: - discursos dos acadêmicos Olegário Mariano, Celso Vieira, Ademar Tavares, Mício Leão, A. Carneiro Leão.

No Piauí várias foram as homenagens; estão citadas em crônica à parte.

O discurso do senador Ribeiro Gonçalves forneceu um retrato minucioso e gozou de poeta. Foi buscado na sua Amarante e recitou inúmeros poemas do grande piauiense. O senador Augusto Meira lembrou mais uma vez a necessidade de se mandar gravar em bronze, em monumento público, no campo de pouzo de Parnaíba, o soneto "Saudeade".

ICONOGRAFIA

Corrêa Dias, medalhão do poeta em "Zodiaco", reproduzido no "Diário de Notícias agosto de 1950.

Maurício Jubim, óleo de poeta, reproduzido em "A Manhã".

Presciliano Silva, retrato do poeta, in "Correio da Manhã", 9 de Julho de 1950; "Ilustração Brasileira", Agosto de 1950; "Diário de Pernambuco", 16 de Julho de 1950; divulgado graças ao poeta Carlos Drummond de Andrade que dele possuía uma reprodução.

Telesforo de Moraes Rêgo - Óleo do Poeta, para a Biblioteca Pública de Teresina (1948).

Desenho a bico de pena, in "Pequena Edição dos sonetos Brasileiros", de Laudelino Freire.

Estas são algumas fontes para o conhecimento de Da Costa e Silva e de sua poesia. Embora a maioria delas seja hoje de difícil acesso; explica-se este repertório como uma tentativa de sistematizar o que se escreveu sobre o poeta, facilitando assim as posteriores pesquisas.

Naturalmente que para conhecer a Da Costa e Silva é necessário ler a sua obra, hoje completamente esgotada. Ainda é este ano, porém, sairão "Poemas Completos" do grande piauiense, englobando os seus livros publicados - "Sangue" (1909), "Zodiaco" (1917), "Verhaeren" (1917), "Pandora" (1919), "Verônica" (1927) - e mais um sexto - "Alhambra" - que o poeta vinha organizando e deixou incompleto. O volume será editado pela "Cruzeiro" e terá um prefácio sobre o poeta e um post-fácio crítico sobre a sua obra, confiados a duas personalidades marcantes de nossa literatura, que pertenceram à sua geração.

II José Oiticica e Zodíaco

Do *Sangue*, publicado em 1908, ao livro de hoje a evolução de Da Costa e Silva é grande e definitiva. Fêz-se no rumo certo, aquele que o levará, triunfalmente, a um dos postos altos da poesia nova no Brasil.

Essa poesia nova existe. Existe como a defini há tempos estudando a *Gênese* de Hermes Fontes. Existe com o surto mais veemente, a mais prodigiosa expressão da alma brasileira, cheia de reentrâncias lóbregas e alcantis. É uma poesia que se ressent do contacto dos Andes, do Amazonas e do Atlântico, mas onde murmuram fontes, piam caborés e manacás trescalam.

Poesia onde tudo vive, onde tudo é humano, integração da alma humana em todas as coisas, como o panteísmo é integração em todas as coisas da alma divina.

Essa poesia caracteriza-se, é bom lembrar, por três virtudes: a linguagem, o estilo, o pensamento. O poeta novo ama a língua em que fala, como o Paderewski ama o seu piano ou Vecksey o seu violino. Cultiva-a, apura-a, remodela-a, remoça-a quanto pode. É um aristocrata da palavra.

Depois serve-se dessa língua para continuar a engrandecer a obra hugoana da orquestração do verso, como disse LANSON. O verso de HUGO era uma orquestra poderosa; mas, depois d'ele, veio o verso livre e esse verso, a que mal se ajeita o francês sem esdrúxulos e com superabundância de agudos, é uma renovação na língua portuguesa. Mesmo nos versos clássicos, os "novos" conseguiram a concisão, o equilíbrio, a riqueza, o vigor que não lhe puderam dar os chamados "parnasianos". A métrica nova, instituída por HERMES FONTES e que reduzi a doutrina nos meus *ESTUDOS DE PHONOLOGIA*, chegou à perfeição prosódica, à sua condensação máxima e justa. A composição do soneto exigiu novos rigores que lhe aumentassem o fulgor e a beleza.

Enfim, o pensamento — digamos, a orientação converge, nos quatro ou cinco verdadeiramente novos, para o que ROCHA POMBO chamou, com muita propriedade: "pan-psiquismo". Nesse pan-psiquismo há, porém, pela força das circunstâncias, uma como, centuplicação da alma do poeta uma disseminação de si mesmo, tanto maior quanto mais variada e rica é a natureza do Brasil. O poeta tem de repartir a alma agitada para animar séres sem vida; olha em torno vê a desmedida multiplicidade de séres minerais, vegetais e animais, a assembléia mais numerosa e disparatada de criações, multimilenárias. E ele expande-se, pulveriza-se em pequeninas almas que vão gritar e sofrer por cristais e células. Para realizar esse milagre deve ser vasto, capaz dessa

dispersão, capaz de encher, com a sua ideia, a colossal natureza ambiente Assim, ou é grande poeta ou não caracteriza-trá essa poesia.

A frase verdadeira é a de ALCIDES MAYA: essa poesia ou será um titanimismo ou não será nada.

Essa poesia é a de CARLOS D. FERNANDES, a de HERMES FONTES, a de AUGUSTO DOS ANJOS. A morte deste foi a maior desgraça para a poesia brasileira, comparável às grandes desgraças das mortes prematuras de CASTRO ALVES e CRUZ E SOUSA, dois gênios. Sentiu-se em dos ANJOS a musculatura de um ciclope. Tinha todos os predicados de um criador, toda a agitação do inspirado.

Nessa poesia ensaia-se o talento anunciador de GILKA MACHADO e revela-se agora, decididamente, DA COSTA E SILVA, como já revelou ILDEFONSO FALCÃO. Escrevendo sobre HERMES FONTES, transcrevi um soneto inédito de DA COSTA E SILVA onde percebi na tendência nova aliás flagrante em duas composições do *Sangue*: "Rio das Garças" (agora incluído no *Zodíaco*) e "Saúdade".

Mas, em *Sangue*, DA COSTA E SILVA era muita gente, menos ele mesmo. Notava-se a incerteza de quem, na floresta brava, não atina com a direção do pouso. Nestes nove anos de silêncio fêz-se em seu espírito o trabalho penosíssimo das renúncias. Seu livro mostra que ele conseguiu de sapegar da sua estética todas as influências, retalhos de outras almas que se adaptaram a sua e a martirizavam. Aparece-nos agora um grande poeta, com todos os característicos assinalados de um novo, mau grado hesitações secundárias na métrica, hesitações que se desfarão.

Para ler-se o livro de DA COSTA E SILVA, com espírito de análise, de crítica justa, é preciso não perder de vista o que há nele de "malabarismo propositado", de "estudos de técnica".

O poeta de hoje não é mais o poeta de 1850, que se contentava com metrificar sofrivelmente. O verso exige agora o trabalho de harmonização e instrumentação. O poeta é harmonista, contrapontista, concertador de coros, marcador de cenas. O livro de WAGNER sobre a *Direção da Orquestra* poderia com vantagem servir para esses maestros da palavra.

Assim esses "estudos" justificam-se. São estudos com o dos compositores. O essencial é que denotem "estudo" e, dentro da técnica, mostrem "pensamentos" e "emoção", isto é, sejam obras de Arte.

Metade do *Zodíaco* é a documentação brilhante dessa preocupação de técnica. DA COSTA E SILVA demonstra extraordinário poder nesses brincos de atleta.

Desde as estrofes singelíssimas das

"Horas" até as vertiginosidades do "Redemoinho" tudo proclama a virtuosidade desse prestidigitador, cujos difíceis não executam apenas passes quando é ilusionista o poeta:

Éis como termina "Outono":

O outono ai vem... Bendito seja
O outono no seu fogo abrasador,
Que traz a morte para o bem da vida,
Bem haja o deus que baixa à sua
igreja,
Para erguê-la, depois de demolida,
Ante a glória da luz, para o culto
do Amor!

Dos "Poemas de Flora", em diante DA COSTA E SILVA toma as vestes sacras e sobe ao altar-mor, para officiar como sacerdote. Sentiu-se, então, a religiosidade pagã do artista, a enfiatura desse erigido de damas, pedreiro da Beleza.

Basta ler os dois sonetos de "Sub Tegmine", o segundo dos quais transcrevo, com pena de não transcrever o primeiro.

Árvores! junto a vós como esta vida é boa!

Como é calma e feliz no seu simples aspecto,
Para quem vai buscar num seio mais discreto

A paz que lhe faltou e os ramos vos povoa.

Se o homem vos bendiz, tudo vos abençoa,

A vós que sois o berço, o leito, a mesa, o teto...

Desde o verme rasteiro ao volátil inseto,

Da ave implume no ninho ao pássaro que voa...

Ah! soubesse quem sois e, de alma enternecida,

Não vos cortara, não, o homem rústico e bruto.

— Poupando-vos, poupara a alegria da vida!

Não vos magoara, enfim, nesse sonho impulso.

Em qué a mãe-Natureza a viver nos convida,

— Um riso em cada flor, um beijo em cada fruto!

Veja-se ainda este, admirável:

A PALMEIRA

Que orgulho não terá essa palmeira exul

Na soberba altivez do seu talhe e elegante,

A abrir os leques reais da folhagem fluante

As carícias do Norte e aos afagos do Sul!

Com as raízes sugando a seiva do paul,
Parece que possui o desejo triunfante
De dominar o céu tão alto, tão distante;
E o sonho, enfim, rebenta em palmas pelo Azul...

Verdes fabelos no ar, alta, esbelta e virente,
Dá a impressão de que tem o soberano ideal
De crescer, de subir indefinidamente.

Entre os beijos de luz dêsse sol tropical
A alta palmeira exult que vaidade não sente
No líneo coração de mulher vegetal!

Os sonetos da fauna têm maravilhas: O "Caramujo", "Sapo", o "Besouro", a "Aranha" são modelos de técnica, efeitos e personificação das coisas.

Na série de "Minha terra" o orquestrador como que repousa, volve ao lar, espria os olhos doloridos pelos ermos, revê amores velhos, águas saudosas, campos de outrora, e canta genendo:

A CANTIGA

Havendo ao rude engenho a roda grande
Cantam na lida os homens da lavoura,
Os crebros sons da moenda rugidora
Enquanto a vida à luz do sol se expande.

A mole férrea, sem que o pêso abraque,
Gira veloz, como se próprio fôra
O humano afã da força propulsora
Que faz com que ela, assim, ande desande.

Cantam os homens no auge da labuta,
E a roda, sem parar, gira e mastiga
As raízes que apura à força bruta...

Cantai, homens de Deus! que essa cantiga
Vos dá novos aentos para a luta...
E quem luta a cantar não tem fadiga!

"Natureza sofredora" há de ficar entre os sonetos celebres da língua portuguesa, pelo seu profundo esoterismo, sua misteriosa compreensão das dores humanas relacionadas às dores da natureza:

Desiludido ser que em vão maldizes,
Culpando a vida, as suas vãs torturas,
Mal sabes tu que tantas desventuras
Na tua própria origem têm raízes.

Prevendo a condição dessas desdidas
Tão natural nos homens e nos brutos,
Há nos seres revoltas infinitas.

É assim que existem córregos enxutos,
Ventres estêres e árvores malditas
Que não dão flores para não dar frutos.

Zodiaco, entretanto, é mera amostra. DA COSTA E SILVA diz-nos apenas de que é capaz. Seu livro é o dinamômetro indicador da rigidez dos seus biceps, trenados, prontos doravante às empresas grandes. Ele coloca-se na primeira fila dos verdadeiros

"novos" e apanha as lages brutas com que vai construir sua "Porta dos Leões", —

III Antonio Torres e Zodiaco

A crítica já esgotou o que se podia dizer do Zodiaco, livro de versos do Sr. DA COSTA E SILVA. Tôda a imprensa já o elogiou e justamente. Pelo menos quanto à forma, é um excelente livro. O Sr. DA COSTA E SILVA sabe trabalhar o seu verso como poucos. Conhece a sua língua - "avis rara in terra aliena". Tem o sentimento da medida e exprime-se com clareza. Evita certos tropeços e pedrouços de péssimo gôsto, que costumam desfeitar os livros de poetas nossos, aliás críveis. O seu livro está cheio de alterações e sonâncias que são novidades para a nossa língua. Aprendeu-as o poeta, sem dúvida alguma, em EMILIO VERHAEREN, êsse ciclope formidando e tumultuoso como as "Fores tumultuárias".

Em, altos brados desvaírados.
Passam os ventos nos descampados
As avalanches em turbilhão,
Imprecando, bramando, soluçando,
Num côro formidando,
Pela amplidão.

Tôda esta "Ventania", que é trabalho de fino labor, é vasada em repercussões verhaerenianas. Por vêzes, o amor, a música e a tortura da onomatopéia "sans en avoir l'air" fazem o poeta deslizar num clívio a que os gramáticos chamam "colisão" e vem a ser a repetição freqüente da mesma consoante para "obter certos efeitos onomatopaicos".

Exemplo tirado de "Redemoinho":
De repente
O redemoinho rápido, revoltado,
E desvelto, volteia, envolto
No vértice envolto
Do pó que sobe sacudido, sólto
No aéreo ambiente

Como se vê, uma simples e dura logomaquia. O Sr. DA COSTA E SILVA é antes de tudo "um descritivo". Quanto seria preferível que êle fosse mais subjetivo! E êle o poderia ser muito mais, se o quisesse. A "Escalada", "Natureza sofredora" e "A vertigem", dizem bem alto da força emotiva do poeta. Nessas composições é que há verdadeira "poesia", isto é, emoção traduzida por imagens que nos deixam entrever uma personalidade que se entusiasma e vibra diante do espetáculo do mundo. "Ritmos da vida", "Imagens da natureza", "Poemas da flora", "Poemas da fauna", "Minha terra" e alguns poemas de outras divisões do livro são como os poemas sinfônicos - do maestro NEPOMUCENO: admiráveis pelas dificuldades técnicas vencidas, mas frios e inemotivos. Em resumo: mais "bem feitos" do que propriamente "belos". Os aspectos da Natureza que nos apresenta nêles o Sr. DA COSTA E SILVA chegam até nós inanimados como se nos fossem dados por películas cinematográficas. O poeta, levado pelo seu horror à pieguice, supondo que a alma de um poeta não nos in-

O poeta e a crítica ontem e hoje

NOTA — Publicado no "Correio da Manhã", Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1917.

teressa, impessoaliza-se demasiadamente. Ora, isso é um erro. Um poeta vale justamente pelo modo da alma que êle lêr capaz de traduzir em imagens. O essencial é que essa alma seja elevada e universal. Da Natureza-mãe, nas suas crises De dor, depende a sorte das criaturas. Vem daí as fatais selvas escuras Do destino dos homens infelizes.

Tem-se estranhado que no livro do Sr. DA COSTA E SILVA não haja uma palavra para a mulher. Isso revela, a meu ver, uma face da sua superioridade intelectual de poeta. Provavelmente (e nisto estamos de pleno acôrdo) êle está convencido que mulher é um tema a gosto. Já inspirou o que podia. Já deu o que tinha de dar... O mundo, isto é, o céu, as águas, as montanhas, as florestas e os animais (menos a mulher) é que ainda podem oferecer ao poeta motivos de alta contemplação. Sob êstes céus azuis e escampados, sob êste sol canicular, no meio desta vertigem de côres, é impossível espiritualizar uma mulher: Temos de cair fatalmente na sensualidade pura. Ora, a sensualidade não pode ser motivo de poesia verdadeira nestes tempos de renascimento espiritual. ZARATRUSTA, na primeira parte do seu livro, diz:

"Amo a floresta. É difícil viver nas cidades, onde são muito numerosos os que estão no cio.

"Não é melhor cair entre as garras de um facinoroso do que nos sonhos de uma mulher ardente?

"E olhai, pois, para êsses homens: o seu olhar o testemunha — não conhecem nada melhor no mundo do que deitar-se com uma mulher.

"Eles têm lama no fundo da alma e ai dêles se a sua lama tiver espírito!

"Se ao menos fôsseis uma besta perfeita, mas para ser uma besta é preciso de ter a inocência!

"Aconselhar-vos-ei eu extinguir os vossos sentidos? Aconselho-vos a inocência dos sentidos".

Assim falava ZARATRUSTA. Mas como chegar a ter a "inocência dos sentidos" sob um clima que a todos os momentos não convida a outras atitudes senão às da sensualidade? Naturalmente frio, impassível por indole (e a objetividade exagerada dos seus versos o prova exuberantemente), o Sr. DA COSTA E SILVA não podia ser um exaltado diante da Mulher. Como ZARATRUSTA, êle sabe, por instinto que a exaltação diante da mulher é sinal de pouco saber. "E como sabemos poucas coisas, ZARATRUSTA na segunda parte, amamos a fundo de coração os pobres de espírito, principalmente quando são mulheres moças". Assim falava ZARATRUSTA e assim é que pensa o Sr. DA COSTA E SILVA. Por que censurá-lo por tal? Deixemos que o censurem as mulheres...

NOTA — Publicado em "A Notícia", Rio de Janeiro, 27 janeiro. 917. ●

Poetas do Brasil

IV CORRÊA JUNIOR E DA COSTA E SILVA

Passou quase despercebida em São Paulo a notícia do falecimento de DA COSTA E SILVA, ocorrido a 29 de junho último. Nada se escreveu, até hoje, em homenagem a essa grande vida que se extinguiu, há dias, no silêncio de modesta mansão carioca, deixando da sua passagem pela terra inapagáveis clares de beleza.

Não é de duvidar, porém, que a memória do vigoroso cantor de *Sangue* e *Zodiaco*, do consagrado autor dos sonetos "Saude" e "A moenda" (que se incluem entre "as mais representativas criações da poesia no Brasil") — receba, ainda, da atual geração de intelectuais brasileiros, a consagração a que tem pleno direito.

DA COSTA E SILVA foi, realmente uma figura de profunda projeção nos meios literários do país.

A publicação de *Sangue*, seu livro de estreia, em 1908, constituiu acontecimento notável na literatura brasileira. A falange de poetas da qual ele veio a ser, naqueles tempos distantes, um dos astros de primeira grandeza, exerceu incontestável influência na poesia nacional. Seus versos andaram de boca em boca, entre os plúmbeos e todo o Brasil, que festejaram com entusiasmo a precoce veia lírica do harduo piauiense.

Mas, desde que caíra enfermo, em 1.932, DA COSTA E SILVA, de natural retraído e triste, abismarara-se na mais tremenda solidão entre as quatro paredes da sua casa residencial. E, longe dos homens, não tardou que pelos homens fosse esquecido.

Chegou a sua vez porém, de alcançar-se ao Infinito, de libertar-se do seu cárcere de sombra e sofrimento.

E das asas que o levaram para a morada misteriosa das almas, cai sobre a terra, que os seus pés palmilharam, uma poeira sonora de luzes.

Há-de, um dia, chegar até nós um pouco dessa música radiosa: e então ficaremos, atentos e deslumbrados, a ouvir o coração do grande poeta.

V

Judas Isgoragota a Da Costa e Silva

Relembremos hoje a vida e a obra de um poeta, o poeta que legou às nossas letras uma de suas jóias mais sugestivas e mais belas, o famoso soneto "Saude". Este poeta se chamou ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, com justiça um dos grandes lapidadores do verso e um dos mais inspirados artistas do Brasil.

Tendo nascido na cidade de Amaranite, Estado do Piauí, a 28 de novembro de 1885, DA COSTA E SILVA pertenceu à geração que nos deu CASTRO MENEZES, OSCAR LOPES, AUGUSTO DOS ANJOS,

BENI CARVALHO, CRUZ FILHO, MARTINS FONTES, D. AQUINO CORRÊA, MANUEL BANDEIRA, HUMBERTO DE CAMPOS, HEITOR LIMA, LINDOLFO ESTEVES, ADELMAR TAVARES, HERMES FONTES, AGRIPINO GRIECCO, AFONSO LOPES DE ALMEIDA, OLEGARIO MARIANO, MÁRIO LINHARES, SILVA LOBATO, RAUL MONTEIRO e muitos outros. Da COSTA E SILVA era, portanto, vinte anos mais moço que OLAVO BILAC, que foi a mais viva refulgência da Via Láctea literária de sua geração, constituída por AUGUSTO DE LIMA, RAIMUNDO CORRÊA, JOÃO RIBEIRO, SEGUNDO WANDERLEY, CONSTANCIO ALVES, CRUZ E SOUSA, COELHO NETO, VITOR SILVA, EMILIANO PERNETA, VICENTE DE CARVALHO, EMILIO DE MENEZES, GUIMARÃES PASSOS, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, MÁRIO PEDERNEIRAS, LEONCIO CORRÊA, recentemente falecido, e muitos outros.

A geração de OLAVO BILAC sucedeu a de DA COSTA E SILVA, e não há como não reconhecer que ambas se equivaleram. Ambas cultivaram com carinho o idioma, pátria ambas trabalharam com maestria o verso clássico, ambas se elevaram às culminâncias da poesia lírica, parnasiana e simbolista.

ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, depois de fazer o 3º ano na Faculdade de Direito do Recife, transferiu-se sobraçando as palmas de sua vitoriosa estrela para a Baía e por fim para o Rio de Janeiro, onde brilhavam os nomes de OLEGARIO MARIANO, HERMES FONTES, RAUL MACHADO, ALBERTO DE OLIVEIRA, OLAVO BILAC e outros, que logo reconheceram naquele jovem moreno, retraído e sombrio, uma das mais notáveis revelações da poesia brasileira.

De fato, DA COSTA E SILVA surgia no cenário brasileiro já virtualmente consagrado como o autor do livro de versos *Sangue* publicado no Recife, em 1908, versos notabilíssimos escritos por um estudante de 23 anos apenas.

Sangue... E o poeta, claramente inspirado nos simbolistas — VERLAINE, MALLARMÉ, CRUZ E SOUSA e ANTONIO NOBRE — trazia para a poesia brasileira uma nota impressiva e forte, naquela linguagem "científica" tão do agrado de alguns poetas do início do século e que viria caracterizar a extraordinária poesia de AUGUSTO DOS ANJOS:

"Sangue, fluido genético e fecundo
Do tantalismo que anda em mim disperso,
— Rocio com que alento, com que imundo
As sementeiras rubras do meu verso!"

No fundo, porém, era a nota lírica e predominante de seu estro, desde cedo superexcitado pelas notitadas boêmias, VERLAINE e MALLARMÉ inspiravam-no nessas extravagâncias em que o verde abstinente era substituído pura e simplesmente pelo álcool translúcido e traçozeiro da "rígida moenda". E ébrio de sonho, ei-lo a cantar em sua "Canção de bêbedo":

"Bêbedo eu vivo de ilusões formosas
E temo algumas vezes, que endoieça
Minha triste e feíssima cabeça,
Coroada de estrêlas e de rosas".

Entretanto, a nota mais encantadora daquela poesia que se apresentava, vitoriosa, sob o título de "Sangue", era a paisagem lírica de sua terra — a cidadezinha de Amaranite, à margem do Parnaíba, entre este e dois de seus afluentes: — e o próprio Parnaíba, com as suas balsas e, enfim, a terra de seu Piauí, com "a galzarria infantil dos periquitos" e a talagarça da névoa que se levanta, lenta, lenta...

AMARANITE

A minha terra é um céu, si há céu sobre a terra;
E um céu sob outro céu tão limpidos e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar sonhando
Sobre o vale natal, que o seio à luz descerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!
Junto à paisagem verde a igreja branca, o bando
Das casas que se vão, pouco a pouco apagando
Com o noventa perfil nostálgico da serra;

Com o seu povo feliz, que ri das próprias maguas,
Entre os três rios, lembra uma ilha alegre e linda
A cidade sorrindo aos óculos das águas.

Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde tive o berço e de onde espero ainda
Sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho!

O amor filial à sua terra é uma constante no coração do poeta. Seu pensamento paira sempre no rincão modesto e feliz. Agora, é o velho Parnaíba, o rio brasileiro cantado com o mais fraterno enlêvo, descrito por todos os seus poetas, e que mereceu de DA COSTA E SILVA estes versos magníficos: "Rio das Garças":

"Na verde catedral da floresta, num côro
Triste de canto-chão, pelas naves da mata,
Desce um rio a chorar o seu perpétuo choro,
E o amplo e fluido lençol de lágrimas desata.

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da oblatã
Ao sol — lembra um rocal todo irrisado de ouro,
Ao luar — rendas e luz com vidrilhos de prata
Alvas garças a piar, arripiadas de frio.
Seguem, de absorto olhar, a vitrea correnteza;
Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...
É o Parnaíba assim, carpindo as suas máguas,
— Rio da minha terra, unguido de tristezas,
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas".

DA COSTA E SILVA bacharelou-se em 1913 pela Faculdade de Direito do Recife. Entretanto, quase que não exerceu a profissão. Encaminhou-se para o jornalismo, dedicou-se às letras, até que por fim ingressou na carreira burocrática, como funcionário do Ministério da Fazenda. Publicou por essa época os livros *Elogios dos olhos* e *Poema da Natureza*. Em 1917 publicou *Zodiaco* e o poema *Verhaeren*, poeta belga, pioneiro do verso livre na língua francesa e que tanta influência exerceu sobre o espírito do amarantino ilustre. Em 1919 publicou *Pandora* e em 1927 *Verônica*. Em 1934 foi publicada uma Antologia de seus trabalhos.

Em 1931, DA COSTA E SILVA chegava à Paulicéia, nomeado delegado Fiscal em São Paulo. Realizava-nos nós uma enquete sob o título de: "O momento literário em São Paulo". Em companhia de CLEOMENES CAMPOS, fomos ouvir o poeta de Saudade. Inicialmente, indagamos de sua formação literária. Respondeu o poeta:

— "A minha formação literária fez-se naturalmente, sem que eu desse por isso, pela leitura de quantos livros me vieram aos olhos curiosos, no sertão do Piauí. Lá, a princípio, sem pretensão intelectual nem predileção artística, prosa e verso. Por felicidade, CERVANTES e MACHADO DE ASSIS foram os primeiros autores proibidos, lidos, furtivamente e furtadamente, à estante de meu pai, que não era letrado, mas homem de bom gosto.

"Que poeta, o MACHADO DE ASSIS!" — dizia sempre, com ênfase. De fato, mais tarde encontrei no grande prosador os ritmos mais ricos de nossa poética. Depois, a filosofia me surpreendeu, no curso acadêmico, empolgando-me de todo. Vinha trazer a sua luz de mistério à inquietação da poesia, já então aflorada em meu ser, para consolo de minha vida. E esta, Deus louvado, tem sido a minha inseparável companheira".

— Sua carreira literária...
— "Não tenho, francamente, carreira literária assinalada. Escrevo por prazer, por uma necessidade orgânica, sem intuito de agradar nem de tirar proveito. Escrevo como vivo, numa palavra. São estes os meus livros: *Sangue*, *Zodiaco*, *Pandora*, *Verônica* e uma plaquete em louvor de Verhaeren, que tive a fortuna lírica de apresentar ao Brasil, irremediavelmente romântico..."

— Sendo de sua autoria dois dos mais famosos sonetos brasileiros, *Saudade* e *A moenda*, qual a poesia de sua preferência, em toda a sua obra?

— "Não tenho predileção pelo que faço. Mas devo confessar que aquele *Noiturno*, do livro *Verônica* não me sai do pensamento, por um motivo que não me sai do coração.

Quer ouvi-lo?

Quer a sonhar contigo.
Mas acordo de repente...
Ouço bater no postigo...
Lentamente, lentamente...

Penso que és tu, morta ausente.
Que voltas ao teu abrigo.

Corro, impaciente, à janela.
Olho a noite. Ermo profundo...

O vento, frio e iracundo,
As árvores arrepela...

E eu pergunto às sombras: — E Ela?
Não voltará mais ao mundo:

O chão de fôlhas se junca.
Ao vento que as solta e leva...
E ouço, em silêncio, na treva...
— Quem morre não vem mais nunca.

O Corvo de Poe se ceva.
Cravando-me a garra adunca.

— Ail! que saudade! Maldigo
A vida triste e descrente!
— Si eu dormisse eternamente...
E volto a sonhar contigo.
Bate o vento no postigo...
Cai a chuva lentamente..."

Nossa pergunta seguinte foi sobre o momento literário que estávamos vivendo.

— "Todo o momento é de transição. Na arte, como na vida só há renovação. A poesia tende às grandes sínteses como expressão dinâmica do mundo atual. Clareza e simplicidade: só com essas asas livres e harmoniosas, poderemos chegar às serenas regiões da beleza. O mais é pura ingenuidade".

— Qual a sua opinião sobre as academias, os clubes literários?...

— "Há um ditado no Norte muito oportuno: — "Canário de magote não canta"..."

— Quais os seus projetos literários?

— "Meus projetos literários resumem-se neste: realizar uma obra, que, de certo, não realizarei. Os livros anunciados perderam a atualidade. Trabalho agora em *Jangada* (não me roubei o título), poesia livre e selvagem, aprendida com mestre Amazonas".

NOTA — Publicado no "A Gazeta" S. Paulo, 13 julho 950.

VI Antonio Simões Reis

Nasceu ANTÔNIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA em Amarante (Piauí), a 28 de novembro de 1885, e faleceu no Rio de Janeiro, a 30 de junho de 1950.

Referências:

Albuquerque Alexandre de. — O único poema. "O Paiz". Rio de Janeiro, 30.janeiro.917.

Corrêa Junior. — Da Costa e Silva. in "A Gazeta". S. Paulo, 7.Julho. 950.

Facó, Américo. — A inominável. in "Fon-Fon". Rio de Janeiro, 7.julho. 917.

— A Academia e os poetas. in "Fon-Fon". Rio de Janeiro, 23.julho. 911.

Isgoragota, Judas. — Da Costa e Silva. in "A Gazeta". S. Paulo, 11 e 13.julho.950.

Leão, Múcio — Dois poetas piauienses. in "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 1.julho.950.

Muricy, Andrade. — Da Costa e Silva. in **ALGUNS POETAS NOVOS** — Capital Federal, 1 918. — De pp. 61-64.

Bibliografia:

— SANGUE. — Recife, 1 908.

Referências:

Lobo, Antônio. — "Da Costa e Silva" in "Facotilha", S. Luis, 30.de.zembro.908.

Nogueira, Benedito. — "Sangue". in "Correio de Oeiras". Oeiras (Piauí), 14.fevereiro.909.

DOS — POETAS DO BRASIL — de ANTONIO SIMÕES DOS REIS

Aroldo, Jayme. — "Urbe et orbe". in "A Província do Pará". Belém (Pará), 27.abril.910.

F. (reitas), L. (epoldo). — "Livros de poesia" (in "Diário Popular"). S. Paulo, 9.março.909.

— ZODIACO: — 1916.

Referências:

Albuquerque, Alexandre de. — "Reação literária". in "O Paiz". Rio de Janeiro, 2.janeiro.917.

Campos, Humberto de. — "Um palácio deserto" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 24.janeiro.

Cunha, Vieira da. — "Zodiaco", *Poema da Costa e Silva*, in "Apollo". Rio de Janeiro, janeiro. 1:917 — De pp. 9-11.

Estrada, Osório Duque. — "Registro literário". in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 8.janeiro.917.

Guimarães, Carvalho. — "Zodiaco". in "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 22.fevereiro.917.

Lopes, Antônio — "Um poeta": in "Revista das Academias de Letras". Rio de Janeiro, 1939.

Lopes Oscar — "A semana". in "O Paiz". Rio de Janeiro, 28.janeiro.917.

Menezes, Castro. — "Zodiaco". in "Jornal do Comércio". (Ed. da tarde). Rio de Janeiro, 23.janeiro.917.

Oiticida, José. — "Crônica literária". in "Correio da Manhã". Rio de Janeiro, 26.janeiro.917.

Torres, Antônio. — "Zodiaco". in "A Notícia". Rio de Janeiro, 27.janeiro.917.

— VERNHAEREN. — 1917.

Referências:

Estrada, Osório Duque. — "Registro literário". in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 26 de fevereiro. 917.

— PANDORA. — Rio, Livraria Castillo, 1 919.

Referências:

Athavde, Tristão de. — "Poesia" in **CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO MODERNISMO** — 1 vol. Rio de Janeiro, 1 939. — De pp. 153.162.

— "Poesia" in - primeiros estudos — Contribuição à história do modernismo literário. I. O Pré-modernismo de 1 917 a 1 920. Rio de Janeiro, 1 948 — De pp. 100.

Ribeiro, João. — "Crônica literária" in "O Imparcial". Rio de Janeiro, 21.julho.919.

— VERÔNICA. — Poesia. Rio de Janeiro, Edição do "Brasil Contemporâneo".

VII

Múcio Leão e dois poetas piauienses

Se os poetas fossem como as virgens de BILAC, se, quando eles morressem, aparecessem astros nos céus — os firmamentos do Piauí contariam desde ontem com mais duas estrelas cintilantes. Pois, ontem, faleceram quase à mesma hora os poetas CELSO PINHEIRO e DA COSTA E SILVA. Coincidência estranhíssima: tinham êles nascido quase no mesmo dia — CELSO, a 24, DA COSTA, a 28 — novembro de 1885.

E à noite, à luz mortíca da candeia,
Tu pedirás à Virgem que nos valha,
Quando fores dormir depois da ceia.

Esta era uma das duas notas predominantes na musa de CELSO PINHEIRO; a outra nota nela predominante era, acaso, mais característica do que a do lirismo amoroso; era a do desencanto, a do desalento a do pessimismo, "Jesus, pior que o teu foi meu destino!", exclamava êle em um dos seus sonetos. E ansioso, tôda uma síntese de sua poesia, daquela poesia em que CELSO PINHEIRO deixava extravasar tôda a sua intensa e irremediável dor de viver.

...

Bem diferente foi a aventura da vida para ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA, o outro poeta que o Piauí perdeu ontem.

CELSO PINHEIRO faleceu em sua doce e querida Teresina, a mesma cidade em que nasceu, onde foi jornalista, funcionário público e homem de letras. Como nunca saiu de Teresina, seu nome pouco conhecido é do Brasil. Pertencia a uma família de poetas e de jornalistas, e, como esta folha lembrava ontem, entre os seus irmãos contou-se LAURO PINHEIRO, amável coração de poeta que há mais de trinta anos deixou de bater; e contou-se JOÃO PINHEIRO, o autor de uma estimável e bem estudada História da Literatura do Piauí. Outros dos irmãos de CELSO — o caçula da família — é BRENO PINHEIRO, nosso companheiro de trabalho no Jornal do Brasil, autêntica vocação literária que o jornalismo absorveu por completo, o dono feliz de uma das mais formosas, das mais escolhidas bibliotecas particulares que existem no Rio de Janeiro, CELSO tinha, como os seus irmãos, o ardente amor dos livros e da criação literária. Dessa paixão, que lhe absorveu a vida, ficaram eloquentes documentos. Os seus três livros publicados — *Almas Irmãs*, que apareceu em 1903 e que é feito em colaboração com ZITO BATISTA e ANTONIO CHAVES; *Flor incompleta*, que é de 1914; e *Poesias*, que é de 1938. Dos três, o único que possuo é o último. Nele, CELSO PINHEIRO recolheu as flores mais suaves do seu jardim interior, flores de emoção, de verdade, de ternura.

Era êle, realmente, um lirico de enternecida sensibilidade. Tinha ficado fiel a antigos cânones de arte, e é possível que uma releitura dos seus versos nos dê, hoje, uma impressão de velhice e de cansaço. Residindo em Teresina, longe das inquietações e das renovações dos grandes centros culturais, é natural que êle se tivesse conservado fiel aos modelos e aos ritmos em que se formou a sua adolescência. Do seu lirismo, porém, vinham coisas como êsse gracioso soneto:

Quando fores a minha mulherzinha,
Meu afeto, meu bem, minha vontade,
Eu todo teu e tu somente minha,
Havemos de deixar esta cidade.

Iremos habitar lá para a herdade,
Criando ovelhas e cuidando a vinha,
Tu serás uma pérola, em verdade,
E a violeta do val tua priminha.

Pelas estradas líricas da roça,
Tendo à cabeça o meu chapéu de palha,
Rirão de ti os pássaros em troca.

E SILVA dava ali seu pensamento de estudioso da ciência, envolvendo-o em uma forma literária brilhante, o que o distanciava muito dos ensaios obnubilados da poesia científica de um MARTINS JUNIOR, por exemplo.

No SANGUE, mais belos do que o poema inicial, havia aquela poesia em losango, intitulado *Madrigal de um Louco*, havia numerosos sonetos de um mórbido sabor baudelaireano, e havia, sobretudo, a *Saudade*, um dos mais lindos sonetos que um poeta ainda escreveu, nesta querida língua portuguesa uma das glórias antedotas do gênero na poesia brasileira. Acreditado que toda gente sabe de cor esse maravilhoso poemazinho. Mas, como a bela poesia é sempre benvinda, aqui mais uma vez reproduzo a *Saudade* de DA COSTA E SILVA:

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra...
O rio,
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caboré com frio,
Ao luar, sôbre o arvoredado, piando,
piando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de esteio.

Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sôbre a serra...

Saudade! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alongando...
E, ao longe,
Os mugidos dos bois da minha terra...

Essa não é a única evocação que DA COSTA E SILVA deixou do seu pequeno mundo, do seu Piauí bem amado, do seu velho monge querido, o Parnaíba de vastas barbas brancas, o rio patriarcal da sua infância. Ali mesmo, no SANGUE, voltava ele ao tema dileto, e nos mostrava o Parnaíba na verde catedral da floresta, refletindo nas águas tristes a figura tristíssima do poeta que o contemplava. Mais tarde, em outro livro, insistia no tema, e voltando os olhos para o Piauí exclamava:

A minha terra é um céu se há um
(céu sôbre a terra.

O complexo da família e o da terra natal, simbolizava nas águas do Parnaíba, ficou eterno em seu coração; e foi êsse conjunto de sentimentos e de saudades que um dia o levou a escrever aquele outro maravilhoso soneto, que todos os que amam a poesia conhecem e sabem de cor:

De lágrimas de mãe, formou-se
(um rio...

DA COSTA E SILVA é verdadeiramente um poeta antológico. Tratando dêle temos vontade de transcrever a todos os instantes os seus versos. O leitor viu o esforço que fiz para evitar o alongamento dêste artigo com a transcrição de muitas páginas do poeta — páginas que, entretanto, serviriam para deixar aqui um retrato nítido do alma dêle, e que serviriam.

Desde cedo, DA COSTA se tornou conhecido e amado pelo Brasil todo — desde os tempos de estudante, em que compunha e editava o seu *Sangue*. Lembro-me bem, nos meus quinze anos, ainda aluno do secundário, da emoção com que liamos aqueles rutilantes versos do *Pórtico* do livro magnífico: *Sangue, essência vital do sentimento...*

Mas aquela livro continha coisas mais belas que o seu bellissimo *Pórtico*. Ali, na entrada da coletânea, *Da Costa e Silva* realizava, sem dúvida, alguma coisa que era prodigiosa: dava, numa alta forma de arte, um pensamento fino e profundo, um pensamento de homem de ciência, de filósofo. Não esquecer que o evolucionismo, o fenomenismo de seu pai, professor de Filosofia da Faculdade do Recife, se achava então em plena voga entre os estudantes; seria curioso pesquisar o influxo de suas idéias nos rapazes de maior talento da época, como AUGUSTO DOS ANJOS, TRAJANO CHACON, ORRIS SOARES, ANTONIO CARNEIRO LEO, FREDERICO CLARK, DA COSTA E SILVA, CARLOS DIAS FERNANDES e outros que esqueço. Mas DA COSTA

também, para valorizar estas laudas com frases encantadoras, com encantadores conceitos.

Tal foi o poeta DA COSTA E SILVA, tal foi a profunda, a suavíssima alma cujo esplendor para a terra o destino uma última vez apagou ontem.

Aqueles que amam a boa, autêntica poesia, eu aconselho que procurem ler e guardar DA COSTA E SILVA. É ele um poeta sobre o qual as contingências da hora atual, o

prestígio das correntes literárias em voga, a crueldade das igrejinhas, deixaram cair o silêncio e a obscuridade. Porém, tanto quanto pudemos conjecturar nestas coisas, é ele um dos valores mais puros da nossa poesia de todos os tempos, um daqueles poucos que estão mais destinados a sobrenadar, nas eversões e nas subversões imensas do futuro...

NOTA — Publicado no "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro; 1. julho. 950. ●

O poeta e a crítica ontem e hoje

"entrega as bíbras que pedem pão, piedosa, enchendo as árvores de frutos, encontrou ambiente propício as suas exteriorizações poéticas, pois daquele tempo são os versos que se encontram em Zodiaco, Verhaeren e Pandora, e creio não errar, se disser que o poeta encontra em Minas o pouco de ventura que encontrou no mundo, graças a mulher que ele havia escolhido para esposa e a quem ele, que, antes de casar-se duvidava de inspirar amor a alguém, podia, convicto de ser amado, dizer em retribuição: "Eu te bendigo, porque a tua vida, iluminada de esperança e amor, trouxe a felicidade a minha vida. Bendita sejas, pelo teu amor!" Com o casamento, foi-se o boêmio que havia em DA COSTA E SILVA. Sem deixar de ser o mesmo admirável poeta de sempre, surgiu nele o chefe de família exemplar e o funcionário público comprometido de seus deveres funcionais. Como, porém a ventura é caprichosa e efêmera, veio a morte e lhe levou a esposa, deixando-o em desespero, em companhia de três filhos pequenos, entre os quais um recém-nascido a quem o pai dedicou um dos seus mais belos sonetos: "Bendito, meu filho, em teu sonho impoluto, que não possas prever, nem sentir, nem supor que, ao nascer, foste logo enfeitado de luto e embalou o teu berço o anjo da minha dor Eu, que de cada filho o destino perscruto, fico a pensar em ti que, embora humano, por uma lei natural, tens a sorte do fruto que, na ânsia de viver, causa a morte da flor. Se no signo fatal que trouxeste medito, rogo a Deus, como pai, para te conceder as virtudes e os dons do meu sonho infinito. Se nasceste infeliz. Deves feliz viver, para com fé e amor bendizer. Bendito, aquela que morreu porque te deu a ser".

Embora contraísse segundas núpcias e encontrasse nova esposa afetuosa e dedicada, o poeta não conseguia refazer-se dos abalos morais do transe por que passara. Daquela vividez de que resultou Verônica, livro de saudade e dor, alguma coisa de mais lamentável lhe ficara, perturbando-lhe o espírito, obscurecendo-lhe a inteligência. Não lhe foi possível livrar dos efeitos de tanto sofrimento. A poesia de que se valeu não lhe foi derivativo nem lhe diminuiu a virulência das feridas. Em vão ele se cuidava conformado com a própria sorte, em sua vividez: "Na imensidade azul fico a cismar, enquanto, a refletir o céu, vai-se acalmando o mar,

Acalma-se também minha dor, por encanto, Já cansei de sofrer! Vou agora sonhar..." E já no fim, no livro em que, como um breviário de amargura, deixou vasado o seu sofrimento:

"Eu de bendigo porque a tua morte, iluminada de saudade e dor, me traz a glória para além da morte... Infelizmente, nesta altura, o homem e o poeta estavam comprometidos com o destino, e disto DA COSTA E SILVA se havia apercebido desde que, naquela tarde triste, se abriu a terra para receber o cadáver da sua esposa.



Da Costa e Silva

VIII

Renato Travassos e Da Costa e Silva

LEMBRO-ME de quando DA COSTA E SILVA morou em Belo Horizonte, onde aliás constituiu família e era figura literária tida em grande e merecido apêxo nos meios intelectuais e sociais. O poeta e seus versos tornaram-se, desde logo, familiares na capital de Minas. Ali DA COSTA E SILVA, como ele mesmo nos diz em sua poesia Luar nas Montanhas, lhe vinham ao espírito, soberbas, colossais, estranhas sugestões, em um sonho

ascensional que lhe deslumbrava o olhar. Um mundo de idéias e emoções então lhe surgia, a fim de que ele o fosse fixando em versos com aquela mesma intensidade de sentir e com aquele mesmo vigor de expressão revelados no Sangue, seu livro de estreia, publicado em 1908. Durante os anos que residiu em Belo Horizonte, DA COSTA E SILVA, venturoso de viver naqueles sítios em que a Natureza, mãe virginal, o inexaurível úbere,

O poeta e a crítica ontem e hoje

tanto assim que ele nos diz: "Anoitecia no meu pensamento."

De então em diante, aquele que era, entre os poetas aparecidos no Brasil neste século, um dos mais representativos, talvez o que maior identidade possuía com a Natureza (tropical) e o que melhor interpretava seus aspectos e suas paisagens, num misto de panfletismo lírico e paganesmo filosófico, foi lentamente deixando de ser o que era. Lembro-me de que, em 1932, estando eu, na República Editora, com GUSTAVO BARROSO, chegou DA COSTA E SILVA, que, às vezes, ali aparecia para conversar e era sempre tratado com amável acolhimento. Estivemos os três conversando durante bem uma hora. DA COSTA E SILVA trouxe à baila uma história complicada, relativa a uma vitrola que ele havia adquirido e que só faltava perguntar aos presentes qual o disco que desejava ouvir. Quando ele se despediu de nós, GUSTAVO BARROSO que o observava e estranhara, chamou-me a atenção para o fato. Aquilo me impressionou bastante. E o desequilíbrio mental de DA COSTA E SILVA foi progredindo até a loucura.

Em tal situação de inconsciência, o poeta viveu mais de quinze anos, para afinal, morrer, há dias, e aos 85 anos de idade. Não fosse a enfermidade que assim lhe inutilizou por tanto tempo a vida, e DA COSTA E SILVA teria dado de si, como poeta,

muito mais e melhor do que nos dera, porque, na maturidade os seus predícos intelectuais tornam-se-lhe mais cristalizados, aptos a realizarem uma obra literária verdadeiramente magistral. A poesia brasileira perdera em DA COSTA E SILVA há vinte anos passados, como já havia perdido, em HERMES FONTES na mesma época, um pelo suicídio e outro pela insanidade talvez os seus dois valores mais altos, entre os poetas aparecidos neste século. O autor de *Apoteoses* como o autor de *Sangue* um e outro dispunham de qualidades excepcionais em vigor de sentimento, pensamento e expressão havendo ainda em cada qual deles capacidade filosófica para nos dar uma interpretação original da vida e do universo. O patrimônio cultural do Brasil ter-se-ia, no tocante à literatura versificada, muito enriquecido, se outro tivesse sido o destino desses dois grandes poetas que, a bem dizer e apesar do que tão valiosos realizaram, doram de si apenas uma amostra do muito que ainda teriam de realizar... Tanto um quanto outro deram nova expressão à poesia, cuja base estética e filosófica para eles estava mais o sentimento da natureza e na interpretação cósmica. O amor, isto é, a mulher ocupava lugar secundário na poesia de ambos, embora a mulher lhes fosse a mesma que é para o comum dos homens.

Se principalmente na obra de DA

COSTA E SILVA há raros versos de amor, nela se encontra, no entanto, exaltada paixão pela natureza na qual o poeta tem a verdadeira fonte da sua poesia, a amada musa da sua inspiração. A Natureza através de um temperamento, eis a fórmula caracterizada da DA COSTA E SILVA, que sempre se voltava para os esplendores do mundo objetivo, cuja alma misteriosa ele penetrava e o que dela obtinha a transcendência em magníficos versos, cheios de exuberância verbal, do plasticidade formal e de penetração filosófica. As homagens postumas que se prestaram a DA COSTA E SILVA representam, pois, sincera e merecida consagração feita a um dos mais brilhantes e mais representativos poetas contemporâneos a quem muito deve a literatura brasileira.

RENATO TRAVASSOS.



Tristão de Athayde

(Tristão de Athayde - Escritor, professor de literatura)
brasileiro, crítico literário, filósofo.

IX Contribuição à história do pré-Modernismo

* Extrado do livro "Contribuição à História do Modernismo - 1 Volume - O modernismo" pags. 153 a 162 - Ed. Livraria José Olympino - Editora Rio - 1939.

Da Costa e Silva - "Pândora" - 130 pgs., ed. Livr. Castilho - Rio, 1919.

O Sr. Da Costa e Silva é um poeta simples e espontâneo, que, amando a beleza e conhecendo os segredos do verso, sabe ser sintético ou evocador. Confesso que, ao se me depararem o título e a capa do livro e ainda nas primeiras páginas, julguei encontrar um poeta erudito e artificial, obcecado pelos mitos gregos e pela paisagem de terra. A Grécia é a nossa mestra e o nosso mal. Não queremos compreender o exemplo de Atena, cujo templo "é uma lição eterna de consciência e de sinceridade" e arrancou a Renan aquele grito sublime: "O noblesse" o *beau simple* et *très* d'ouïe desse dom de culte signifie raison et sagesse". Mas o pensamento de Renan não era somente que o mundo só seria salvo se voltarmos a fi, se repudiarmos as nossas ligações bárbaras, mas que há uma corrente eterna e fatal que nos conduz, uma inventível revolução que traga homens e deuses. "Un rio immense de equivoques levava-nos a um precipício sem nome, Abissos é o único Deus." Tudo é símbolo e sonho, de deuses passados como os homens e não convém que fossem eternos.

A palavra de Helado é uma lição de sinceridade. O falso belezanismo de imitação, o ideal de Lamartine à catedral gótica ao detronar o Partenão, a própria prece de Renan, levaram à reação excessiva dos

"ocidentalistas", ebbulados por esse nobre Adrien Mithouard, que acaba de morrer. Os partidários do "particularismo estético e intelectual" chegaram a qualificar de "insensível a Pallas Athena, "ídolo primário Tristão ao nosso país (França) para abolir a tradição e degradar as inteligências".

Não, Pallas não é insensível. Apenas não a querem os homens ouvir e penetrar. Ela não dá os tipos supremos da beleza, as idéias imortais de equilíbrio, gosto e verdade, para justamente realizarmos o voto profundo da nossa personalidade. Pallas prefere que os bárbaros sejam bárbaros, enquanto os não ilumine a sua luz. Mas todo particularismo intelectual é um estado transitório. Toda arte é maior quanto mais humana. E Pallas é a luz que nos deve guiar.

"Todo o mundo que pensa deriva desses antigos (gregos e latinos). A razão é universal. A beleza tem tanto maior irradiação quanto mais racional. Uma radiação e um idealismo excessivo acamham a arte e deprimem o espírito" — escreveu um crítico avisado. Pallas nos deve guiar, mas apenas goiar. Fauvel, o sábio restaurador da Atenas antiga, dizia de Chateaubriand: "Celui-là n'est qu'un faux prêtre de notre culte pour le malheur. Il fausse du bon de sa cause à peine dor, qu'il appelle son bon blanc, les cendres du foyer des terres dans l'Atropole, mais il n'y cherche que des mots, des images, de la gloire".

Mas pululam pelo mundo os êmulos do grande René... A verdadeira cultura clássica estimula a personalidade, sem nunca a desviar. A única beleza "simples e verdadeira" é a que vivenciamos dentro de nós.

Ao autor do "Zodiaco", a Grécia ensinou o caminho da beleza, para que a procurasse em si mesmo. A despeito de apelidar-se "grego inatral", o Sr. Da Costa e Silva não procura forçar o seu temperamento.

Lirismo e sensualismo, se bem que temperados pela sua alta visão de artista, dão ao poeta uma ressonância humana, que ele deixa expandir-se. Nunca, porém, perde o equilíbrio. O livro é de uma sobriedade de verdadeira arte. As expansões sabem moderar-se, a razão não desampara o sentimento, se bem que raramente se converta em cogitação. O pensamento é o necessário para guiar a inspiração. Apenas em quatro sonetos: — O Eterno Cielo — se desvela a filosofia do poeta, não de dúvida, senão de afirmação. O amor é a essência do mundo "alma imortal da natureza". O amor nasce da Vida que é "incontenidamente perpétuo... lei de júbilos e penas, fiada no fuso doido dos contrastes", e que o tempo guia e

À sua ação, vai tudo que é vivente. Num anseio incoitado de ascendência, Se transformando transitóriamente...

O último elo do ciclo é naturalmente a Morte, que não é uma solução de continuidade senão "a própria vida na infinita transmutação das formas de matéria". Vale a pena citar na íntegra este belo soneto:

A morte é a própria vida na infinita transmutação das formas da matéria. Quanto, farta de gozo ou de miséria. Outra vida melhor procura afilar...

Tudo o que existe e tudo o que palpita
Na Natureza aspira à luz silenciosa;
Por isso desce a lama deleitosa
Onde, em gemas de amor, a vida habita

Morre, para viver, um só momento;
Pois após essa morte transitória,
É seiva, é sangue, é luz, e pensamento...
Morte! Vida a buscar a liberdade!
Vida inortal lutando pela glória
Da perfeição que é a própria Eternidade.

De sua fé filosófica, conclui o autor que se deve fazer por amar a vida nas suas "expressões dinâmicas", isto é, na forma das coisas, no apelo dos sentidos, nas vozes da natureza, na luz, na cor, no som.

O poeta chega, assim, pela sua rápida excursão filosófica, ao ponto de onde partirá — a exaltação da forma e ao amor da ilusão consciente.

Diz ao abrir o livro:

Ansia de perfeição! glória legítima.
Por quem o meu espírito se eleva
Para o infinito, na atração da luz,
Tu es a crença de que sou a vítima,
A fe com que ilumino a minha treva,
A miragem falaz que me seduz.

composição. A verdadeira espontaneidade a quase sempre adquirida. A limpidez do estilo, a força do pensamento, a sobriedade do gesto, o sentimento profundo, tudo o que faz a essência da poesia requer paciência e tempo.

O pensamento íntimo e a explicação dessa nova poética nacional, desde a segunda metade do século XIX, e que se vai acentuando, podem ser encontrados nestes conselhos de Baudelaire aos jovens literatos.

"A orgia deixou de ser irmã da inspiração: este parentesco adúltero foi, por nós quebrado. A rápida enervação e a fraqueza de alguns belos temperamentos dão testemunho contra esse preconceito cioso. A única coisa necessária aos escritores fecundos é uma alimentação substancial, mas regular.

Decididamente a inspiração é irmã do trabalho quotidiano. Da mesma forma que todos os contrários que formam a natureza, estes também se não excluem. A inspiração obedece como a fome, como a digestão, como o sono. Há, sem dúvida, no espírito, uma espécie de mecanismo celeste, de que não nos devemos envergonhar senão tirar o melhor partido, como os médicos da mecânica do corpo. Se quisermos viver em uma contemplação perseverante da obra de amanhã, o trabalho quotidiano servirá à inspiração, como uma escrita leve serve para esclarecer e como o pensamento calmo e poderoso serve para escrever ligeiramente. "car, le temps des mauvaises écritures est passé!"

Para nós também passou o tempo da mera poesia poética. Qual o mais espontâneo dos nossos poetas contemporâneos? O Catulo, parece. Pois a sua poesia é de uma naturalidade conquistada através da arte. Sem o pensamento, sem a vontade, sem a técnica, sem a cultura, sua poética não passaria das deploráveis estrofas do "Talento e Formosura" e outras do mesmo jaez. O nosso temperamento nacional há de impedir os excessos a que conduz a técnica, quando absorve aquela "mecânica celeste" de Baudelaire.

A técnica segura do sr. Da Costa e Silva dá-lhe ao livro uma harmonia sólida, feita de verdade e de beleza. Não procura prender-se a uma escola ou tendência abrindo o espírito à atração da carne, as evocações mitológicas, as coisas simples da natureza, as emoções de uma indefinida saudade, à virtuosidade do engenho e na expressão.

Depois de alguns quadros de sensualismo evocador e ardente, passa para deliciosas Rondas, frescas e suaves neste género:

A tua voz sonora e suave
Que me embesvece e faz sonhar
É um canto de anjo, um trinar de ave,
Um som de flauta à luz do luar.

A nota aguda e a nota grave,
Musicalmente a harmonizar.
A tua voz sonora e suave,
Como um perfume ondula no ar...

Não há quem ouça, que não grave
No ouvido, límpida, a vibrar,
A tua voz sonora e suave.

Voz de seiva no alto mar,
Que encanta o nauta e prele a nave,
A tua voz me faz sonhar...

No "Piemta dos olhos" tem uma grande riqueza de imagens poéticas, como nas "Canções do Asilo" uma simplicidade alitante.

Não para o tempo, o tempo corre
Os anos vêm, em a manhã...
É a cada sonho que nos morre
Como conforto, nos acorrece,
A mesma eterna aspiração.

O dia chega, o dia finda
A noite vem, vem a manhã
O dia volta, e a noite aminha...
E envia-te a esperar luzinda
Ventura real, ventura vã...

A saudade, que inebriava deliciosamente, também inspira ao poeta alguns de seus versos mais sentidos e profundos:

Se trans-figura, em sugestivo aumento
Tudo através da neve da distância
Ao reflectir-se em nitida incandescência
Nos espelhos de luz do pensamento.

Milagre da ficção, delírio no Insto
Vejo passar com vida e movimento,
As fugaces visões da minha infância
Como nuvens tangidas pelo vento.

Olhos meus, se ao passado vos volverdes
Alguns dia, vereis nessa ansiedade
O céu mais líndio e as árvores mais verdes

O seu destino em retratar consiste:
Porem o rio tudo o que retrata.
Alegre que era vai tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parece-ate que o rio tem suadade,
Como eu que também sou dessa maneira.
Saudoso e triste em plena mocidade.

Da-se em mim o fenómeno sombrio,
Da refração das arvores da beira
Na superfície tremula do rio...

Vereis por novos e encantados prismas
A paisagem tranquila da Saudade
Como a percebe o olhar das minhas
cismas.

Terminam o livro alguns vianenses e outros sonetos, a maneira de D. Francisco Manuel de Melo, onde o poeta revela o poder de sua virtuosidade, gosto e conhecimento do vernáculo.

Vemos, assim que o sr. Da Costa e Silva é um verdadeiro poeta, de técnica segura, de inspiração discreta, de gosto, e que certamente se devia vencer pelo artefacto.

A essência e a forma do livro são excelentes e as leves restrições não chegaram a empanar a irradiação de uma, ou a suavidade deliciosa de outras páginas como estas:

Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma trizena mata.
Igual talvez, à que no rio assiste
Ao reflectir as arvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste:
Porem o rio tudo o que retrata.
Alegre que era vai tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parece-ate que o rio tem suadade,
Como eu que também sou dessa maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Da-se em mim o fenómeno sombrio,
Da refração das arvores da beira
Na superfície tremula do rio...

Foto: Alcide Filho



O sr. Da Costa e Silva é um verdadeiro técnico do verso e a inspiração desejada e realizada. O "parnasianismo", o "pequeno romantismo", como o trata Pierre Lasere, (ou como quer que se chame) teve no Brasil uma ação de incalculável valor, dando aos poetas: o amor pela expressão. Poesia, entre nós, era, em parte, sinónimo de inspiração fácil ou de sentimentalismo trivial e simples. Ainda naqueles que empregaram a saúde, ensaiaram a poesia épica ou desenharam as paisagens de preseppe do arcadismo, raramente se revelou a atenção pela forma correta e elegante. Um grande desleixo no escrever era comum nos nossos poetas, que quase tudo sacrificavam à inspiração. Foram, em parte, o naturalismo em França, tomando em poesia a feição do parnasianismo, e, mais tarde, o realismo clássico de Baudelaire que sugeriram aos nossos poetas a verdadeira cultura poética. A grande poesia e a prosa não diferem nos seus processos íntimos de

X Considerações sobre dois poetas feios

Humberto Guimarães

Médico, escritor e pesquisador

Há muito anos, ainda quando eu era menino, em conversa de varanda, meu pai, então comerciante, contara-me que, pelos idos de 1940, tendo ele ido a Fortaleza a comprar mercadorias para sortir sua loja, estando hospedado num hotel onde também se encontravam alguns estudantes do Piauí, estes, sabendo-o da terra, convidaram-no a integrar uma comissão para fazer uma visita de cortesia a um grande homem de letras, piauiense, que estava miseravelmente a morrer numa casa de subúrbio, consumido por insidiosa enfermidade. Aceitando o convite, embora nunca tenha sido dado às literaturas, lá se foi o senhor Raimundo Gonçalves Guimarães, metido em seu ternó de linho branco, devidamente engravatado, barba raspada e bigode aparado, sapatos luzidios e chapéu de massa, no vigor dos seus vinte e sete anos, a visitar uma personalidade de quem jamais ouvira falar; sabia tratar-se de um poeta - haviam-lhe dito os rapazes - e que se chamava... Da Costa e Silva.

visitaram em 1940, disse com tristeza: "Eu já não escrevo, já não faço versos. Morreu em mim o sabiá que cantava..."

xx

Quando desceram do ônibus ou do bonde, não sei bem, enfiaram-se por uma rua sem calçamento e, lá no fim, perto duma varanda, entraram numa casinha modesta onde se fizeram anunciar, sendo recebidos pela esposa do poeta, que os conduziu ao amplo quintal; ali, numa outra casinha, esta de cobertura de palha, estava o poeta: uma triste figura de homem sentado numa cadeira, numa feitura vesga de compungir, completamente com ar de abandono de si mesmo, sem o esboço de qualquer entusiasmo pela vida. Recebeu-os com aparente indiferença, fazendo lacônicos e anódinos comentários de raro em raro, inibindo os visitantes de continuarem palestra, temerosos de o aborrecerem. Depois de um incômodo silêncio, de repente ele se ergue, vai a um armário, de onde retira uma lata de doces - daquelas antigas bananadas ou goiabadas da Confeitaria Colombo, e partindo os pedaços, serve-os na mão de cada um, observando qua daquele jeito o comer se torna mais natural - e ele mesmo dá o exemplo levando seu pedaço à boca. Ai então anima-se um pouco, dá um suspiro e parece mostrar-se comovido pela gentileza de o terem ido visitar; agradece, diz-se honrado pela lembrança dos jovens contrerrôneos e informa que já nada escreve.

É provável que esta tenha sido a visita de que nos fala seu filho Alberto da Costa e Silva em "Notícia sobre Da Costa e Silva" - artigo com que prefacia a edição das poesias completas de seu pai. Diz ele textualmente: "...E a uns rapazes do Piauí, que o

Quando a mim, foi em 1958 que, pela primeira vez, li versos do poeta de Amarante: Saudade, A Moenda e O Aboio - sonetos inseridos num livro de textos escolares, quando me preparava para o curso de admissão ao ginásio; tratava-se de A Nova Seleta, de saudosa memória. Muitos anos depois teria a oportunidade de ler a obra completa (Sangue, Zodíaco, Pandora, Verhaeren, Verônica e Alhambra), ocasião aliás, em que, não sabendo o que era Alhambra, corri ao dicionário e descobri que significa, ípses literis, construção suntuosa de estilo mourisco em Granada; foi aí que pude vislumbrar a bela grandeza dos cânticos desse poeta, a quem, segundo Pedro Nava, citado por Alberto Da Costa e Silva, o Barão do Rio Branco, ouvindo-o quanto às suas pretensões de enveredar na diplomacia, em resposta à sua interpelação de "o que o senhor tem contra mim?", teria respondido: "Eu? Nada, meu amigo. Até gosto dos seus versos e aprecio seu talento. Contra sua pretensão o que está é seu físico. Eu só deixo entrar na carreira homens de talento que sejam também belos homens. A diplomacia exige isso. Desejo-lhe boa sorte em tudo. Agora, no Itamarati, não! O senhor aqui não entra. Tire seu cavallinho da chuva". Ou então, segundo outra versão, à sobremsa de um jantar: "Você é um homem de talento, com o dom das línguas e presença pessoal. Mas não serve para diplomata, porque é muito feio... Da Costa, você parece um macaco!"

Entre a leitura de seus três sonetos de nostalgia e a obra completa, li vários outros poemas, entre eles Augusto dos Anjos. Alguma coisa me fez, ao fechar o livro de Da Costa, lembrar o poeta raquítico da Paraíba; o que, não sabia: se na obra do piauiense ressumbra amor, a do paraibano amor nenhum resalta; o primeiro é humilde e se reconhece vítima dos fados, o segundo tripudia sobre seus sofrimentos e não se confessa derrotado, embora, no seu pessimismo, nos seus cânticos de fatalismo e morte, deixe portas ostensivamente abertas para se entrever que ele jamais se sentira amado, mas que, orgulhosamente amargurado, ironicamente ressentido, parece exclamar que não se importa com isso.

Na temática expressa por Da Costa e Silva, facilmente se distingue, como nos aponta Alberto - obra citada - e Carlos Evandro in Literatura Piauiense, edições Corisco - o sentimento do amor materno, a identificação com o



Foto: Alcide Filho

rio Paraíba e a saudade, tudo isso num lirismo musical que nos embala em cadente ritmo ao sabor da leitura, dando-nos gana de ler alto e batutar com entusiasmados gestos aqui, ora langorosos ali. Mas não é só: distingue-se também o sentimento filosófico da fenomenologia existencialista nas comoventes composições das realizações da natureza e essa angústia Kirkgardiana do sentido mesmo da existência. Já em Augusto, também parte do fenomenalismo, o que encontro é um terço de armas com as vicissitudes, retalhando a matéria sem piedade dela porque está cheio de piedade por si mesmo, matando, a cada penada, a galinha dos ovos de ouro.

Certo, a angústia é ponto comum nos dois, como aliás em todo poeta que se preze; homens sofridos, desencantados do mundo, vítimas ambos dos caprichos de poderosos a cortarem o fio dos seus anseios profissionais (Augusto, cuja família apoiara a oligarquia dominante de João Lopes Machado, presidente da Paraíba, conseguiu deste o emprego de professor no Liceu, mas fora grosseiramente repellido, anos depois, no seu pleito de licença a fim de, com segurança salarial, ir aventurar a vida no Rio de Janeiro; o mesmo Lopes Machado lhe teria respondido: "Sabe de uma coisa, seu Angusto, não me amole mais", advindo daí a imediata petição de demissão do poeta profundamente magoado), viveram a mesma época de idade cheia de energia (e foi ainda tão novo que Augusto "se mandou" deste mundo, aos vinte e nove ou trinta anos), os mesmos dramas político-sociais, compartilhando, no Recife, as mesmas influências de Laurindo Leão, de Cesário Verde, de Antero de Quental, de Álvares de Azevedo, de

Emile Verhaeren, de Cruz e Sousa... e eu acrescentaria, para Da Costa e Silva, de Afonso de Guimarães, a quem ele tanto distinguiu e proclamava; e houve também Baudelaire, e houve Schopenhauer, e houve Nietzsche, como houve Buda, Espinosa, Bruno; o paraibano metrificava sobre Darwin, Haeckel e Spenser; o paulistense ora abraçava os pré-socráticos na busca de integração com a natureza, ora os socráticos na procura de si mesmo; se o de lá filiava-se sobretudo no pessimismo do autor de "As Dores do Mundo, do niilismo de Assim Falava Zarathustra e no satanismo baudelaireano, buscando o seu nirvana a dedicar versos ao deus Verme, o de cá se impregnava de tristeza porque queria que o mundo, na sua universal beleza, o amasse na mesma proporção do amor que deramava em seus versos. Assim portanto cada um ia moldando a sua peculiaridade personalíssima no expressar das vivências; mas na roda viva dos sentimentos há instantes em que se tocam, um agressivo, outro lânguido, de sorte que, quando Augusto, como patologista dantesco, exhibe o repasto da vermina, Da Costa, na tristura dos seus ais, antevê o seu noivado de morto com o deus verme a morder-lhe "os trapos da epiderme..." Em "Visões da Morte", Da Costa singelamente exalta as "Almas tristes, sinistras e angustiadas... dos desluidos" que desfiliam no "cortejo lúgubre e funéreo a Procissão de Passos dos meus sonhos", num simbolismo à Cruz e Sousa, sem que seja um simbolista ortodoxo. Estilo e intenção se diversificam frequentemente num mesmo tema: quando um lamenta o outro inactiva.

"Pude-se eu ter a rima das estrelas... Pude-se eu tê-las; e como os Anjos, soletando, lê-las para endear o Amor... Pois a memória que há de que amamos primeiro, é como a sombra: aonde vamos vai sempre nosso corpo acompanhando." Da Costa é assim; sente-se um "Tântalo no Infinito" mas gosta da vida, pelo que é verdadeiramente lírico; Augusto não: vociferava, dardejando, atira na cara do mundo o seu lixo, a podridão dos túmulos caídos.

Partindo do ego, Da Costa universaliza as suas mensagens; Augusto parte do tema universal para a concentração auto-referente; não foi em vão o título do seu livro — EU. Não há nele "Nada de encantar de dama entreflorindo-lhe os versos" - diga Orris Soares in Elogio de Augusto dos Anjos. Não há não. Quando fala em amor, é para dizer:

"Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a...
ilusão tredra!"

O amor, poeta, é como a cana
azedra,
a toda boca que o não prova, engana"

No final dos seus cantos, porém, tão curtido no sofrer, desenganado e antevendo a morte aos trinta anos apenas, Augusto torna-se mais ameno; se antes era Da Costa que às vezes tinha pruridos que iam se encontrar com o schopenhauerismo angelino, agora é o Dos Anjos que, embora com precaução, com desconfiança, vem encontrar-se com as confissões abertas

de Da Costa, deixando de lado suas odes necrológicas, para exclamar: "Maria, eis-me a teu pé. Eu venho arrependido implorar-te o perdão do imenso crime meu... Bendito o amor que infiltra na alma o enleio e santifica da existência o cardo. Amor que é mirra e que é sagrado nardo, turificando a languidez dum seio"; agora é ele que valoriza o amor familiar e dedica um soneto a seu irmão Alexandre, por ocasião do seu aniversário: "Para quem tem na vida compreendido/ Toda a grandeza da Fraternidade/ O aniversário dum irmão querido/ A alma de alegres emoções invade", é ele agora que se volta para a caridade com inusitado entusiasmo; "Cantemos todos os anos/ Na festa da Caridade/ A solidariedade/ Dos sentimentos humanos!" Quando estribilha assim a caridade o poeta de Cismas do Destino falta pouco para morrer, de modo que morreu gemendo versos ternos o que vivera torturando os semelhantes com a exposição sado-masoquista das suas próprias torturas, num...

"Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo"

"Nas agonias do delirium-tremens,
Os bebidos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterelivam
A substância prolífica dos semens"

"Fabricavam destarte os blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo,
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progénie idiota de palermas".

Se ameniza assim o pouco a linguagem e o comportamento poético nas proximidades da morte, lá dos páramos donde se encontra agora, continua a gritar a sua repulsa raça humana, com toda força do seu verbo. Em "O Reformador", revista da Federação Espírita Brasileira, edição de maio de 1983, encontro um soneto recebido mediúnicamente por Waldo Vieira, na reunião do Culto da Assembleia da Comunhão Espírita Cristã, de 28 de maio de 1960, em Uberaba-MG (Augusto faleceu em Leopoldina) intitulado "O Carrasco", que aqui transcrevo para a observância do inconfundível estilo:

"Monstro, além do sepulcro, em vãos pavores,
Num turbilhão de faces pequeninas,
Solta dos dedos estranguladores
Ascensos molhos podres de sentinas".

"Qual, vômito do mal, lança ruínas,
Catástrofes, tragédias e terrores...
Covarde, foge às coleras tigrinas
De horripóntes fantasmas vingadores".

"Sarcófago de fluidos pestilentos
Ruminando amarisísimos tormentos,
Curte o fel da revolta a que se aferra".

"Preso a grilhões de fetos e mucosas,
Rasteja o teu dás práticas morbidas
Do aborto criminoso sobre a terra".

Ora, se hoje lemos em EU versos lamentosos, ou versos de exaltação ao amor, versos com ressaibos de melissa, a culpa é de De Castro e Silva que, em 1944, reuniu uns inéditos de Augusto (que os alijara) e, como "Poemas Esquecidos", os fizera publicar como última parte do EU. Foram uns cometimentos angelino-fores uns aqueles da véspera da morte que, embora de publicação póstuma, não há indicação de que tenham sido engavetados para não virem a lume.

Que lindos os acordes de Da Costa no seu hinário ao sol, ao amor, à terra... ao Piauí, que maravilha cantando, a balsa a nostalgia do abio, a faticida faina da moenda que moi a cana para o fabrico do álcool Ai, e quando fala do Paraibuna, seu xodó, o rio das Garças, nomes lindos para um rio só, cujas águas, barbas brancas de um velho monge, alongam-se e espalham pelo sertão, pelas várzeas e chapadas, o canto de exaltação da terra-berço na inspiração maior do amor cívico. Aliás, tudo em Da Costa é exaltação poética porque poesia derramada em abundâncias de arte e estro; tanto faz falar do amor, que é vida, como da morte, porque nele o panteísmo reina em tudo que estremente nas suas rimas e enjambements, sacodido nas inteligentes aliterações.

Enfim, falamos de dois poetas reconhecidamente feios no fenotipo, que se posicionam, cada qual a seu modo, na estética da arte inspirada, libertos ambos do radicalismo estilista das escolas; que utilizam ecleticamente os recursos de uma ou de outras mas, em suma, se quisermos acomodá-los numa denominação catalogal de escolarismo literário, teremos de chamá-lo tão somente de pré-modernista, em termos de cronologia didático-formal em que, se pretendermos saudar a morte e escarnecer o mundo, vamos declamar com Augusto dos Anjos as "Cismas do Destino", "O Deus-Verme", "Asa de Corvo", entre outras, e, se pretendermos saudar a vida, mesmo das profundezas do sofrimento, saudá-la-emos com Da Costa e Silva que está sempre buscando "a Jerusalém remota no Nirvana".

E terminemos com o mar na concepção dos dois: Augusto vê no mar a tristeza dum cemitério, enquanto, sob a iridescência da luz, Da Costa só vê nele a vida que, "Aljofrada, a ostentar o rendado aranhol/ Que a alva espuma lhe borda em delicada teia/ Cada vaga parece um dorso de sereia/ Nua, a dançar, falcando ao sol"

XI Da Costa e Silva e a Poética de Sangue

Por Maria do Socorro Rios Magalhães

Professora de literatura da FUFPI, colaboradora da Revista Presença.

O conceito de poesia tem preocupado não apenas aos estudiosos de crítica e teoria literária, mas também aos próprios poetas. A poesia brasileira está cheia de exemplos dessa busca de explicação do fenômeno poético, onde, usando a metalinguagem, o escritor reflete sobre seu trabalho de criação. É verdade que essa tendência se acentua mais notadamente em poetas contemporâneos como Carlos Drummond, Mário Quintana e João Cabral de Melo Neto, entretanto, é possível verificar nas diversas correntes estéticas da poesia brasileira, em maior ou menor grau de consciência, a tentativa de conciliação da poesia.

Encontra-se nesse último caso, o poeta piauiense Da Costa e Silva, cuja primeira obra, *Sangue*, traz, em muitos poemas, ainda que implicitamente, o pensamento do poeta sobre o seu trabalho. Aliás, é como trabalho que Da Costa e Silva entende a sua poesia, trabalho esse que o poeta vê em analogia com o trabalho do homem na terra. Conforme é anunciado em "Cântico de Sangue", poema de abertura do livro, o poeta planta erega com o próprio sangue, a semente da poesia:

"Sangue! fluido genésico e fecundo
Da sentimento que anda em mim disperso
- Rocio com que alento e com que inundo
As sementeiras rubras do meu verso".
(Cântico de Sangue, p. 48)

Embora com muitos poemas de feição parnasiano, *Sangue* apresenta uma concepção do fazer poético ainda tributária da poesia romântica. O crítico Gilberto Mendonça Teles assinala o gosto romântico em relacionar a poesia com a música, assumindo o poeta a condição de cantor. No poema "Cruzada Negra", Da Costa e Silva se vale do vocabulário metalinguístico dos românticos - lira, canto, balada - para dizer que a poesia é imortal:

"Levo a Lira no arçó. Impassível e forte,
No solar do Não-Ser, ante o perfil da
[Morte,
Cantarei a balada augusta e soberana"
(Cruzada Negra", p. 49)

A mesma idéia de poesia/canto e de poeta/cantor pode ser encontrada no soneto "Depois da Luta".

"As mulheres que, em lúgubre e requinte,
Me mostraram as faces cor de jumbo
E que cantem em doce ditrambo,
Me apunhalaram na manhã seguinte".
(Depois da Luta", p. 102)

Contudo, não é somente a relação poesia/música que aproxima o autor de *Sangue* da concepção romântica da poesia. Agora a metalinguagem romântica, o poeta amaranzinho (assim como Gonçalves Dias, também conhecido como "poeta da saudade") expressa, em geral através da metáfora, sentimentos como a dor e a saudade.



Alcides Filho

Com efeito, esses sentimentos aparecem com leit-motiv da poesia de *Sangue*. A técnica utilizada se apóia principalmente na metáforização desses dois sentimentos. É assim que Da Costa e Silva constrói uma de suas metáforas mais eficazes e também a mais recorrente em toda a obra: é a imagem da "dor a boiar dentro dos olhos" (Vale de Lágrimas, p. 62) que se faz presente em outros poemas, com alguma modificação, mas conservando a mesma beleza: "Olhos boiando em luz e dor" (Canção da Morte, p. 76), "Morta, ouvirás a Dor boiando no olhar triste" (Post Mortem, p. 83).

Sobre saudade, encontra-se em *Sangue* aquela que talvez seja a mais feliz de suas metáforas: "Saudade! Asa de dor do Pensamento!" (Saudade, p. 74). Bastaria essa imagem para justificar a fama e a popularidade do soneto "Saudade", que constitui a "canção do exílio" da literatura piauiense, e cujo valor literário nada fica a dever ao célebre poema de Gonçalves Dias.

Resaltada a vinculação da poética de *Sangue* à poética romântica, convém notar que Da Costa e Silva demonstra já na sua primeira obra, consciência de que o poeta é, muitas vezes, impotente na luta com as palavras, não conseguindo obter a expressão desejada e perseguida, em seu trabalho criador. Essa idéia está presente em "Tântalo do Infinito", onde o poeta piauiense, assim como Drummond, sente que a batalha pela expressão é um "inútil duelo", no entanto, é

no poema que isso é dito, o que contraria a tese inicial. Em "Tântalo do Infinito", Da Costa e Silva desmente, na produção do texto, a idéia da poesia inatingível tal como se acha tematizada no poema:

"Pudesse eu ter as rimas das estrelas,
Esse rimário ideal que só entende
Deus, o poeta divino que o suspende
Tão distante de nós... Pudesse eu tê-las";
(Tântalo do Infinito", p. 98)

Concluindo, poder-se-ia dizer que, embora não se possa apontar em *Sangue* uma clara tentativa de sistematização do fazer poético, a obra revela um poeta consciente das dificuldades que envolvem a atividade criadora do escritor, o que confere à obra de Da Costa e Silva um sabor de atualidade não verificável em muitos poetas de seu tempo.

Maria do Socorro Rios Magalhães é Mestre em Teoria Literária pela PUC-RS e professora de Literatura na FUFPI.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - DA COSTA E SILVA. *Obras Completas*. Brasília, Cátedra/MEC, 1976.
- 2 - TELES, Gilberto Mendonça. *A retórica do silêncio*. São Paulo, Cultrix/MEC, 1979. p. 107.
- 3 - Referência ao poema "O lutador" de Carlos Drummond de Andrade *Antologia poética*. São Paulo, Abril, 1982. p. 153.

**QUEM PERGUNTA
QUER SABER.
QUEM SABE, SABE
CONHECE BEM.**

ARRECADAR É CRESCER

BOM PARA O PAÍS / MELHOR PARA VÓS
SEFAZ GOV. HUGO NAPOLEÃO

Nº 0092

Despacho: Emitido:
Data: 05/02/1980-045 - 01

Via de Operação

Data de Emissão

Nome das Mercadorias

Estado

Inscrição no CNP Nº

PREÇO C/4

Descrição dos Produtos

ESPECIFICAÇÃO

(Espécie, Quantidade, Marca, Tipo, Modelo, Número etc.)

Unitário

Total



Data
(Por C)
Folha C

**O REAL
VALOR
DA NOTA.**



XII Estudo crítico de Clemente Fortes

Clemente Fortes — Advogado, professor de português e literatura brasileira e membro da Academia Piauiense de Letras, falecido.

Não tem sido fácil à crítica delimitar o movimento que, a partir de 1886, recebeu o nome de simbolismo, como lhe chamavam, então Morais. Ajuda hoje preferem os historiadores da literatura tentar, em longas dissertações, apontar-lhe as tendências maiores a dar-nos d'êta definição perfeita, quando não se contentam com incluir os nomes dos que os chefistaram entre as celebridades do obscurismo ou preciosidade literária. Afrânio Peixoto disse de Mallarmé, um d'êta, senão o maior d'êta, que do obscurismo moderno foi o pontilheiro e que, não raro, chegou ao impenetrável. Anatole France o resumiu escrevendo que a lei, a única, da escola era "nada descrever e nada nomear", o que, concluiu, só poderia levá-la a completa obscuridade. Mas Anatole e Afrânio gostavam de brincar com cousas sérias.

2. Ninguém hoje pensa em dissociar as correntes literárias da época em que surgem. Ninguém mais se pode conceber como criações arbitrárias de artistas alheios ao meio e ao tempo em que vivem. Literatura, ao menos a que êta nome merece, é o fruto de repercussão no espírito de artista dos problemas fundamentais que agitam a sociedade. As novidades na ordem estética, em geral, correspondem à necessidade indutível de formas novas de expressão artística, com que se manifestarão maneiras outras de ser dos homens.

Dessa ordem estética, porque não é possível deixar de ver também a identidade de impulso que anima, nos vários períodos históricos, a literatura, a música, a pintura, por exemplo. Do mesmo tempo da escola simbólica são a música de inspiração wagneriana e a pintura impressionista, nas quais tem a crítica percebido a mesma informação.

Orá, repugnará, certamente, explicar tal coincidência como encontro de caprichos apenas a que se inclinasse, em dado momento a tolice humana. O que se impõe é a aceitação de certo sentido do trabalho, criador subjacente a todas elas e de que em cada fase da vida cultural certo princípio de essência lhes traça o profundo parentesco, como ensinou o professor Hernâni Cidade. A alma de um século inteiro, as vezes, o momento de uma cultura que sente a inadequação dos recursos expressivos que lhe oferece a tradição é o que se deve procurar e é o que se há de encontrar não falte ao crítico agudeza de inteligência e visão de conjunto, quando analisar os seus grandes criadores.

Não será, portanto, com dizer-se que Baudelaire era um doente e Mallarmé um valdoxo de não ser entendido dos pobres burgueses, que se terá resolvido o caso do simbolismo, depois d'êta seguida por outros — muitos loucos e ensimesmados.

En esse sentido que perde todo conteúdo aquilo de "arte pela arte" e é

assim que se compreenderá toda arte verdadeira como social, sem que constâncias em confundir tal conceito com o de arte dirigida. Por outro lado, não faltarão os que nos venham lembrar ter sido a arte mais de uma vez mero brinco de salões, meio de marcar o tempo para os que não sabem filhos queridos da fortuna, que lazer com ele Vejanos. Mesmo refugiando à inteligência ao proratum vuigui, fechada em capelinhas, não deixará nunca a arte de impor a comunicação entre homens, pontos que sejam. E de exigir deles um clima de mútua compreensão. Foi daí que partiu José Régio para encontrar na arte autêntica aquelas virtudes específicas de sociabilidade e moralidade que êle sentiu ali e na tendência para elevar, ampliar e educar os espíritos.

Intentem criar êste monstro que é a arte a serviço das imediatas solicitações de um poder incontrastável e veremos que autores e público se irão, mal cesse êle, porque não é possível ordenar aos homens que sintam desta ou daquela maneira. Eles reagirão sempre em face das cousas e dos seus semelhantes segundo razões profundas de sua formação, onde tem raízes a capacidade criadora. "Ser social, ser humano, é a lição de cinquenta anos já de um grande crítico, é a condição suprema da arte e não só não é concebível, mas possível, senão assim. Uma arte, se pudessemos admitir a hipótese, que apenas exprimisse o indivíduo, sem nenhuma influência ou reação social, seria talvez a negação da própria arte".

Se daí concluímos ser a criação artística uma das formas eminentes de liberdade do homem, é provável que logo nos voltarão a lembrar, nestes dias de prevalência da atividade política que estamos vivendo, que sob governos despóticos não faltaram grandes artistas que os serviram e mesmo os glorificaram. Sim, podem alguns grandes artistas servir o dominador político do momento, mas ê, neste caso, que por formação íntima, e não por ordens ou decretos, estarão imbuidos profundamente dos valores que fazem a teia do seu tempo. É desta maneira que iríamos compreender aquela magnífica floração de artistas que viveram sob o totalitarismo de Luís XIV.

3. Pintando-nos o quadro dos últimos anos do século passado, recorda Lanson o descrédito em que para muitos havia caído a ciência. Não se tinham desiludido os sábios, acrescenta o autor da "Histoire de La Littérature Française". Mas as exageradas aspirações tanto tempo alimentadas pelo maior número dos que fazem a opinião pública, afinal, cediam a certo pessimismo, explicável em quem via adiadas para futuro remoto, senão impossíveis, a certeza absoluta e a completa felicidade prometidas.

Tal atitude implicava, necessariamente, no desamor da razão de

cujo poder se tinha esperado o milagre da redenção dos homens cá na terra. A fé inconcussa no progresso científico tinha deixado marcas profundas na literatura, levada aos extremos de naturalismo e do verismo em arte, a ponto de se dizer de um dos maiores criadores do tempo que a "Medicine Experimentale" de Claude Bernard fôra o seu livro querido. Desfeita a ilusão da ciência, ao menos como a imaginavam os que lhe não percozem a marcha continua, em que a uma síntese outra se segue para a inteligência de fatos até então inexplicáveis, abalado e primado dos conhecimentos de ordem nacional, começou a literatura a explorar a "filosofia do inconsciente e do subconsciente". É o mesmo crítico que, interpretando Montaigne, em seu recente livro "Les essais de Montaigne", nos adverte contra os excessos com que muitos escritores se lançaram a insinuar que "os pensamentos e atos gerados na profundidade do nosso ser e nos quais a parte racional e voluntária de nós mesmos têm a menor influência", constituem o essencial humano. Preparava-se, assim, o apelo ao subconsciente e relegava-se a razão para segundo plano. O otimismo científico gerara uma literatura — a da estrita observação. O pessimismo nos daria outra onde a intuição e as formas do conhecimento quase místico se sobreporiam ao raciocínio. Era a procura do inefável, abandonado o ideal de harmonia e clareza que, noutros tempos, se tinha proposto à inteligência humana. Completava-se o clima espiritual do Simbolismo.

4. Se não podemos alcançar, como dissemos, uma definição precisa d'êta, valha-nos, ao menos entendê-lo nas tendências íntimas e nos aspectos formais. O apuro da inteligência, a observação, ainda voltadas para a pesquisa do mundo interior, deixavam ver as cousas muito às claras. Tentava-se despir a tudo do manto do mistério, desvelar-se a terra toda do homem. Mas o fim não estava próximo e a impaciência de muitos levou-os a pensar que se tomara caminho errado. As formas brutais e extremadas do naturalismo ajudaram a reação que se disse, então, espiritualista. Nem tudo se poderá dizer com evidência, nem tudo se reduz à clareza das regras. Ao homem ficará sempre reservado um mundo de experiências indizíveis, de formas de conhecimento imediato que se não poderão transmitir sem o concurso de quem nos ouve ou lê. A pintura das cousas, exata que pretenda ser, não esgota a realidade que se completa somente com o que do mais íntimo do observador for extraído. E a beleza não é susceptível de se deixar aprender em quadros lógicos ou de transporcer pelos recursos universais de expressão. Sugerida, sim, é o que pode vir a ser. A esta altura divisava-se o novo rumo.

Mas uma experiência intuitiva, inefável, não pode ser o fim. Os

homens não de comunicar-se. Não serviam os instrumentos antigos forjados, pensavam os novos, sob outras crenças. Posto de lado o ideal descritivo, que não daria mais que uma parte mínima do real, a sugestão apenas seria a meta. Como sugerir, entretanto, este indizível, esta beleza mais que nunca vista agora como inacessível aos vulgares? As palavras tinham sentido certo, preciso, não se prestavam a traduzir as profundezas das coisas e dos homens. Os dicionários pretendiam dar-lhes um conteúdo comum que as alheava de toda transcendência subjetiva e faziam delas portadoras de algo que a todos pertencia, fora dos indivíduos. Palavras seriam usadas, sim, como recursos musicais, despojadas de qualquer elemento ou pelo menos sem que se lhe desse maior importância, que se tornasse o instrumento descritivo por excelência. Este era, definitivamente, um mundo de poetas. E de poetas foi o simbolismo, em verdade. A intenção do movimento haveria de esclarecê-la, mais tarde o arguto Van Thieghem: "A poesia deve aproximar-se mais da música que da escultura e da pintura. Como aquelas, deve sugerir e não pintar ou figurar as linhas e formas; as palavras longe de intentar a exatidão, que seria o ideal da prosa descritiva ou analítica, não devem ser usadas senão com algum desprezo."

Etudo se fez sem qualquer receio de transpor os limites do compreensível e do senso comum. Al o finíssimo Ronald de Carvalho tinha razão de perceber aqueles assomos de orgulho individualista com que tão bem se pode caracterizar o movimento simbolista.

Classificaram-se as consoantes e vogais. A umas atribuíam-se-lhes correspondências entre as cores e as consoantes H, R, S e V, a virtude de traduzir "humultos, glórias e ovações, o intuito de destruir, de triunfar, o Querer e a Ação". Iniciada a negação de aspectos fundamentais, assim, não se detiveram os novos. Concebidas de maneira tão diversa as palavras, era claro que não podia subsistir a disciplina da medida com que se haviam de dispor no verso e que o passado racionalista e clássico tão acuradamente tinha trabalhado. A versificação perde a rigidez e a rima adquire significação nova. O alexandrino clássico que, dentro das possíveis combinações dos esquemas conhecidos, conservava, todavia a acentuação forte na sexta e na décima segunda sílaba obrigatoriamente, modificado, posteriormente, pelos românticos, que, muitas vezes, deslocavam a censura central, o alexandrino, dizíamos, cede o passo ao livremétrismo. Nem todos, porém, levaram a tanto a reforma. Mas a verdade é que Mallarmé proclama sem rodeios, que o novo ideal de beleza se atingirá pela fuga a qualquer pensamento ordenador. Consumava-se a revolução anti-clássica com esta estranha exaltação do indivíduo.

5. No Brasil não foi grande a crise e daí não encontrar certa crítica autêntica simbolistas entre nós. Importado, como as demais escolas, iniciou poetas que, ou não chegaram a fórmulas

puras de movimento, ou nele deram os primeiros passos, seguindo-se uma crescente libertação que os levaria, afinal, a conciliar-se com a tradição.

Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu no Amarante, Piauí, em 1885. No Recife, cursando já a Faculdade de Direito, publica o seu primeiro livro de versos — "Sangue".

Dele disse, mais tarde, Clóvis Beviláqua, traído a funda impressão que lhe causara a obra: "Poeta dos mais distintos. E mesmo um grande poeta. O seu primeiro livro produziu sensação e puzo admirativo. Era a estreia de um estudante e a revelação de um verdadeiro artista."

Da Costa e Silva foi um simbolista. É ele que no-lo diz nas repetidas inovações aos grandes orientadores do movimento, Verlaine, Mallarmé, Cruz e Sousa, Ant. Nobre e Poe, transparecem nestes primeiros versos, quando não respondem a apelos diretos do jovem poeta. Outros vultos não quer encontrar após a morte, como dizem aqueles versos do soneto "Josaphat". Mas, sobretudo, o que se percebe na leitura da poesia do principiante Da Costa e Silva é aquele encanto das formas musicais que, mais de uma vez, o coloca acima do interesse de ser entendido logicamente. Mario Rodrigues lembrou-se com a maravilhosa harmonia da poesia "Sangue" de Wagner, porque, explicava, "os acordes mágicos podiam ser coloados por amazonas mitológicas". O poder do símbolo, todavia, chega ao mais alto ponto no livro parece-nos, com o soneto "Tarântula", onde o esforço de traduzir o abstrato, a experiência transcendente alcançam forma estranha e, ao primeiro contacto, nos leva a certo indefinível sentimento de Amor que o poeta vai buscar ao Sol!

Mas se este livro, à uma, revela o gênio criador de Da Costa e Silva e a poderosa influência dos mestres simbolistas, não esconde, à outra, as limitações em que ainda se debate o artista. Nascido à margem do Parnaíba, às impressões do rio paga tributo pesado. O rio não o abandona. Ora se restaura na mente do poeta a paisagem completa da infância, ora, estufando-se-lhe o contorno, deixa o rio, como imagem aonde vão encontrar expressão quase todos os sentimentos do poeta. Assim, o Parnaíba é o:

"Rio da minha terra, ungião de tristeza.

Refletindo o meu ser à flor móvel
das águas"

A mãe, piedosa, e triste, é a inspiradora do "Mater" que começa:

"De lágrimas de mãe formou-se um rio..."

No célebre soneto "Saudade" é o rio que volta a compor o admirável quadro simbólico:

"Saudade! Olhar de minha mãe rezando

E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... o rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Saudade! O Parnaíba, velho
monge..."

Não vai muito além que não volte
Agita fô e "Flamen Amoré"

"O rio ideal do sentimento:
Que sinto fluir nas minhas veias,
Vive num doce inundamento,
Enquanto as ninfas e as sereias
Cantam ao Sol, saudando as cheias
Do rio ideal do sentimento".

Reaparece em "Flor dorida",

"Tua angustiada palidez sombria
lembra dor, tristeza e saudades,
— Ninfas, sereias, fadas e náiades
Do rio roxo-azul da nostalgia".

Em "Turris eburnea", a cabeleira
loura e amada e assim que aparece:

"Lembras assim, Formosa,
adormecida,
Pressa aos sonhos, entregue aos
pesadelos,
Uma cidade fulgida, construída
Por sobre o rio de ouro dos cabelos".

A impressão do rio o acompanhará,
menos nítida, ainda em "Zodiaco" e
no "Verônica".

A mãe, a imagem da mãe não o deixa, como a princípio, no livro de estreia. Desaparece nos dois seguintes para surgir comovidamente duas vezes apenas em "Fez-me poeta o destino..." e "Mater admirabilis" que se lêem no "Verônica". Vejam-se estes versos em que na própria desilusão procura compreender a dos filhos tristes:

"Se te amei na ventura, na desgraça
As tuas mãos de lágrimas untando,
Porque o afeto os limites ultrapassa.

É mais alto, mais vasto, mais profundo,
Desde que vi meus filhos sem a graça
Do melhor bem que se possui no mundo".

É impossível negar a extraordinária beleza de muitos dos versos do "Sangue". Mas não há fugir a reconhecer certa pobreza de motivos, bem assim de recursos de expressão, o que se evidencia em repetições.

Poeta dos olhos, do olhar, poderia chamar-se a Da Costa e Silva tanto quanto poeta da Saudade. Citemos-lo: "O enorme olhar do sol" (Tarântula), farão de esperança que "olham nos mastareos" (Argus); as revelações do olhar "Nun claror que compunhe" (Lady Macbeth); "O olhar, o hálito, a voz" (Anatema); "o fogo dos teus olhos"; "os olhos da Crença" (virtudes teológicas); "A luz dos meus olhos apagados" (Consolatrix afflictorum); "Os teus olhos em lágrimas banhando" (Lacrimas semper); "velados, vagos, rasos de água" (Flor dorida); "olhos tristonhos, dúbios e magoados" (Olhos magoados); "A mudez do olhar" (Esperança atroz); "os olhos calmos" (Musa impotens); "olhos rasos de água" (Canção da noite); "arrulhos de columbara meus olhos a pinar" (Josaphat) e, por fim, o grande soneto:

"Quando os meus olhos aos teus olhos
volvo,
O almo candor das lágrimas cintila

"Quando os meus olhos aos teus olhos
volvo.

O alma candor das lágrimas cintila
No teu olhar e ensombra-te a pupila
A névoa ideal do sonho em que me
envolve.

Um mistério de amor que eu não resolvo
Possui teu ser e em teu olhar se asila,
— Mistério ideal que enleva e que
aniquila
Num doce abraço enérgico de polvo.

Quem me decifrará todo esse enigma
Que eu sinto e não compreendo o que me
(mostras
Através desse olhar, como um estigma?

Quem há que o teu segredo me desvende
— Pérola que a alma oculta como as ostras
E que no olhar em pérolas esplende".

Após o poema "Verhaeren", de 1917, homenagem ao grande poeta das trepidações da vida moderna, apareceu o "Zodiaco" no mesmo ano. Alarga-se o artista, evidentemente, que aí se faz o cantor dos elementos e onde, copiosamente, se socorre das aliterações tão da índole da escola a que, então, ainda muito o deve. O "Redemoinho" é uma autêntica aplicação do que recomendavam os mestres no que respeita com o uso dos fonemas consonantais. Só a leitura completa dele poderá revelar a excelência com que aí se usou desta técnica profundamente sugestiva. Quem não conhece o "Besouro" e a "Moenda" que "ringe, range, rouquenha"? E o "Caramujo", precioso exemplo e tormento dos meninos em aulas de leitura:

"Lerda e lúrida a lesma a rastejar de
rojo..."

"Reta o búzio bizarro..."
"Conduz cobrindo o corpo a curva
concha em cujo

Concavo, em contrações, coleia
o caracol..."

O poder de expressão do poeta aumenta sensivelmente. Não mais as repetições tão comuns do "Sangue".

"Zodiaco" é também o livro sem mulher, como mais de uma vez já se observou. Mas contraria o poeta entre os elementos do seu "Zodiaco" aquele

"... corpo alvo e sensual de mulher
jovem
Nua, empinando os seios nus..."

que acrescentou ao quadro de "Lua no Mar"?

O livro "Pandora" surge em 1919. Vinga-se aí o poeta da ausência de amor a que se condenara em "Zodiaco". Ninfas nuas, sadias e formosas, as mais lindas oréades mal podem contentar o desejo de posse que lhes inflamam o coração. Aparece-nos o poeta do Amor.

Liberta-se, então, dos princípios da escola. Afirma-se a métrica tradicional. Faz-se o "verdadeiro técnico do verso" que tanta admiração mereceu de Tristão de Athayde. Por este tempo começa a reforma de muitas

das poesias dos anos anteriores, insatisfeito, à procura de perfeição. Um exemplo é o conhecidíssimo soneto "Saudade". Vejam-se estes versos como aparecem no "Sangue".

"Noites de junho. O caboré com frio.
Ao luar, sôbre o arvoredo, piando,
piando...
E à noite, as fôlhas lividas cantando
A saudade infeliz de um sol de estio".

Depois, aparecerão assim:

"Noites de junho... O caboré com frio,
Ao luar, sôbre o arvoredo, piando,
piando.
E ao vento, as fôlhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estio".

videntemente, os versos atingiam à perfeição. Poderíamos multiplicar exemplos. Não têmese nos alongar-nos excessivamente.

6. Múcio Leão lembrou há pouco a influência do pai, grande professor da Escola do Recife, na geração de que fez parte Da Costa e Silva, que lá se formou em 1913.

Que filosofia terá o velho Laurindo instilado na alma dos moços estudantes todos sabemos. Mestre do evolucionismo, alcançou seu prestígio mesmos os alunos menos dedicados aos estudos jurídicos, como foi o nosso poeta. Não se procure, entretanto, no que escreveu um sistema filosófico defendido, exposto ordenadamente. Não teríamos poesia. Mas certas formas de convicção íntima, hauridas no ambiente mental da Faculdade transparecem na maneira de ver as modificações, o ir e vir das cousas e através delas se mostra ao poeta o mundo nos aspectos inquietantes que preocuparam os homens inteligentes de todos os tempos. Lá estão os sonetos do "Eterno ciclo".

"A morte é a própria vida na infinita
Transformação das formas da
matéria".

E da religião da meninice, do catolicismo tradicional fica-lhe apenas a imagem da mãe que, em pensamento, revê sempre rezando.

Já muito mais rico de expressões e com olhos muito mais penetrantes para o mundo, como que se prepara para aquelas meditações do "Verônica" que daria à luz em 1927 e onde, se perde a alegria pagã da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento. É ele mesmo que nos pinta a passagem em lindíssimos versos:

Quando fui, com o meu sonho
ingênuo e lindo,
Pelos estradas amplas, luminosas,

Vinham as Garças desfolhando
rosas...

Ergui os olhos para os céus sorrindo,
A beleza da vida pressintindo...

Quando vim, com o meu tédio
miserando,
Pelos estreitos e áridos caminhos,
Iam as Farças espalhando espinhos...

Baixei os olhos para o chão, chorando,
E fiquei para sempre meditando..."



"Verônica" é um livro triste. Amargos são os frutos da Sabedoria. É uma tarde para o poeta. O sabor do Ecclesiastes assinala a aproximação da plena maturidade. É a hora da aceitação da vida. Os vultos de mulher esbatem-se como sombras queridas nunca alcançadas. O orgulho de quem disse no "Pandora":
"Ninfa não há, talvez, nesta ribeira
que pudesse fugir ao meu desejo
E ao contacto lascivo do meu beijo
Ao meu amor não se entregasse
inteira".

Cede à resignada confissão:

"Vendo-te ou não o meu olhar divaga
Sempre a seguir-te; e as vezes que te
vejo,
Como que te diluís, visão pressagaz;
Quando te encontro num fortuito
enjo,
Sinto que és uma sombra que
se apaga
Ao sol crepuscular de meu desejo".

Sabe-lhe a humanidade. Do que escreveu para este livro tem gosto de criação definitiva. Já não se corrige mais, não emenda mais, como fez em tantos dos versos que enfeixou nos primeiros volumes, acentuadamente no "Sangue". Pena é que, para maior dor do artista, nenhuma crença definida, surja a compensar as tristezas e as terríveis dúvidas que o assaltam ainda. A morte parece-lhe um fim. Chorando a saudade da amada que se tenha ido para sempre, teme também morrer: "Assim temo, a evocar-te a imagem linda,

Que após a morte venha a eternidade
Esta separação tornar infinda".

"Verônica", o maior livro de Da Costa e Silva, nos deixa imaginar a obra que nos daria ainda, não se lhe apagando a lucidez nos quinze anos que lhe precederam a morte, a 28 de junho deste ano. Foi-lhe dado, entretanto, presentí-la:

"Bêbedo, eu vivo de ilusões formosas
E temo, algumas vezes, que endoieça
Minha triste e feissima cabeça
Coroada de estrelas e de rosas".

XIII A mulher Esfinge em Sangue

"Quem há que o teu segredo me desvende".

A mulher é também aqui apresentada como um ser ambíguo, como fonte de prazer e de dor.

— Mistério ideal que enleva e que aniquila"

M^a.do Socorro Neiva

Destaca-se, ainda, em "Supremo Enigma", uma insistência no emprego do verbo **olhar** e do substantivo **olhos**, o que confirma, no plano estético, o culto do objeto plástico à distância e, no plano psicanalítico, um distanciamento, marca da interdição do desejo.(6).

No último terceto, há uma metáfora bem característica dos textos da época, uma metáfora de natureza mineral, dura e fria.

" — Pérola que a alma oculta, como as ostras
E que no olhar em pérolas espelnde?"

A pérola é um símbolo ligado à mulher. Representa a sublimação dos instintos, a espiritualização da matéria. Ela é atribuído da perfeição angélica.(7).

Afonso Romano de Sant'Anna, analisando a poesia parnasiana, mostra que a mulher continua a ser, nesse período, um objeto reprimido e repressor, mantendo a mesma linha de interdição do desejo de outros estilos de época da literatura (8).

Em "Ignota Dea", "Lady Macbeth" e "Supremo Enigma" perpassam marcas da interdição do desejo - a imobilidade, o esfriamento, o distanciamento. Em todos eles é delineado o retrato de uma mulher estátua/esfinge, uma mulher que é endeusada, cultuada à distância e recebe, passivamente, o olhar e os gestos do poeta-amante,

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) SANT'ANNA, Afonso Romano de. **O Canibalismo Amoroso**. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- (2) COSTA E SILVA, Antonio Francisco da. **Poesias Completas**. Cátedra, Rio de Janeiro, 1976.
- (3) SANT'ANNA, Afonso Romano de. **O Canibalismo Amoroso**. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- (4) CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des Symboles**. Seghers, Paris, 1974.
- (5) COMMELIN, P. **Nova Mitologia Grega e Romana**. Tecnoprint, Rio de Janeiro, s.d.
- (6) SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Por um novo Conceito de Literatura Brasileira**. Eldorado, Rio de Janeiro, 1977.
- (7) CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des Symboles**. Seghers, Paris, 1974.
- (8) SANT'ANNA, Afonso Romano de. **O Canibalismo Amoroso**. Brasiliense, São Paulo, 1984.

Professora de Literatura Portuguesa e Brasileira da FUFPI.

A palavra esfinge sugere a idéia de enigma, de mistério. Como sabemos, a "Esfinge Tebana" propunha um enigma aos que passavam.

"Ou me decifras ou te devoro" - dizia a mulher de pedra que era também um ser heterogêneo: rosto e busto de mulher, corpo de leão, cauda de dragão e asas de ave.

As tradições primitivas apresentam a esfinge como opressora, causadora de angústia. Essa mesma idéia vamos encontrar nos textos poéticos. Afonso Romano de Sant'Anna lembra que a etimologia da palavra Esfinge remete para opressão, afogamento, tormento.

Muitos foram os poetas parnasianos que colocaram o tema da mulher estátua/esfinge em seus versos. Em "SANGUE", primeira obra do poeta piauiense Da Costa e Silva, encontram-se alguns sonetos em que a temática da esfinge enigmática e devoradora se faz presente...

Para o nosso estudo, levaremos em consideração os sonetos: "Ignota Dea", "Lady Macbeth" e "Supremo Enigma". (2).

O próprio título "Ignota Dea", ou seja, "Deusa Desconhecida", nos remete para a idéia de enigma, de incapacidade de decifração, que vai reforçada pelo primeiro verso - "Anjo, esfinge ou mulher, visão que almejo" - e pelo último terceto:

"Debalde ausculto o coração e exclamo:

— Quem és tu? Quem és tu? De onde vieste?

E não conheço enfim essa a quem amo..."

Convém lembrar que o uso da metáfora "deusa" em relação à mulher foi uma constante entre os poetas parnasianos.

Há um certo temor em relação à amada, o que configura a idéia da esfinge como opressora.

"Por quem vivo de amor e a quem receio"

Existe na mulher algo superior que o prende. Há nela uma força, um encantamento que o faz desejá-la mais e mais, mesmo querendo esquecê-la.

"Alheio ao gozo e à desventura alheio,

Não te vejo e te evito a todo ensejo
E tanto mais de ti me sinto cheio,
Mais te busco olvidar e te desejo".

A "Ignota Dea" é ainda um ser ambíguo. Aparece cindida entre o bem e o mal, entre a virtude e o pecado, o que faz gerar no poeta sentimentos contraditórios.

"E-me o teu ser, satânico e celeste,
Origem de alegria e de martírio..."

Em "Lady Macbeth" volta a aparecer a imagem da esfinge. O poeta é o "Poeta-Edipo", (3) aquele que tem um enigma a decifrar. Mas a façanha

do "Edipo Tebano" não se repete neste soneto. A mulher permanece indecifrável, apesar de o poeta-amante ter "olhos de linco", animal que, segundo uma crença medieval, possuía o poder de, através do olhar, atravessar muros e muralhas. Acreditava-se ainda que o linco percebia nas imagens o reflexo dos objetos que lhe eram ocultados.(4).

"Não na posso entender, senhora, amante ou serva:
Amo-a; e não sei dizer se ama,
desdenha ou finge"

"Fixo nos olhos seus os meus olhos de linco,
E um vago e estranho encanto o alvor das formas lhe unge
De uma graça imortal, que não há quem destrince..."

Além de esfinge a mulher é estátua, o que leva à idéia de imobilidade, de estaticidade, de impossibilidade.

"Conto minha dor, mas a voz não atinge
Seu coração pueril; e imóvel se conserva,

Na impassível mudez dolorosa de esfinge,

Nessa atitude real de estátua de Minerva"

E a estátua é de Minerva, a deusa da sabedoria, da guerra, das ciências e das artes. Uma deusa que apresenta um ar grave e é marcada de nobreza, de força e de majestade.(5).

Fica, assim, bem delineado o distanciamento entre o sujeito e o objeto amado, uma vez que há um desnivelamento entre eles - uma relação entre um ser divino e um ser humano.

Vale ainda ressaltar, em "Lady Macbeth", a convivência das duas vertentes: a pagã e a cristã. A princípio, a mulher é igualada à esfinge, à estátua de Minerva e, no final, "Lembra Nossa Senhora aureolada num nicho"

Em "Supremo Enigma" persiste a imagem da mulher-esfinge, da mulher enigmática e indecifrável. Destaca-se, em todo o soneto, a idéia do poeta como um ser impotente, dominado e incapaz de decifrar "o mistério do amor", o mistério da amada.

"Um mistério de Amor que eu não resolvo
Possui teu ser e em teu olhar se asila,"

"Quem me decifrárá todo esse enigma
Que eu sinto e não compreendo e que me mostrou
Através desse olhar,
como um estigma?"

A dívida resgatada

Herculano Moraes

Jornalista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras.

O Estudo do Piauí, através do seu Governo, resolveu resgatar uma dívida com o seu poeta maior, Antônio Francisco Da Costa e Silva, instituindo o ANO DCS, começando em novembro de 84 prolongando-se até 23 de novembro de 1985, quando todo o Brasil comemorará os 100 anos do nascimento do grande ator de Sautidade.

Nascido à margem direita do rio Parnaíba, mais precisamente numa casinha modesta da rua das Flores, na peçonhosa cidade de Amarante, o Piauí iniciou ali mesmo os seus estudos primários, transferindo-se mais tarde a Teresina, para concluir o ginásio em 1906, no antigo Liceu Piauiense (hoje Colégio Estadual Zaccarias de Góis). Em Amarante, o contato permanente com o rio revelava-lhe da alma a vocação da poesia, da arte santiera e das peripécias manuais das máscaras carnavalescas que alegravam as festas de Momó e os espetáculos teatrais. Tinha a mágica nas mãos. Transformava em santos o tronco de madeira que lhe chegava às mãos habilitadas. De posse do lápis, continava as imagens de bruxos e duendes, que serviam para desfilar os folhões nos entredos tradicionais das folias carnavalescas.

Concluindo em Teresina o ginásio, viajou ao Recife para realizar ali o curso superior. Em 1913 recebeu o bacharelado do curso de Direito da Faculdade do Recife, retardando a sua conclusão devido a doença.

Aprovado em concurso do Ministério da Fazenda, em maio de 1910 foi nomeado 4º escriptorial da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, percorrendo, nessa função, os Estados do Maranhão, Amazonas, Rio Grande do Sul e São Paulo, tratando da emissão de bônus criados pelo Governo Central.

Em Setembro de 1929 chegava a Porto Alegre, para tomar posse do cargo de Delegado Fiscal do Tesouro no Rio Grande do Sul. Ali, ao lado de Alberto de Andrade Queiroz dirige o suplemento literário do Diário de Notícias, onde fez amizade com Athos Damasceno, Theodomiro Tostes, Vargas Neto, Viana Moog.

Com a vitória da Revolução de 30, Da Costa e Silva pede dispensa do cargo, mas é nomeado em seguida para o cargo de Delegado Fiscal do Tesouro, em São Paulo.

Da Costa e Silva, com a fama e o prestígio de um grande poeta, vem a Teresina em janeiro de 1923, para participar das festas comemorativas do centenário da independência política do Piauí e tomar posse de sua cadeira na Academia Piauiense de Letras. Numa das mais concorridas sessões da Academia, recebe o título acadêmico e discursa elogiando o patrono de sua cadeira, o oiteneiro padre Leopoldo Damasceno Freireira (cadeira 21). Recebido por Cristiano Castelo Branco, e homenageado pelo Governador João Luís Ferreira, que o homenageia, tornando-o hóspede do Governo no Palácio de Karnak. Foi nessa época que escreveu a letra do Hino do Piauí, de parceria com a musicista Fátima Sobreira.

A FEIÚRA COMO EMPECILHO

Mas ao lado da fama e do prestígio que a literatura lhe deu, o seu porte físico reservou-

lhe algumas decepções. O seu grande sonho era a diplomacia, para onde foi indicado por alguns amigos. O Barão do Rio Branco era contra. E contou-se depois Pedro Nava - Baldo Cavilho que o Barão do Rio Branco gostava dos versos do poeta, admirava o seu talento e até poderia patrociná-lo seu ingresso na carreira, "não fosse a sua feiúra".

Mário Rodrigues afirma que Da Costa e Silva era um rapaz tímido, de espáduas estreitas e olhos estrábicos, imberbe e luminosamente feio.

Impressão semelhante teve Antônio Sales, para quem Da Costa e Silva era um sujeito magro, desengonçado, um pouco estrábico, de feições toscas.

Consente de sua feiúra, o poeta expressou-se assim, em versos que se elevizam:

Sou, talvez, o mais triste ser humano
Que vive sob o céu ou sobre o solo;
Porque possuo o espírito de Apolo
na feia catadura de Vulcano.

Da Costa e Silva casou-se duas vezes. Em primeiras núpcias com senhorita Alice, com quem teve os filhos Márcio, Mário e Benedito. Viúvo, casou-se com senhorita Greusa, de quem nasceram os filhos Alice, Alberto e Elizabeth.

Curiosamente, o destino dá a Alberto a tarefa de tornar realidade o sonho do pai: ingressa no Itamarati e é hoje um dos mais brilhantes diplomatas brasileiros, resgatando o vigando a memória de uma humilhação que marcou a vida do poeta.

Por volta de 1932, 33, o poeta começa a sua fase de mais agudo sofrimento. Acostumado por sucessivas crises de amnésia, a doença agrava-se, acentuando-lhe fortemente o comportamento e os reflexos. Mergulha num mundo em que a vertigem e a lucidez se confundem, proíbe-se de produzir com mais frequência e se isola do mundo, passando a uma existência tristonha e dolorosa.

No dia 29 de junho de 1950, no apartamento da rua General Roca, na Tijuca, onde morava, morreu, o coração paralisado por um fulminante ataque cardíaco. Foi sepultado na manhã do dia seguinte, no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Paula, no Catumbi, aos sessenta e cinco anos de idade.

A POESIA COMO DESTINO

Da Costa e Silva tinha o rio Parnaíba como companheiro de viagem. A terra, na sua simplicidade e no colorido sempre claro dos céus de Amarante, surgia-lhe com frequência na memória, tributando-lhe as imagens que se fixariam como símbolos de uma poesia que ganharia força e expressão e se afirmaria marcante na história.

A minha terra é um céu, se há um céu
[sobre a terra;
É um céu sobre outro céu tão limpo e tão
[brando,
Que eterno sonho azul parece estar
[sonhando
Sobre o vale natal que o scio à luz
[descerra...

(excerto de Amarante)

O rio não o abandona. O velho monge está sempre presente, renascendo majestoso na arte poética que deslumbra e encanta. Sobre esse encantamento, creditado ao fascínio das águas do Parnaíba, revela Clemente Fortes: "O rio não o abandona... Ora se restaura na mente do poeta a paisagem completa da infância, ora esfumando-lhe o contorno, deixa o rio, como imagem onde vão encontrar expressão quase todos os sentimentos do poeta".

Tinha a poesia como destino. Nasceu-lhe a

criação como um sopro, ora colorindo a paisagem do simbolismo brasileiro com preciosos instantes de grandeza poética, ora desenhando para o parnasianismo, fermentando a arte na sua concepção mais pura.

Numa certa noite de 1907, na pensãozinha da rua da Aurora, onde dividia uma república com estudantes de vários Estados que cursavam Direito em Recife, ditou a Cristiano Castelo Branco o soneto que se tornaria célebre:

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O claror com frio,
ao luar, sobre o arvoredo... piando,

[piando...

E ao vento as folhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vão de canaviais ao vento...
Ai! mortalhas de nevoa sobre a serra.

Saudade! O Parnaíba - velho monge,
As barbas brancas alongando... E, ao

[longe.

O mugido dos bois da minha terra...

Convém destacar que o soneto teve várias formas. No original, ele aparece com o terceiro verso do segundo quarteto assim:

E à noite, as folhas lividas cantando

Em Pandora, onde a temática do amor aparece com muita frequência, o poeta molda a construção do verso, estreitando assim:

E ao vento as folhas lividas cantando

Sobre o soneto Saudade o romancista e crítico brasileiro José Montello (Diário da Manhã) revela a nitida influência do poeta Antônio Nobre sobre a poesia do amarantino. Cotejando as linhas do tema e da própria construção poética, Montello compara os versos de Da Costa e Silva aos do consagrado autor de Só, identificando influências naturais, apressando-se, entretanto, em esclarecer que "não obstante esses vestígios de poesia alheia, a poesia de Da Costa e Silva tem beleza própria, que lhe dá categoria de obra-prima nos florilégios da literatura brasileira". E garante que não há memória que se recuse a guardar os seus 14 versos, admiravelmente encaixados nas evocações dos últimos tercetos de Saudade.

A poesia de Da Costa e Silva assenta-se em duas escolas: simbolista, interpretada nos poemas de Sangue (1908), e a parnasiana, que determinou a fixação de suas tendências. Há, entretanto, a presença do poeta na transição pré-modernista, instante em que passa a produzir poemas livres e, por isto, incluindo-se entre os precursores dessa nova ordem literária.

A respeito da filiação do poeta as escolas literárias convêm que se destaque o raciocínio do professor Carlos Evandro, assegurando que "no estilo do poeta amarantino interpenetram-se as heranças românticas, parnasianas e simbolistas. Suas ousadas formas de expressão poética revelam um autor afastado da severa disciplina escolástica, bem como um precursor da estética moderna".

Ao editar Sangue, em 1908, Da Costa e Silva passou a receber sucessivos elogios dos mais brilhantes nomes da poesia, do jornalismo e da crítica, dentre os quais Clóvis Bevilacqua, que garantiu: "Poeta dos mais distintos: É mesmo um grande poeta. O seu primeiro livro produziu sensação e pasmado admirativo. Era a estréia de um estudante e a revelação de um verdadeiro artista".

Comparado por Mário Rodrigues, em grandeza, a Edgar Allan Poe, Cruz e Souza e Álvares de Azevedo, o poeta de Amarante recebeu de Sílvio Romero elogio idêntico, que o situou ao lado de Vicente de Carvalho, Emílio de Meneses, Goulart de Andrade, Amadeu Amaral e Hermes Fontes.

Clemente Fortes, um dos mais lúcidos e brilhantes críticos piauienses, falecido no natal de 1975 foi quem denominou de Poeta da Saudade o vate amarantino. Debruçando-se numa análise minuciosa da obra do poeta, disse de Verônica: "Já muito rico de expressões e com olhos muito mais penetrantes para o mundo, como que se prepara para aquelas meditações de Verônica que daria à luz em 1927 e onde, se perde a alegria pagá da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento.

"Verônica é um livro triste. Amargos são os frutos da sabedoria. É uma tarde para o poeta. O sabor do Eclesiastes assinala a aproximação da plena maturidade. Os vultos de mulher esbatem-se como sombras queridas nunca alcançadas".

Dos roteiros já apresentados para um estudo mais organizado da obra de Da Costa e Silva, parece-me que o preparado pelo professor Balduino de Deus é o que mais se aproxima da identidade de sua poesia. O autor de um substancioso estudo da obra de Da Costa e Silva sugere três referenciais para a melhor compreensão de sua conduta poética: POEMAS DA TERNURA, em que o lar e a terra distante, os filhos órfãos, a esposa morta se situam como elementos de funda significação na sua arte. No plano do DESALENTO, os poemas revelam o intimismo do autor, "o próprio ego", através de poesias reveladoras de suas angústias, de suas emoções mais interiores, dos sonhos e das decepções. Aqui também projeta a linha filosófica de uma poesia preocupada com o destino humano e o poeta, também como filósofo de um mundo absurdo. E os amores, reais ou platônicos, reconstruindo sonhos e esperanças, rescaldo na permanente atmosfera de um lirismo enteneecedor. No plano final, Balduino de Deus destaca a NATUREZA, o ritmo das coisas, as visões da terra distante e a grandeza do poeta na reconstrução de paisagens que a memória repõe, desarrivando impressões.

Nesse plano, a natureza emerge na sua

grandeza absoluta e o poeta se revela o quixotesco cantor a enfrentar os criminosos da ecologia.

A PRAÇA E O POETA

Em Setembro de 1950, em editorial da revista do Caderno de Letras Meridiano, O. G. Régio de Carvalho revelava que "nenhum elogio enteneceu mais o coração do poeta amarantino, do que ter um livro seu roubado numa livraria do Recife: a edição era modesta, e o anônimo admirador de Antônio Francisco da Costa e Silva quebrou o vidro do mostruário e retirou o último exemplar de Sangue". O mesmo O. G. Régio de Carvalho, confessa, contudo, que "Da Costa e Silva morreu no mais acurruador esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irrereal".

Invariavelmente avara com seus valores mais expressivos, a sociedade piauiense costuma aplaudir, com mais ênfase os "ídolos" e "mitos" de outras paragens.

Da Costa e Silva é um exemplo dessa avareza. Na capital do Estado, por exemplo, até há bem pouco tempo, não existia nenhuma rua, nenhum logradouro que lembrasse o poeta. E o pior, nos vestibulares da Universidade e nas escolas secundárias e primárias o nome do poeta era desconhecido, apesar do esforço de alguns intelectuais temposos que moram na província.

Felizmente, porém, no dia 5 de Setembro de 1977 o Prefeito Wall Ferraz e o Governador Dirceu Aroverde entregam ao povo a Praça em homenagem ao Poeta.

A praça Da Costa e Silva, uma das mais belas da capital piauiense, está erguida em frente ao rio Parnaíba - o velho monge - urbanizada com plantas autóctones e engalanada com placas de aço inoxidável, gravadas em letras esmaltadas com os mais belos versos do poeta selecionados por Tito Filho. Hoje a praça é um centro de atração. Sede de movimentos artísticos e culturais, algumas vezes o seu chão é maculado por concursos estranhos ao seu destino, como a infeliz idéia de um festival de dança break, numa promoção ridícula dos trejeitos que a América exporta para o mundo. Da Costa e Silva deve ter chorado no seu túmulo.

Mas a memória do poeta está sendo resgatada. E às vésperas das comemorações dos cem anos do seu nascimento, há em todos os piauienses um orgulho justificado pela contrariedade de um dos mais luminosos poetas da história literária do Brasil.

SANGUE, ZODIACO

Da Costa e Silva fez sua estréia na literatura em 1908, com um livro de marcante influência simbolista. Sangue reúne produções datadas do tempo em que estudava no Liceu. Obra composta de 48 poemas, predominando a forma alexandrina expressa em 34 sonetos, podendo classificar-se como das últimas obras dos simbolistas vinculados à geração de 1885.

Novo anos mais tarde o poeta retorna com novo livro: Zodiaco (1917), alinhando-se ao parnasianismo, sem, no entanto, deixar transparecer, numa e noutra poesia, resquícios bem fortes da influência simbolista. É possível que significativa parte dos poemas enfileirados no livro possa ter sido organizado a partir de 1908.

A temática nuclear do livro é a natureza agreste, a paisagem, a vida, a geografia física de sua terra. No plano da forma, o poeta pode ser considerado um dos primeiros a realizar experiências do que veio a ser o concretismo brasileiro. Uma tese, aliás, que poderia despertar a Universidade brasileira para estudos mais profundos.

Embora listado como livro, Verhaeren (1917) não é propriamente um livro. Trata-se de um poema em homenagem póstuma ao grande poeta e teatrólogo belga. Publicado inicialmente no Correio da Manhã, foi reunido em folheto e editado pela revista Apolo.

Pandora (1919) é, provavelmente, a obra de maior rigor técnico de Da Costa e Silva. Retomando a linguagem do classicismo de Camões e Francisco Manuel de Melo, os mitos e símbolos gregos, o poeta soma a concepção do saber moderno ao conhecimento das origens da arte e dos sonhos, dos mistérios do homem, de suas raízes religiosas. Inclui neste livro poemas retirados de Sangue.

Sobre Verônica (1927) é bom ouvir o depoimento de Clemente Fortes: "Já muito mais rico de expressões e com olhos muito mais penetrantes para o mundo, como que se prepara para aquelas meditações de Verônica, que daria à luz em 1927 e onde, se perde a alegria pagá da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento "Balduino Barbosa de Deus nos dá esse primor de conceito sobre o livro: "É um lenço vivo que estampa o rosto sofrido do poeta. O livro de uma viveuz dolorosa e cruel". Nas linhas mestras da poesia de Verônica, o subjetivismo latente de um poeta mais rico, de uma filosofia amarga, litúrgica, elegíaca. É o doloroso impacto da morte de Alice a depurar a arte poética.

Alhambra reúne poemas publicados na imprensa entre os anos de 1925 a 1933. Foi o princípio da morte do sabá que nele cantava. Antônio Vilaça, em arguta análise da obra de Da Costa e Silva, assim entende: "Fechara-se o ciclo do seu destino. Ficaria 18 anos em silêncio, tocado pela melancolia". Aqui o poeta adota processos modernistas, alinha-se no sincretismo da arte. Obra inacabada, o poeta cessara de colocar no papel o seu canto, mergulhando num traumatismo vertiginoso de imagens incorpóreas e desconexas.

Citado por Félix Aires como obra publicada, Clepsidra foi apenas um projeto editorial. De acordo com o seguro argumento de J. C. Santana Cruz os poemas desse projeto foram incluídos em Pandora e Zodiaco. A imprensa brasileira havia noticiado sobre a organização do livro, dando destaque aos poemas da natureza e "elogio dos olhos", cujos trabalhos se acham editados nas obras citadas.

Em 1934 a Editora Civilização Brasileira organizou uma seleção de poesias de Da Costa e Silva e editou uma Antologia.

Em 1950, ano da morte do poeta, a Revista Cruzeiro reuniu num volume as Poesias Completas de Da Costa e Silva. Mais de 20 anos depois, o filho do poeta, Alberto da Costa e Silva, organiza e edita novo livro, incluindo ali poesias inéditas e um alentado e seguro depoimento sobre a arte e o poeta amarantino.

Vale a pena transcrever aqui o que disse Medeiros Albuquerque, diante da obra eterna e permanente de Da Costa e Silva:

"Se ele faz um livro ao sol, faz outro à luz, outro ao luar, outro à noite. Se ele canta uma das estações, canta também as outras três. Se nota a beleza da manhã, nota também a do meio-dia, a da tarde e a da noite. E, assim, em tudo se vê um cuidado de composição metulosa e metódica".

Se é verdade que cessou no poeta o sabá que cantava, é verdade também que o seu canto, assimilado hoje pelos seus contemporâneos, permaneceu entre a ruidosa algazara dos que anealham as mesmas e inacabadas ilusões.

Conferência pronunciada no Encontro Nacional de escritores em Brasília

João *Emílio* Falcão

jornalista e contista, membro da Comissão do Centenário Da Costa e Silva.

A poesia é um dom divino e o poeta, um semi-Deus. Pode-se aprender a versar, mas ninguém ensina, ninguém transmite a essência da poesia, o que a torna inesquecível e a transforma em profecia e testemunho. A verdadeira poesia é, pois, espírito, chama que devora e purifica.

O poeta tem, em consequência, uma sensibilidade única, que dá às palavras dimensão especial, apesar de os versos serem, quase sempre, tão simples que nos admiramos, ao lê-los, de como não os pensamos e fomos capazes de escrevê-los.

Essa pureza e divindade fazem com que o povo se identifique com os autênticos poetas, cantores de suas mágoas e esperanças, sonhos e delusões. Quando ocorre esta união, sempre rara, porém difícil, o poeta ultrapassa a existência e se incorpora em cada homem de seu povo e em cada pedaço de chão, como se renascesse em todas as crianças e fosse terra de seu terra.

Assim aconteceu com Da Costa e Silva e o seu, o nosso Piauí. O êxito alcançado entre os intelectuais de seu tempo, que lhe reconheceram o talento e o proclamaram, não é, a meu ver, tão expressivo quanto ouvirmos ainda hoje, quase 80 anos depois de escrever seus versos, rudes e incultos canoicos chamarem o Parnaíba de velho monge das barbas brancas, porque assim o definiu o poeta. Velho monge pela cor barrenta no inverno e barbas brancas pelas espumas ligeiras com que vai amando e chocando-se com suas margens, como sugere o professor Arimathéa Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras, autor de nosso patrimônio histórico e cultural.

Há primeiro em Da Costa e Silva, entre ele e seu povo, as águas do Parnaíba, que embalam nossos sonhos e carregam as angústias, a unir-nos na ansia do bom inverno, a alegria, no temor das grandes enchentes, marcando-nos pelas recordações das destruições. Como fazia há quase um século, os meninos de hoje assistem nosso *ric* ser ameaçado pelas corças ou croas, inúmeros bancos de areia que todos os anos tentam sufocá-lo e vêem-no, corrente de nossas esperanças, dominá-las, vencê-las, até que resuscitem para serem novamente vencidas, a ensinar-nos que a vida é passageira mas constante em suas alternâncias.

Apavoram-se, mesmo hoje, com o Cabeça-de-cuia, o rapaz amaldiçoado por haver espancado a mãe, a carregar para o leito de condenado quantos possa, e aprendem todos, logo, que se o Parnaíba é fonte da vida é, também, da morte, com a mesma intensidade, no abraço com que amou muitos de nossos irmãos. Por isto o rio é triste, como somos tristes, o que Da Costa e Silva expressou nestes versos:

"Eu sou tal qual o Parnaíba. Existe dentro em meu ser uma tristeza inata, igual, talvez, à que no rio assiste ao refletir as árvores, na mata..."

Ó seu destino em retratar consiste; porém o rio tudo que retrata, de alegre que era, vai tornando triste no fluído espelho móvel de ouro e prata.

Parcece até que o rio tem saudade como eu, que também sou desta maneira, saudosos e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio da refração das árvores da beira, na superfície trêmula do rio".

A tristeza é característica de Da Costa e Silva. Nele não se encontra triunfalismo delirante, alegria exuberante ou esperança ingênua e doce no futuro risonho. Os seus versos são o Piauí. A nós, não prados verdejante e cachoeiras estrondosas, mas a terra queimada pelo sol ardente e os riachos e rios mortos em seus leitos. Inevitável, pois, o amor ao Parnaíba imperceptível, a buscar seu destino por entre croas, a correr lento em curvas quase sempre largas, mas irresistíveis.

Da Costa e Silva, como seu rio, nasceu para encontrar-se com a glória, seu destino, tendo como companheira a amargura. Imaginem o Piauí no fim do século passado e nele Amarante, pequena cidade, com 3.387 habitantes, onde um menino superava dificuldades perceptíveis para compor seus primeiros versos, alguns cantados nas procissões freqüentes, como este: "Céu azul, almofadilha/ da Virgem Mãe de Jesus/ Com os fusos brancos de linha/ num tear feito de luz". Seu filho, Embaixador Alberto da Costa e Silva, realizador dos sonhos do pai, como o de pertencer à carreira diplomática, encontrou em Lisboa, no ano de 1966, transformados em fado, em letra de Manuel de Almeida, que confiou ter se inspirado nos versos do menino de Amarante, o poeta Da Costa e Silva.

O Acadêmico e ex-senador Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, seu aluno de primeiras letras, informa que foi, nessa época, pintor, santeiro, arte em que expressamos nossa religiosidade e, com freqüência, temores. Em "Carrossel Fantasma", uma de suas últimas produções, pela qual mostrava grande apreço, em que retornava à infância e relembra o Amarante, o poeta confessa e se orgulha de ter sido santeiro.

"Eu fui o mais feliz dos meninos de meu tempo: gastava todas as moedas das imagens que fazia (já tinha o dom divino de um criador de imagens) a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira, que galopavam automaticamente, feito cavalos garabos".

Reconhecimento, respeito pela consciência da arte, que sabia identificar, admirar, com a alma de poeta. O soneto "Saudade", dos mais importantes de nossa literatura, brotou de sua alma, das recordações, deste dom que em menino levava a criar, não esculpir apenas, mas criar imagens como acentua.

Conta Christino Castello Branco, desem-

bargador, homem de letras, uma das maiores culturas piauienses, recentemente falecido, pai do imortal Carlos Castello Branco, estrela maior do jornalismo, que em 1907, certa noite, por volta das 23 hs, ele e o poeta abandonaram os estudos jurídicos e saíram a passear pelas ruas encantadoras de Recife, o luar refletindo-se no Capibaribe, rio nordestino, a banhar a mesma raça, a beijar o mesmo chão adusto de seu Parnaíba.

Ao retornarem, Da Costa e Silva, andando de um lado para outro, esfregando as mãos, recordando Amarante, "um céu, se há um céu sobre a terra", ditou "Saudade", em que muitos notam a influência de Antônio Nobre e outros, mediocremente, procuraram plágio onde há semelhanças, naturais no perpétuo recriar literário. Assim preferia escrever o poeta, ditando, sentindo no nascer do verso a musicalidade tão própria.

Característica, também, sua feiúra. Dela as definições e histórias são muitas. Pedro Nava, criança quando o conheceu, chama-o de "Quasimodo" e lembra a "cara amarela que parecia um bolo de miolo de pão, com os furos dos olhos, das ventas e da boca". Christino, fraterno, registra o estrabismo apenas; Mário Rodrigues, amigo de Pernambuco, descreve-o como "rapaz anêmico, de espáduas estreitas e olhos estrábicos, imberbe e luminosamente feio". Para Antônio Sales era um "sujeito magro, pálido, desengonçado, um pouco estrábico, de feições toscas", e Franklin Sales, companheiro em Belo Horizonte, observava-o "meio corcunda".

Em "Balão Cativo", o grande Pedro Nava recorda as inúmeras vezes em que Da Costa e Silva tentou ingressar na carreira diplomática sem conseguir. Até que decidiu indagar do Barão do Rio Branco porque estava sendo vetado, o que tinha contra ele.

"Eu? Nada, meu amigo. Até gosto de seus versos e aprecio seu talento. Contra a pretensão o que está é seu físico. Eu só deixo entrar na carreira homens de talento que sejam também belos homens. A diplomacia exige isso. Desejo-lhe boa sorte em tudo. Agora, no Itamarati, não. O senhor aqui não entra. Tire seu cavallinho da chuva".

Na versão mais íntima, a explicação se deu em almoço que terminou com uma justificativa pouco diplomática: "Da Costa, você parece um macaco".

O poeta tinha consciência de sua feiúra, que, às vezes, lamentava, como nestes primeiros versos de Ego: "Sou, talvez, o mais triste ser humano/ Que vive sob o céu ou sobre o solo/ Porque possuo o espírito de Apolo/ na feia catadura de Vulcano". Em outros versos, proféticos sobre o seu destino, observou: "Bêbedo eu vivo de ilusões formosas/ E temo, certas vezes, que endouceça/ Minha triste e feíssima cabeça/ Coroadada de estrelas e de rosas", estes de Sangue, editado em 1908. "Ego" faz parte do livro Pandora, publicado em 1919.

"PRÊMIO EDUCAÇÃO"

REGULAMENTO

CAPÍTULO I — Objetivos

Art. 1º — O Prêmio "Educação" instruído pelo Decreto nº 6.159, de 22 de janeiro de 1985, visa a:

- I — Despertar o interesse de educadores, pesquisadores, especialistas da educação que trabalham no sistema estadual de ensino, por aspectos relevantes da educação piauiense.
- II — Estimular o estudo de problemas educacionais do sistema estadual de ensino do Piauí, bem como a busca de soluções que contribuam para a melhoria do ensino nos diversos níveis.
- III — Estimular a produção e a difusão de conhecimentos sobre as variáveis do contexto educacional piauiense, com vistas à produção do saber das Ciências da Educação, no Estado do Piauí.

CAPÍTULO II — Patrocínio

Art. 2º — O Prêmio "Educação" será patrocinado pela Secretaria de Estado da Educação, por intermédio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí, que ficará responsável por todas as providências administrativas, financeiras e técnicas necessárias à sua atribuição.

CAPÍTULO III — Características do Prêmio

Art. 3º — O Prêmio será atribuído anualmente, mediante concurso, aos trabalhos classificados nos três primeiros lugares, sobre problemas ligados à Formação Geral (Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências), à Formação Especial (Ensino Profissionalizante e Educação para o Trabalho), bem como as variáveis sócio-político-econômico-educacionais e pedagógicas do Sistema Estadual de Ensino, a nível de Pré-Escolar, 1º e 2º Graus, Regular e Supletivo; Educação Especial e Educação Física.

Art. 4º — Será dada ampla divulgação ao Prêmio, por meio dos diferentes veículos de informação, com destaque, para a imprensa televisiva, falada e escrita, utilizando-se também informes, prospectos e cartazes para sua difusão nas Escolas, especialmente nas da rede oficial.

CAPÍTULO IV — Características dos Trabalhos

Art. 5º — Os trabalhos deverão conter uma perspectiva global da situação-problema, com respaldo em formulações teóricas, bem como proposta alternativa para solução, efetuando-se a análise sistemática e objetiva dentro do contexto histórico-social e educacional piauiense.

Art. 6º — As monografias deverão ser apresentadas em um mínimo de 20 (vinte) páginas, datilografadas em espaço 02 (dois) e atender às exigências peculiares à elaboração de trabalhos científicos, com destaque para o embasamento em fontes primárias e secundárias, envolvendo a bibliografia especializada. Deverão também obedecer às normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Art. 7º — Os trabalhos deverão ser individuais e assinados com pseudônimo, contendo, em anexo, envelope fechado com o nome e endereço do autor.

Parágrafo Único — A remessa dos trabalhos, obedecido o disposto neste artigo, deverá ser efetuada até 31 de agosto de cada ano à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí — Secretaria da Educação — Centro Administrativo do Estado do Piauí, Av. Pedro Freitas, S/N — CEP. 64.000 Teresina-PI.

CAPÍTULO V — Comissão Julgadora

Art. 8º — A Comissão Julgadora será constituída de sete membros, representando: a) Secretaria da Educação, b) Conselho Estadual de Educação, c) Delegacia do Ministério de Educação e Cultura, d) Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí, e) Universidade Federal do Piauí, f) Associação dos Professores do Estado do Piauí e g) Centro de Estudos e Recreção do Magistério Piauiense.

§ 1º — Os representantes de cada Instituição mencionada neste artigo serão designados até o dia 01 de agosto de cada ano, por ato do titular da pasta respectiva.

§ 2º — Em caso de alguma das instituições não apresentar seu representante legal, a vaga será preenchida pela Secretaria da Educação.

Art. 9º — Caberá à Comissão definir a dinâmica de seu funcionamento, critérios de análise dos trabalhos e de arbitragem da seleção, reunindo-se de 01 de agosto a 15 de outubro de cada ano.

§ 1º — A critério da Comissão Julgadora, e sob sua inteira responsabilidade, poderá ser solicitado parecer técnico de especialistas de renome das Ciências da Educação no Estado e no País, sobre determinado trabalho concorrente ao Prêmio.

§ 2º — A Comissão é soberana para julgamento, não cabendo recurso ou revisão de trabalhos não-classificados.

CAPÍTULO VI — Entrega do Prêmio e da Publicação dos Trabalhos

Art. 10 — O Prêmio "Educação" será entregue aos três primeiros classificados no dia 15 de outubro de cada ano, em solenidade presidida pelo Secretário de Estado da Educação, com ampla divulgação pela imprensa.

Art. 11 — Os trabalhos classificados nos três primeiros lugares serão editados pela Secretaria da Educação, distribuindo-se seus exemplares às Escolas do Sistema Estadual de Ensino do Piauí, Universidades brasileiras, centros de pós-graduação, bibliotecas de faculdades de Educação, bibliotecas públicas, instituições de pesquisa e Secretarias Estaduais de Educação e Cultura das Unidades Federadas.

Parágrafo Único — Os autores dos trabalhos classificados nos três primeiros lugares cedem os seus direitos autorais à Secretaria da Educação, por os fins de que trata este artigo.

CAPÍTULO VII — Disposições Gerais e Transitórias

Art. 12 — Os trabalhos deverão ser inéditos, não sendo aceitas dissertações ou teses apresentadas para obtenção dos graus de mestrado ou doutorado.

Art. 13 — Toda a correspondência bem como as atas de reuniões relativas ao Prêmio terão caráter confidencial.

Art. 14 — A Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí designará um Secretário-Executivo para a administração do Prêmio, inclusive no que se refere aos aspectos financeiro-administrativos, devendo a indicação recair em servidor de seu quadro de pessoal ou do quadro da Secretaria da Educação.

Art. 15 — O Prêmio a ser atribuído em 1985 terá a seguinte composição:

Classificação	Prêmio Honorífico	Prêmio em ORTN's
1º Lugar	"Mérito da Educação 85"	164
2º Lugar	"Mérito da Educação 85"	82
3º Lugar	"Mérito da Educação 85"	41

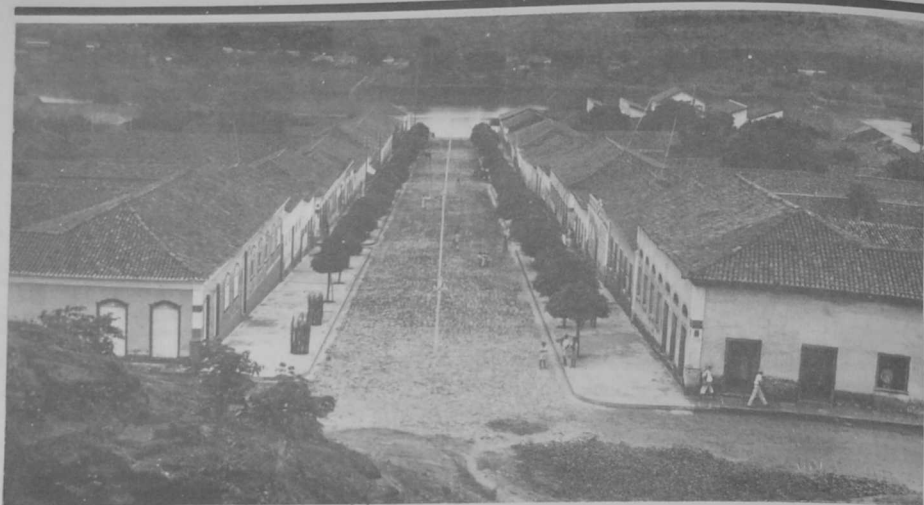
§ 1º — A denominação do Prêmio Honorífico "Mérito da Educação" anualmente será atualizado ao ano correspondente.

§ 2º — As ORTN's consignadas neste artigo poderão ser confirmadas ou reajustadas, a partir do ano de 1986 e anualmente, por ato do Secretário da Educação, aprovando proposta da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí.

Art. 16 — Este Regulamento entra em vigor a partir da data em que for publicado no Diário Oficial do Estado do Piauí.



Secretaria da Educação do Piauí
30 ANOS
Por uma Escola Democrática



Amarante - Avenida Desembargador Amaral, vendo-se ao fundo o Rio Parnaíba.

Sangue foi escrito, em grande parte, em Teresina, onde chegou, em 1900, com 15 anos, para concluir os preparatórios no Liceu Piauiense. Nota-se, desde logo, sua cultura, apesar da idade e o conhecimento perfeito da língua, o que força um paralelo mental sobre a educação moderna. Sangue, em cujos versos cita Edgar Allan Poe e Dante Alighieri, revela, de acordo com a opinião dos críticos, influência de Cruz e Souza, Antero de Quental, Verlaine, Francis Jammes, Antônio Nobre, Cesário Verde e Mallarmé, a provar sua sofreguidão de leitor.

Lançada em Recife, pela Livraria Francesa, o livro foi sucesso de público e de crítica. Andrade Muricy acentua que "trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo" e revelava "alguém que canta com uma virtuosidade harmoniosa, um belo ímpeto arrebatado". Para Olegário Mariano foi das "mais expressivas estréias" que pôde aplaudir em sua vida. Mário Rodrigues compara-o a Edgar Poe, Leopardi, Cruz e Souza e Álvares de Azevedo. Em conferência sobre grandes vultos piauienses, Christino Castello Branco depôs:

"Não houve então, no Recife, quem desconhecesse o poeta de Sangue, apontado, aclamado por toda a gente como a encarnação perfeita da arte e da poesia. O seu retrato, ampliado, pelo fotógrafo e iluminado pelos esplendores de sua obra, esteve exposto durante um mês na Livraria Francesa".

Nítidas, desde a estréia, as três grandes fontes de inspiração: o amor materno, o rio Parnaíba e Amarante, a cidade em que nasceu em 23 de novembro de 1885, na Rua das Flores. A paixão telúrica domina os versos, dá-lhes um ritmo peculiar, um dizer triste, claro, conciso, sem esquivas e, por isto, seco, mas termo como seu chão. Em carta ao Desembargador Esmaragdo de Freitas, reproduzida por O. G. Rego de Carvalho, dedicados literatos piauienses, confessa o poeta a saudade, expõe a alma: "A nostalgia de minha terra vem-me, quando em vez, numa toada de reza. E tenho a idéia de revê-la com a vontade de Anteu: experimentar a vista no estirão do rio, penetrar os pulmões dos eflúvios da mata e ouvir, a mão em concha, o mugido dos bois".

Esse sentimento telúrico refletiu-se muito bem no livro *Zodiaco*, lançado em 1917, em que transborda o coração do poeta seu amor pela natureza. Mais do que prenúncio do modernismo ou pela curiosidade de coleção de poemas em que não se fala de amor, *Zodiaco* tornou-se famoso como um canto de defesa ecológica, antecipando-se a uma consciência que somente agora começa a existir.

Interessante constatar a visão panteísta, a compreensão da pequenez do homem no mundo, a reverência permanente à natureza. Tinha a humildade de procurar o sentido da existência, buscar o espírito na sensitiva que descreve: "Contraí as folhas, num retraimento/ brusco e sensível de mulher esquiva/ ao mesmo tempo tímida e lasciva/ à cominação de um ósculo violento". E termina indagando: "Existe, acaso, no pequeno arbusto/ alma que vibre, cândida e ner/ num sentimento de pudor tão justo?".

Zodiaco é devoção, pois. Nele incluiu os poemas da fauna, onde o ritmo das palavras identifica e expressa os animais, vistos numa manifestação de caráter. É primor de ironia a conclusão de "O Sapó" com este terceto: "E sob à superfície o rei das rãs, rotundo/ glabro e inchado, a coaxar no lamaçal do charco/ como o ser mais soberbo e singular do mundo". O poema "As Árvores" tem clara conotação animística, expressa desde o início: Sentimento de vida em que se inflamam/ Penso que também sentem, também amam/ Quando vão florescendo e produzindo".

O seu gênio poético concedeu-lhe não apenas a precisão da frase, o som da rima, mas levou-o a uma interpretação cósmica notável para sua época e, ainda hoje, caminho a ser percorrido pela ciência, que mal começa a ser desvendado. A compreensão de que o homem não está isolado no Universo e as plantas e animais receberam o mesmo sopro, ele alcançou pela inquietação do espírito, ávido de conhecimentos, e na busca incessante das razões da existência. A sua angústia é, muito, da incompreensão da vida, do querer interpretar o destino.

Em *Zodiaco*, também, hinos ao sol, ao mar e à terra, escritos em losango, como

"Madrigal de um Louco", produção da juventude, incluído em "Sangue". Seria preocupação com a forma na poesia ou diversão de quem dominava sua arte? Escreveu no mais puro estilo quincentista e seiscentista e nem por isto pregava o retorno ao português antigo, que conhecia tão bem.

Da Costa e Silva tem sido classificado como simbolista. Prefiro vê-lo, ao contrário, como um poeta que independe de escolas. Não se prendia a convenções, não se continha em limites alheios. Por isto, uma análise crítica acurada encontrará, decerto, marcas de várias correntes literárias, influências diversas. Encontro nele, mais do que o estilista, o homem que soube expressar sua terra e povo. Isto é que imortaliza sua obra, não a semelhança com este ou aquele poeta. Em *Zodiaco*, onde ensaiou novas formas, abriu caminhos poéticos, brilha claro, infantil, puro, o soneto que dedicou a Amarante, pequena cidade que transformou na recordação de todos que nasceram em cidades pequenas, interiores, pela forças de seus versos, ternura das imagens.

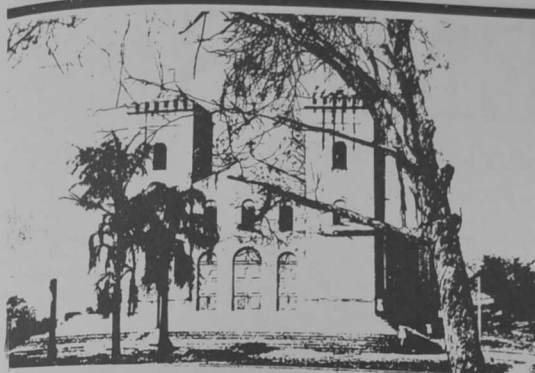
"A minha terra é um céu, se há um céu
[sobre a terra:
É um céu sob outro céu, tão limpo e tão
]brando

Que eterno sonho azul parece estar
[sonhando
sobre o vale natal, que o seio à luz
]descerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra
Junto à paisagem verde, a igreja branca, o
]bando
das casas, que se vão, pouco a pouco,
]apagando
com o nevoento perfil nostálgico da serra.

Com o seu povo feliz, que ri das próprias
]mágoas,
Entre os três rios, lembra uma ilha, alegre
]e linda,
a cidade sorrindo aos osculos das águas.

Terra para se amar com o grande amor
]que eu tenho



Terra onde tive o berço e de onde espero
[ainda
Sete palmos de gleba e dois braços de
]lenho.

A vida de Da Costa e Silva foi contínuo sacrifício, desencanto, mas indiscutível a resolução constante de lutar, atingir a glória sonhada desde a infância, anseio claramente perceptível em vários de seus poemas. Aprovado em concurso que realizou no Piauí, em 1906, quatro anos depois passou a integrar os quadros do Ministério da Fazenda, servindo em Belo Horizonte, São Paulo, Manaus, Recife, São Luís, Rio de Janeiro e Porto Alegre, onde se encontrava em 1930. Não aderiu à Revolução porque exercia cargo de chefia e lhe cabia, como acentuou no discurso com que agradeceu as homenagens ao despedir-se dos pampas, dar a "cada funcionário o valor que o seu trabalho lhe assegurava, sem indagar de suas opiniões, sem permitir que como cidadãos livres e conscientes, sofressem o menor constrangimento nas suas crenças e simpatias políticas".

Tinha, portanto, vocação liberal, democrata, que o fez defender, em carta a Esmaraldo de Freitas, "o regime de consciência e liberdade, idealizado pelo Velho Rui" e por este princípio chegou a aceitar a inscrição na chapa do Partido Republicano Liberal do Piauí em 1923, quando não podia mais exercer atividades políticas. Não transigia com a defesa da moralidade pública

e muitos reconhecem que a luta contra a corrupção na Delegacia Fiscal do Tesouro, em São Paulo, agravou seu processo de demência, iniciado com a morte da primeira esposa, Alice, em 1919.

Verônica, o livro dessa saudade, editado em 1927, é repleto de ternos e sentidos poemas de desconsolo, sofrimento. Todos, porém, um lamento seco, conciso, em que o poeta não procura compaixão, nem derrama as mágoas, mas lança-as na correnteza da vida e as contempla como parte do destino ingrato que o levou a escrever: "Ah, com que vã resignação maldigo/ que a tesoura que me cortou o umbigo/ não cortasse também minha mortalha".

Admirável a visão profética do que o esperava - longo período de loucura - quando observa em um verso que "anoitecia em meu pensamento" e, em outro, "Já cansei de sofrer. Vou agora sonhar". E sonhou anos em que sua nova esposa, Creusa, com que se casou em 28 e teve três filhos, envolveu-o em ternura e nos quais oscilava períodos de depressão com fases de lucidez. Destruído como poeta antes de completar 50 anos, seu último canto foi "O Carrssel Fantasma" em que retornou à infância "porque a saudade me levou à longínqua Amarante/ que cisma, talvez, por mim, debruçada sobre as águas lentas e sonolentas do Parnaíba/ a rolar para o mar como eu para o mistério".

Até morrer, em 25 de junho de 1950, Da Costa e Silva foi procurado, e muito, pelos conterrâneos que batiam em sua casa pedindo

para conhecer, ver o poeta. Ele podia estar morto para todas as correntes literárias, esquecido por todos que conheciam de cor seus poemas, mas era para nós, como hoje e será amanhã, uma presença real, parte de nosso solo, centelha dos corcosos e, sobretudo, corrente do Parnaíba.

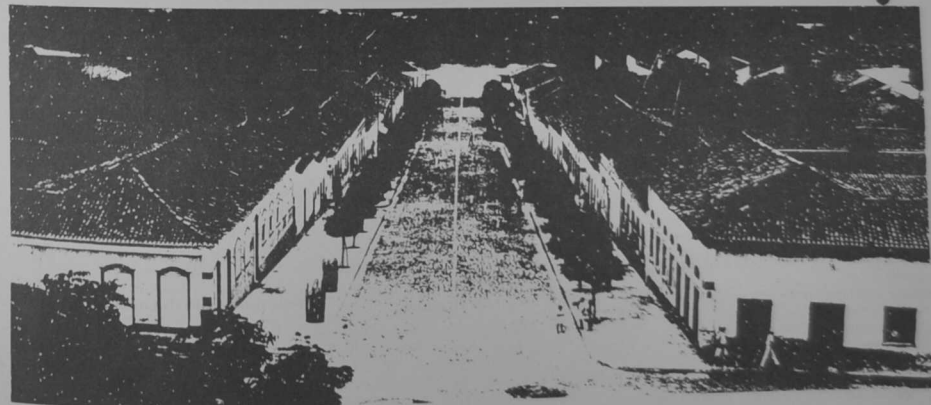
Certa feita lamentou, a estudantes de sua terra, que foram visitá-lo em Fortaleza, onde todos o homenageavam: "Eu já não escrevo, já não faço versos. Morreu em mim o sabiá que cantava..." Enganou-se. Seu canto é dos que não morrem, dos que ficam no ar, e persistirá enquanto houver quem recite com sotaque piauiense, como faço agora, o poema Saudade, ditado em 1907 a seu amigo Christino Castello Branco:

"Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O cabure com frio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando,
[piando...
E, ao vento, as folhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de nevoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba - velho monge
As barbas brancas alongando, E, ao longo,
o mugido dos bois da minha terra.



POEMAS

A Vingança dos Deuses

A Da Costa e Silva

Roce embora o carvalho o azul do céu
com a rama,
e embora suba o poeta em sonho o
eterno Azul,
— ainda assim, tem aquêla as raízes
na lama
e o último tem os pés plantados no
paul...

Sô a nuvem, que passa, aureola,
um instante apenas,
a cabeça do rei cansado da floresta:
o orvalho, que reflete as estrelas
serenas,
câi na relva do chão como um riso de
festa...

Enquanto o vento, uivando, eriça a
coma alivia
da árvore que dá sombra, e fruto, e
abrigo aos ninhos,
a água passa cantando uma canção
festiva
por entre as relvas más de acerados
espinhos...

E no roble, que toca o céu com o
próprio galho,
e ostenta no alto o sol, como um fruto
maduro,
e as estrelas também, como gotas de
orvalho,
que o raio câi como uma praga de
esconjuro.

Si ainda queres viver, vérga, como a
canção,
a frente à tempestade... Humilha-te,
com fome,
vendo a pender do ramo o áureo
fruto outonico...
— Apaga-te no pó, com o teu gênio e
o teu nome...

Ser muito grande ofende os deuses
inimigos,
e ser muito maior que o comum dos
mortais

tira-nos o sossêgo e arranca-nos a paz,
para nos cumular de pragas e
castigos...

Ser grande, entre os demais, ainda é
um pecado contra a natureza... E ser
maior que os outros há-de,
por força, meu irmão, si isso raro se
encontra,
ser um pecado contra a própria
divindade...

Graça enorme é sentir a divina
beleza, —
primavera do céu sorrindo à alma da
gente, —
que a tudo empresta um sentimento
de surpresa,
porque a beleza cria as coisas
novamente...

Poder sentir o sortilegio indefinido, —
deslumbramento, encanto, amavio ou

fascínio, —
que vibra em luz no olhar, e em
música no ouvido;
vêr a lua subindo, e o sol no seu
declínio;

a terra em flôr, e o mar; os pássaros e
a aurora,
que é um gênese feliz cada manhã do
mundo;
e, de máscara negra, a noite, que
devora
em lágrimas o dia; e ainda olhar, bem
no fundo,

atônito, a alma humana, — é uma
alegria imensa,
um consôlo sem par a todas as
torturas,
uma inefável e suprema recompensa
ao mal de ter nascido entre as outras
creaturas...

Si abrem rosas no chão, verdadeiras e
belas,
quando o corpo de um santo é cortado
de açoite,
a alma do poeta é como o céu cheio de
estrelas,
porque no coração do poeta é sempre
noite...

O poeta e uma roseira estrelada de
rosas:
chega o vento e sacode-a, e ela atrai
no chão,
de uma só vez, as suas petalas
radiosas, —
gotas de sangue do seu próprio
coração...

Criaste de novo o mundo, á féição do
teu sonho, enquanto os deuses o
criaram uma só vez:
e por isso, talvez, o castigo medonho,
como o raio que câi no carvalho
montês.

Abriste a copa ao vento e cada folha,
ao vento,
espalhou-se no mundo, arrebentando
em verso,
qual si a gente estivesse a vêr, em
pensamento,
como arvore de luz, esfolhar-se o
universo...

É no roble que toca o céu com o
próprio galho,
e ostenta no alto o sol como um fruto
maduro,
e as estrelas também, como gotas de
orvalho,
que o raio câi como uma praga de
esconjuro.

Teu cérebro anoitece, em sombras... E
a esperança
diz, rindo, ao coração os ultimos
adeuses...
— A demencia é, de certo, ainda a
melhor vingança
dos deuses, contra quem foi maior do
que os deuses...

MAIO, 1938.

MARTINS NAPOLEÃO
Extraido da Revista da Academia
Piauiense de Letras - Ano XXI -
Nº 17 Teresina - Piauí.

Moenda (2)

A memória de Da Costa e Silva

Mói, moenda, mortífera metralha
no martelar metálico e mortal!
mói e mata-me o sonho vertical
no marejar matriz dessa mortalhal

Mói, o motor movente universal
no mundo provará que nunca falha!
mói, moenda, mentira que agasalha
no copo levantado, triunfal...

Mói e mói! e moendo muitas vidas
no monótono desse teu matar
mói de mim totalmente essas feridas...

no entanto teu boi a ruminar
mói e remói lembranças bem sofridas
no trágico tormento a triturar!...

Cid T. de Abreu

(Prof. de Filosofia da Educação da UFPI).

NA *Jet* VOCÊ
COMPRA A PREÇOS
BEM MAIS EM
CONTA DO QUE
VOCÊ IMAGINA.

Jet

Máquinas de escrever e calcular,
móveis de escritório e residencial, fogões, geladeiras,
televisores, equipamentos de som,
telefones e muitos outros.

As melhores marcas e os mais variados modelos,
em exposição em qualquer loja *Jet*

Jet

Esta marca você conhece.

Matriz - Paissandu-1033-Galeria - Alvaro Mendes-1173

Cine-Foto-Som — Alvaro Mendes-1173 • Filial - Rui Barbosa-113

